

Evaldo Lima  
Nonato Nogueira

# PADRE HAROLDO

uma biografia

**EDIÇÕES  
INESP**



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

# **Padre Haroldo: uma biografia**

Evaldo Lima  
Nonato Nogueira

# Padre Haroldo: uma biografia

**INESP**

Fortaleza

2022

Copyright © 2022 by INESP

Coordenação Editorial

**João Milton Cunha de Miranda**

Assistente Editorial

**Rachel Garcia, Valquiria Moreira**

Diagramação

**Mario Giffoni**

Capa

**José Gotardo Filho**

Revisão

**Vânia Monteiro Soares**

Coordenação de impressão

**Ernandes do Carmo**

Impressão e Acabamento

**Inesp**

**Edição Institucional da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará**

**VENDA E PROMOÇÃO PESSOAL PROIBIDAS**

Catalogado na Fonte por: Daniele Sousa do Nascimento CRB-3/1023

L732p      Lima, Evaldo.  
Padre Haroldo [livro eletrônico]: uma biografia / Evaldo Lima,  
Nonato Nogueira. – Fortaleza: INESP, 2022.  
136p. : il. color. ; 6280 Kb ; PDF

ISBN: 978-65-88252-75-8

1. Coelho, Haroldo, 1935-2013. 2. Haroldo, Padre – biografia.  
I. Nogueira, Nonato. II. Ceará. Assembleia Legislativa. Instituto de  
Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado. III. Título.

CDD 922

Permitida a divulgação dos textos contidos neste livro,  
desde que citados autores e fontes.

**Inesp**

Rua Barbosa de Freitas, 2674

Anexo II da Assembleia Legislativa, 5º andar

Dionísio Torres

CEP 60170-900 – Fortaleza - CE - Brasil

Tel: (85)3277.3701 – Fax (85)3277.3707

al.ce.gov.br/inesp

inesp@al.ce.gov.br

## APRESENTAÇÃO

**A** defesa da democracia, as lutas em prol da justiça social e a militância libertária marcaram a vida do cidadão e sacerdote Haroldo Coelho, no Ceará, no Brasil e em países da América Latina. As favelas e os bairros pobres de Fortaleza têm suas histórias marcadas pela atuação do padre e daqueles que foram seus parceiros nas lutas por um mundo melhor.

A obra, de autoria dos historiadores Evaldo Lima e Nonato Nogueira, faz referência a várias passagens da vida do Padre Haroldo: sua militância nas Comunidades Eclesiais de Base e no movimento de educação de base, com o método desenvolvido por Paulo Freire. Também historiciza os oito anos que passou refugiado na França, onde estudou Filosofia e Teologia, nos tempos da Ditadura Militar no Brasil. A narrativa, também, lembra de sua presença no Pirambu, dando continuidade à obra de Padre Hélio, e à sua ligação com o povo do tradicional bairro, rico de movimentos políticos e culturais.

A Assembleia Legislativa do Estado do Ceará – Alece, por meio do seu Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará – Inesp -, agradece aos autores desta obra, ao tempo em que reconhece sua importância para aproximar os cidadãos do trabalho legislativo, tendo em vista o exemplo de luta do biografado nas diversas áreas de políticas públicas, como Saúde, Educação e Assistência Social, intermediando as demandas da sociedade.

**Deputado Evandro Leitão**

Presidente da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará



## PREFÁCIO

O Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará - Inesp -, criado em 1988, é um órgão técnico e científico de pesquisa, educação e memória. Ao idealizar e gerenciar projetos atuais que se alinhem às demandas legislativas e culturais do Estado, objetiva ser referência no cenário nacional.

Durante seus mais de 30 anos de atuação, o Inesp prestou efetiva contribuição ao desenvolvimento do Estado, assessorando, por meio de ações inovadoras, a Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Dentre seus mais recentes projetos, destacam-se o "Edições Inesp" e o "Edições Inesp Digital", que têm como objetivos: editar livros; coletâneas de legislação; e, periódicos especializados. O "Edições Inesp Digital" obedece a um formato que facilita e amplia o acesso às publicações de forma sustentável e inclusiva. Além da produção, revisão e editoração de textos, ambos os projetos contam com um núcleo de Design Gráfico.

O "Edições Inesp Digital" já se consolidou. A crescente demanda por suas publicações segue uma média de quarenta mil downloads por mês e alcançou um milhão de acessos. As estatísticas demonstram um crescente interesse nas publicações, com destaque para as de Literatura, Ensino, Legislação e História, estando a Constituição Estadual e o Regimento Interno entre os primeiros colocados.

O livro *\_ Padre Haroldo: uma biografia \_* é mais uma obra que compõe o diversificado catálogo de publicações do "Edições Inesp Digital" e que, direta ou indiretamente, colaboram para apresentar respostas às questões que afetam a vida do cidadão.

**Prof. Dr. João Milton Cunha de Miranda**

Diretor Executivo do Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o  
Desenvolvimento do Estado do Ceará



# SUMÁRIO

<b>1 OS AUTORES</b> .....	<b>11</b>
<b>2 LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS</b> .....	<b>13</b>
<b>3 COMO SE FOSSE UM PREFÁCIO</b> .....	<b>15</b>
<b>4 PADRE HAROLDO</b> .....	<b>19</b>
<b>5 COMEÇA A HISTÓRIA</b> .....	<b>21</b>
5.1 A Igreja, a Política e a Esquerda .....	28
5.2 Pra não dizer que não falei das flores .....	35
5.3 Pai afasta de mim esse cálice.....	44
5.4 A volta do irmão do Henfil .....	52
5.5 As comunidades eclesiais de base .....	75
5.6 O discurso político da Teologia da Libertação .....	85
5.7 Padre Haroldo no Pirambu .....	93
5.8 O padre e a estrela que brilhou em Fortaleza .....	104
5.9 Revoluções por minuto .....	113
5.10 O povo de deus reza, trabalha e se diverte .....	121
5.11 O adeus ao velho homem de fé e da luta.....	123
<b>6 FONTES</b> .....	<b>125</b>
6.1 Oraís: .....	125
6.2 Arquivo pessoal e acervo do CPDOC/Pirambu .....	126
6.3 Periódicos: .....	126
<b>7 REFERÊNCIAS</b> .....	<b>128</b>



# 1 OS AUTORES

## **Evaldo Lima**

Professor e torcedor do Ferroviário, graduado em História pela Universidade Estadual do Ceará – UECE e bacharel em Direito pela Universidade Federal do Ceará – UFC. Foi secretário de esporte e lazer de 2008 a 2012, secretário de cultura de Fortaleza de 2017 a 2018, vereador eleito, de 2013 a 2020, exercendo em ambas as legislaturas a presidência da Comissão de Educação da câmara municipal. Casado com a professora Marisa Aquino, é pai do Lucas e Marco Aurélio.

## **Nonato Nogueira**

Mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará – UECE. Especialista em História do Brasil – INTA e Filosofia Política – UFC. Licenciado em Filosofia e História – UECE. Professor da Rede Pública de Ensino. Autor de livros didáticos de História e Geografia do Ceará e Filosofia do Ensino Fundamental.



## 2 LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABC – Cidades paulistas de Santo André, São Bernardo do Campo e São Caetano.

ACB – Ação Católica Brasileira.

ACR – Ação Católica Rural.

ACO – Ação Católica Operária.

Adufc – Associação dos Docentes da Universidade Federal do Ceará.

AI-5 – Ato Institucional Número Cinco.

AP – Ação Popular.

ANL – Aliança Nacional Libertadora.

CEB's – Comunidades Eclesiais de Base.

CNBB – Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

COE – Comando de Operações Especiais.

Coelce – Companhia de Energia Elétrica do Ceará.

CPT – Comissão Pastoral da Terra.

CSU – Centro Social Urbano.

COC – Círculos Operários Católicos.

CPM – Centro Popular da Mulher.

CSA – Centro Social Arquidiocesano.

DCE – Diretório Central dos Estudantes.

DOI-CODI – Destacamentos de Operação Interna (DOI) e Centros de Operações e Defesa Interna (CODI).

Fase – Federação dos Órgãos Para a Assistência Social.

FBFF – Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza.

FDC – Fundo de Desenvolvimento do estado do Ceará.

Grita – Grupo Independente de Teatro Amador.

IAB-Ce – Instituto dos Arquitetos do Brasil, Secção Ceará.

Icre – Instituto de Ciências Religiosas.

JAC – Juventude Agrária Católica.

JEC – Juventude Estudantil Católica.  
JIC – Juventude Independente Católica.  
JOC – Juventude Operária Católica.  
JUC – Juventude Universitária Católica.  
LCR – Liga Comunista Revolucionária.  
LEC – Liga Eleitoral Católica.  
MDB – Movimento Democrático Brasileiro.  
MEB – Movimento de Educação de Base.  
MFA – Movimento Feminino Pela Anistia.  
MRCC – Movimento de Renovação Carismática Católica.  
OAB – Ordem dos Advogados do Brasil.  
ONU – Organização das Nações Unidas.  
Part – Partido da Revolução dos Trabalhadores pela Emancipação Humana.  
PCB – Partido Comunista Brasileiro.  
PCdoB – Partido Comunista do Brasil.  
PFL – Partido da Frente Liberal.  
PRC – Partido Revolucionário Comunista.  
POR – Partido revolucionário Operário.  
PRO – Partido da Revolução Proletária.  
Proafa – Programa de Remoção de Favelas.  
PT – Partido dos Trabalhadores.  
PTdoB – Partido Trabalhista do Brasil.  
PSB – Partido Socialista Brasileiro.  
PSOL – Partido do Socialismo e Liberdade.  
RCC – Renovação carismática Católica.  
SNI – Serviço Nacional de Informação.  
PEB – Programa de Educação de Base.  
UECE – Universidade Estadual do Ceará.  
UMC – União dos Moços Católicos.  
UMC – União das Mulheres Cearenses.

### 3 COMO SE FOSSE UM PREFÁCIO

**Hélio Leitão**

Presidente da Comissão Nacional de Direitos Humanos da  
Ordem dos Advogados do Brasil (OAB)

Em muito boa hora os professores Evaldo Lima e Nonato Nogueira trazem a público este PADRE HAROLDO COELHO. HOMEM DE FÉ E DE LUTA, em que pretendem – e conseguem, recuperar a memória de uma das personalidades mais marcantes, dirse-ia-se icônica até, da vida política, cultural e religiosa da cidade de Fortaleza das últimas décadas do século XX e começos deste século XXI.

Em texto fluído, de leitura prazerosa e liberta dos excessos do rigorismo acadêmico que fazem do ato de ler, muitas vezes, um exercício árduo, sem, todavia, descuidarem da acuidade histórica e do recurso a fontes sempre autorizadas, como de resto é próprio à formação dos autores, a obra traça a trajetória de vida do padre Haroldo Coelho, desde seu nascimento naquela Fortaleza ainda provinciana dos idos de 1935, anos de imensa efervescência intelectual e política no Brasil.

Sepultada a chamada “Velha República” pela revolução liberal-burguesa de Getúlio Vargas, naquele mesmo ano de 1935 viria a eclodir a tentativa de tomada do poder pelos comunistas, liderados pelo capitão Prestes, que, anos antes, havia rasgado o Brasil de ponta a ponta com a sua antológica “coluna” tenentista, expondo as vísceras de um país injusto, desigual e condenado ao subdesenvolvimento

Dava-se, então, a segunda fase do movimento modernista de 1922, em que pontifica a geração do “Romance de 30”, cujas obras têm caráter regionalista e forte tom de denúncia social, de que foram as maiores expressões José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, José Lins do Rego e Jorge Amado, este último o autor predileto de Haroldo quando jovem, não por acaso tomado de empréstimo nas palavras de abertura deste livro.

De família humilde e católica, o menino Haroldo cedo encarnaria o espírito subversor daqueles tempos. Logo se deixou seduzir pelos ideais de partilha e igualitarismo que informam o humanismo cristão. Participar dos rituais da Primeira Eucaristia de pés descalços para não distinguir-se das outras crianças que sequer tinham sapatos, na forma como lhe havia advertido o padre a cargo dos ritos eucarísticos e relatado neste livro, parece ter sido a centelha que o lança nos braços do cristianismo e para a vida sacerdotal.

O comprometimento radical com os autênticos valores do evangelho, aliado à insubmissão característica de seu espírito – ainda no seminário era dado a leituras proibidas, de Jorge Amado a Karl Marx –, logo conduziria a que o seminarista, o noviço e depois o clérigo se insurgissem contra as regras de ferro que engessavam as estruturas profundamente fossilizadas de uma igreja ainda não bafejada pelos ares do Concílio Vaticano II.

Abraçada a vida religiosa, a indignação do jovem padre com as injustiças do mundo logo o fariam cerrar fileiras junto a religiosos e leigos adeptos da nascente Teologia da Libertação. Era uma nova visão do Evangelho que, a partir da realidade socioeconômica de uma América Latina historicamente espoliada pelo grande capital internacional, passa a ganhar consistência teórica e foros de institucionalidade com as Conferências Gerais do Episcopado Latino-Americano de Medellín, Colômbia (1968) e Puebla, México (1979).

Pretendia-se uma igreja comprometida com a luta política em prol dos oprimidos do sistema, uma clara “opção preferencial pelos pobres”, inspirado no evangelho e na ética cristã, afinal seria mais fácil um camelo passar pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no reino dos céus...

A opção teológica de padre Haroldo custou-lhe alguns anos de exílio na França. Ali, foi de vontade própria, nos começos dos anos 1970, mas foi proibido de voltar ao Brasil pelos militares no poder.

Interessantíssimo o trecho da obra em que, tendo o bairro Pirambu como a arena em que se dava a queda de braço entre os padres Gaetan de Tillesse, alinhado com a visão conservadora da igreja e sua Renovação Carismática Católica, e padre Haroldo e seu evangelho libertador, os autores descrevem com competência e acurácia as divisões e antagonismos que imperavam, então, no seio da igreja.

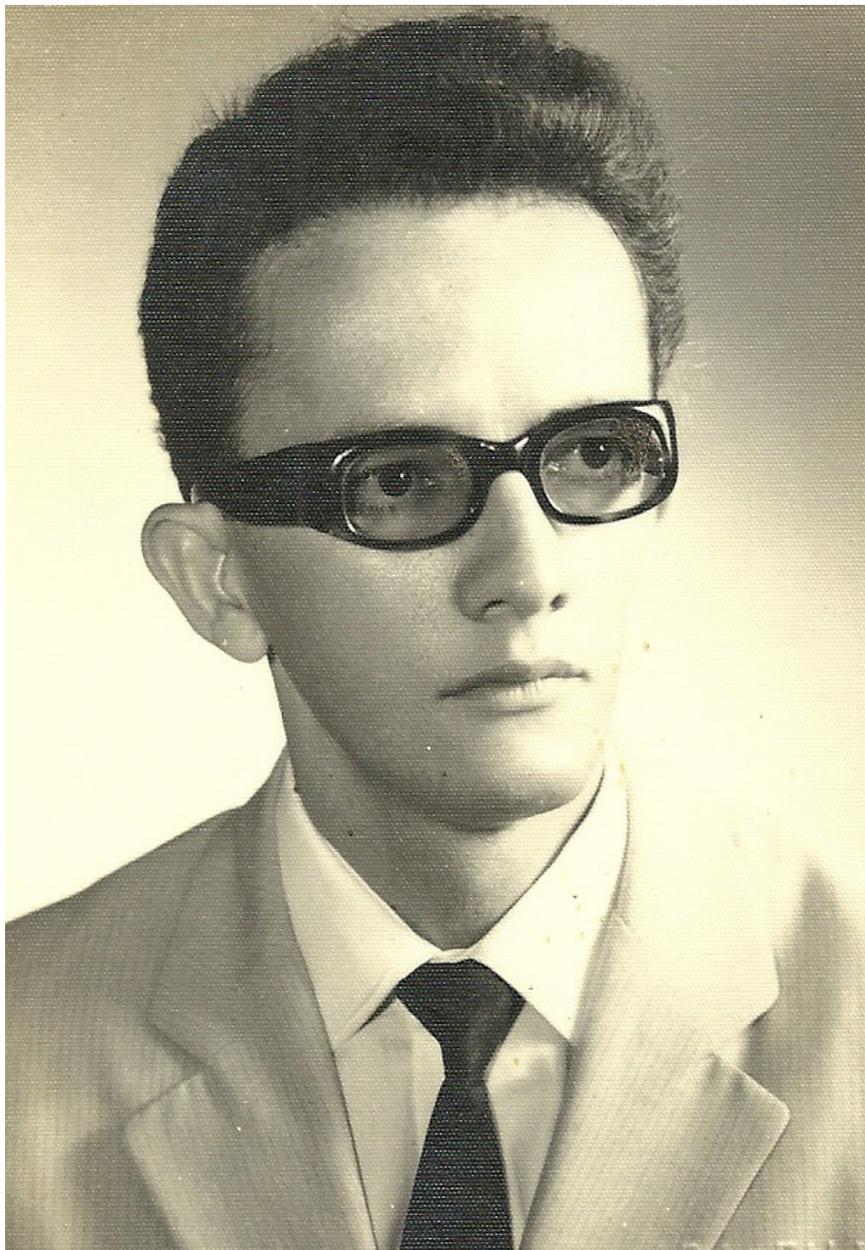
Daí para que o sacerdote do povo migrasse para a política partidária foi um passo curto.

Secretário de Educação do município de Fortaleza sob o governo de Maria Luiza Fontenele, primeira mulher prefeita de uma capital; candidato ao governo do estado; militante partidário. Não foram poucas as frustrações e decepções com a política partidária e seus limites. Sem jamais se deixar abater ou, como disse um revolucionário argentino-cubano, perder a ternura.

Promove-se, aqui, a eternização do legado de padre Haroldo e sua vida voltada ao serviço dos mais pobres e deserdados da sorte, pautada pelos mais genuínos valores do cristianismo. Fica a certeza de que só a organização popular e a luta social podem construir um mundo mais justo e fraterno. Um mundo bem ao gosto de padre Haroldo, onde ele poderia torcer pelo seu Ferroviário, time de sua paixão, com a alma ainda mais leve.

Mais não conto para não estragar o prazer da leitura e as descobertas que proporciona. Boa viagem pelo mundo de padre Haroldo.

**Figura 1** - José Haroldo, década de 1960.



Fonte: Arquivo pessoal.

## 4 PADRE HAROLDO

**Dora Gadelha**  
Professora IFCE

Bote Fé! Assim nós cantamos e fizemos uma campanha alegre, firme e determinada para o governo do Ceará em 1986. O candidato? O nosso amado Pe. Haroldo! Um querido por todos que o conheceram.

Conheci Padre Haroldo logo que ingressei na UECE. Nas atividades de recepção dos novos calouros da minha turma, ele fez uma apresentação sobre a sua viagem pela América Latina. Atento às lutas de libertação latino-americanas trouxe para nós as imagens colhidas nessas viagens. Essas imagens, de forma misteriosa, logo seriam destruídas em uma invasão à sua casa. Sua "pequenina Nicarágua", El Salvador e Cuba estavam nas suas falas, sempre.

Ele, nos agitados anos 1980, era uma figura muito especial que inspirava estudantes universitários, sobretudo os da UECE, muitos, seus alunos de História Contemporânea. Era sinônimo de coragem e de compromisso social com os mais necessitados. Era o nosso escolhido para realizar o casamento dos jovens estudantes de esquerda naquele momento. Sabíamos que, nas suas palavras, estaria presente o desejo que permaneceríamos unidos pelo amor, mas, também, unidos nos caminhos das lutas por um mundo mais justo, igualitário e humano.

Padre Haroldo nos inspirou, nos motivou, nos informou, nos incentivou e nos protegeu. Faz uma falta enorme! Mas nós continuamos aqui, com muita saudade, com amor no coração e tentando seguir seu desejo de mudar esse mundo!

**Figura 2** - Título de Eleitor de José Haroldo Bezerra Coelho, datado de 6 de agosto de 1956.

**TÍTULO ELEITORAL**



85ª ZONA ELEITORAL  
Fortaleza

CIRCUNSCRIÇÃO *beirã* Nº. *755*  
INSCRIÇÃO

MUNICÍPIO OU DISTRITO *Fortaleza* *85ª* ZONA  
MUNICÍPIO OU DISTRITO

NOME *José Haroldo Bezerra Coelho*  
Ceará

DATA DO NASCIMENTO *24-3-1935* NATURALIDADE *Fortaleza beirã* ESTADO CIVIL *Solteiro*  
Francisco de Paula Coelho Maria Diana Bezerra Coelho

FILIAÇÃO *Estudante Rua Martins Neto 414 Antonio Bezerra*  
PROFISSÃO RESIDÊNCIA

VOTA NA *1ª* *Decima sétima* SECCÃO.  
José Haroldo Bezerra Coelho

EM *6-8-56* ASSINATURA DO ELEITOR *Manoel Luiz ...*  
JUIZ ELEITORAL

Fonte: Arquivo pessoal.

## 5 COMEÇA A HISTÓRIA

*O Largo da Sé pegara uma enchente naquela noite. Os homens se apertavam nos bancos, suados, os olhos puxados para o tablado onde o negro Antônio Balduino lutava com Ergin, o alemão. A sombra da igreja centenária se estendia sobre os homens. Raras lâmpadas iluminavam o tablado. Sol dados, estivadores, estudantes, operários, homens que vestiam apenas camisa e calça, seguiam ansiosos a luta. Pretos, brancos e mulatos torciam pelo negro Antônio Balduino que já derrubara o adversário duas vezes. (AMADO, Jorge. Jubiabá. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1935)*

Em 1935, o escritor baiano Jorge Amado publica seu quarto livro intitulado Jubiabá, narrando a história de Balduino, um dos primeiros heróis negros da literatura brasileira.

Foi, também, em 1935, numa manhã do dia 24 de março, em uma residência modesta, localizada à rua Pedro I, antiga Dom Pedro, que nasceu, em Fortaleza, José Haroldo Coelho Bezerra, quinto filho do casal Francisco de Paulo Coelho e Maria Diana Bezerra Coelho. Haroldo nasceu no seio de uma família de seis homens e duas mulheres, sendo o pai funcionário dos Correios e a mãe dona de casa ou "do lar".

Jorge Amado tornar-se-á um dos autores preferidos do jovem Haroldo, que, nos anos de seminário, terá como fuga a torcida pelo time do Ferroviário e as leituras dos romances desse autor baiano, talentoso e revolucionário, militante do Partido Comunista do Brasil – PCB.

Na então capital do país, Rio de Janeiro, no mesmo mês em que Haroldo nasceu, é lançada a Aliança Nacional Libertadora – ANL, organização política que buscava dar suporte às lutas populares tendo como presidente de honra Luís Carlos

Prestes, chamado por Jorge Amado de “O Cavaleiro da Esperança”. Apenas dois meses depois do nascimento do menino Haroldo, foi eleito governador do Ceará o líder católico Menezes Pimentel, candidato da Liga Eleitoral Católica – LEC. Menezes Pimentel governou o estado de 1935 a 1937, e como interventor, de 1937 a 1945. Foi em seu governo que ocorreu a destruição do Sítio Caldeirão, comunidade cristã primitiva, liderada pelo beato José Lourenço, localizada numa área fértil do Cariri, regida pelo trabalho coletivo e pela partilha.

O crescimento da ANL foi vertiginoso, com centenas de filiações de populares e a adesão de líderes políticos, servindo de pretexto para seu fechamento por decreto do governo Vargas em 11 de julho, quatro meses após a criação de seu diretório nacional provisório. Na ilegalidade, as atividades da ANL foram reprimidas e muitas lideranças foram presas. O PCB começou, então, um preparativo para uma insurreição. Em novembro de 1935, a revolta comunista acabou fracassando e seus líderes presos e torturados. Olga Benário, companheira de Prestes, grávida, é deportada e executada em uma câmara de gás na Alemanha Nazista.

Os episódios de 1935 abriram caminho às medidas repressivas e escalada autoritária do governo Vargas. O clima golpista foi a desculpa para o surgimento do Plano Cohen, uma fraude produzida pelo governo anunciando uma conspiração comunista para tomar o poder. Foi uma *fake news* que serviu de pretexto para a implantação do Estado Novo, iniciado no dia 10 de novembro de 1937, uma ditadura que, embora inspirada na ideologia positivista, flertava com os movimentos fascistas que proliferavam na Europa.

Como podemos perceber, Haroldo nasceu num período muito conturbado de nossa história. Enquanto o Brasil vivia a Era Vargas, na Europa regimes totalitários ameaçavam a democracia no período em que o mundo vivia o intervalo entre duas grandes guerras.

Após o ataque japonês a Pearl Harbor, em 1942, o governo Vargas solidariza-se com os Estados Unidos e o Brasil entra na

guerra ao lado dos Aliados. Nesse cenário, o pequeno Haroldo começava sua trajetória de fé. Nessa época, com sete anos, fez sua primeira eucaristia na Igreja do Senhor do Bom Jesus dos Aflitos, em Parangaba, com um fato que marcou profundamente sua vida. Antecedendo a celebração, comum às crianças nascidas em famílias cristãs, o padre reuniu os catequizados e comunicou que em razão de nem todos os pais poderem comprar sapatos para os filhos, as crianças deveriam participar descalços da iniciação cristã. O pequeno Haroldo ficou muito triste, pois seu sonho era usar os sapatos novos. Ao chegar à sua casa foi confortado por sua mãe com esta reflexão: "Meu filho, o padre tem razão, nem todas as crianças têm condições de utilizar sapatos porque muitas são mais pobres do que nós. E não é justo que algumas crianças compareçam de sapatos e outras de tamanco. Veja, Cristo deseja que todos sejam iguais, por isso o padre achar melhor que todos participem de forma unificada".

Esse fato inaugura de forma indelével na vida do menino a questão da pobreza e desigualdade entre os homens. As palavras do padre e as da mãe acabaram exercendo muito influência no seu desejo de um dia se tornar padre e combater a desigualdade.

Educado num ambiente religioso, o jovem Haroldo sempre se mostrou sensível às injustiças. Em 1942, aos 14 anos de idade, por intermédio do padre Geraldo Gondim, entrou para o Seminário Menor dos Padres Lazaristas, no bairro de Antônio Bezerra em Fortaleza.

Em 1951, com 23 anos, viajou para a Bahia, onde iniciou seus estudos de filosofia no Seminário Arquidiocesano Menor da Bahia, naquela época chamado de Seminário Central. Após terminar o colegial, em 1955, o jovem, cujo destino era ser um Lazarista, foi morar em Petrópolis, Rio de Janeiro, onde deu continuidade aos estudos filosóficos. Depois de algum tempo, percebendo que não tinha vocação para fazer votos de pobreza e viver congregado em convento, o jovem inquieto e rebelde optou pelo clero diocesano.

O trabalho numa diocese foi, sem dúvida, uma experiência muito importante na vida do jovem padre. Haroldo obteve um

rico crescimento espiritual em suas reflexões a partir da leitura do evangelho e da prática nos movimentos sociais. A simplicidade de Jesus Cristo foi, sem sombra de dúvida, um referencial em sua vida e motivação para o desejo de participar ativamente de uma Igreja sem ostentação e sem regulamentos mais rígidos. Concebia Jesus Cristo como um homem simples, que fazia o bem sem se importar com o dia da semana, já que seu compromisso era com os pobres.

No seminário de Petrópolis, as leituras foram fundamentais para a formação do jovem seminarista, embora a literatura da época nesse meio pregasse uma Igreja onde devia predominar o silêncio e apontava o comunismo como inimigo, sendo este uma das grandes preocupações da Igreja Católica, condenado na encíclica *Divinis Redemptoris*, emitida em 1937, pelo papa Pio XI (1922-1939).

Verifica-se em toda a Europa o alinhamento da Igreja Católica às forças mais conservadoras e, no Brasil, os bispos emitiram uma carta pastoral advertindo quanto ao perigo do marxismo, que, segundo eles, além de destruir a moral cristã, acarretaria a penúria material. Entre 1930 e 1964, a ameaça comunista continuava sendo uma das maiores inquietações dentro da Igreja.

Contudo, o jovem Haroldo, desenvolvendo uma consciência crítica, enxergava outra realidade fora dos muros do seminário. Enquanto no seminário se pregava a obediência, a castidade e a humildade, e por último o amor ao próximo, o jovem seminarista compreendia ser todos esses mandamentos importantes, mas o amor o maior deles.

Uma questão que, na época, muito incomodava Haroldo era a punição aplicada pelos superiores aos seminaristas que eram solidários com as pessoas que estavam precisando de ajuda. O jovem Haroldo tornou-se rebelde no interior da Igreja. Ele nunca aceitou com naturalidade o tratamento diferenciado entre os filhos de famílias ricas e os filhos de pobres dispensado pelos padres. Sempre sensível à injustiça, já no seminário não aceitava que os meninos fossem tratados de forma diferente. Contudo, essa mentalidade inquieta não abalou a sua vocação religiosa.

Quando estudava teologia, em Belo Horizonte, entrou em cartaz o filme *Terra Violenta*, baseado no romance *Terras do Sem-Fim* (1943) de Jorge Amado, produzido pela Atlântida Empresa Cinematográfica do Brasil S.A., e exibido, pela primeira vez, em 1949 no cine Art-Palácio em São Paulo. Haroldo não pensou duas vezes e fugiu do seminário para assistir ao filme, infringindo a proibição de padre ou seminarista irem ao cinema.

Desde o tempo em que vivia no Seminário Menor na Bahia, Haroldo tinha uma grande admiração por Jorge Amado, autor não recomendado no seminário. Mas, Haroldo, que gostava de aventuras, leu escondido todos os livros do escritor baiano publicados até 1955. Não foi só a obra de Jorge Amado que o jovem seminarista se aventurou a ler. Livros sobre sexualidade também não podiam ser lidos no seminário. Não é que o jovem seminarista leu um livro intitulado *Enciclopédia Sexual*, e para não ser descoberto pelos padres, colocava no livro que lia uma sobrecapa falsa, geralmente do livro de Santa Terezinha!

Ao ser surpreendido por um colega de quarto lendo a obra proibida, ouviu:

— Rapaz, se eu estivesse lendo esse livro, eu iria logo me confessar.

Haroldo indignado respondeu ao colega:

— Eu me confessar por quê? Só estou lendo sobre a vida. Deus é o autor do sexo.

Porém, antecipando-se a uma possível denúncia, Haroldo foi comunicar ao diretor espiritual que estava lendo o tal livro. O padre apenas perguntou ao jovem seminarista:

— Você leu esse livro mesmo? Mas foi bom ler?.

E os dois riram da situação.

No Rio de Janeiro, o jovem seminarista teve a oportunidade de conhecer o padre dominicano francês Thomas Cardonnel, um dos primeiros religiosos a falar em libertação dos pobres no Brasil, numa época em que nem se imaginava a existência da Teologia da Libertação.

O contato com as ideias do frei Cardonnel e os estudos na Faculdade de Filosofia Nossa Senhora Medianeira, em São Paulo, onde se licenciou em Ciências Sociais, ajudaram o jovem Haroldo a despertar para a missão de uma Igreja inserida na comunidade, ao lado dos pobres e dos oprimidos, uma semente plantada pelo padre de sua Primeira Eucaristia.

O primeiro contato com as ideias do frei Thomas foi na Faculdade de Filosofia do Rio de Janeiro. Nesse espaço acadêmico o padre dominicano francês proferiu várias palestras para grupos de intelectuais de esquerda. Por causa de suas ideias progressistas, frei Thomas foi o primeiro padre expulso do Brasil, não pelo Estado, mas pela hierarquia rigorosa e conservadora da Igreja Católica, que tinha na pessoa do cardeal do Rio de Janeiro, Dom Jaime Barros Câmara, seu principal representante.

As ideias sociais e políticas do frei Thomas exerceram forte influência entre os intelectuais do Rio de Janeiro no final da década de 1950. Mesmo sem utilizar o termo Teologia da Libertação, esse frade dominicano foi um dos primeiros religiosos a falar sobre a emancipação dos pobres no Brasil.

**Figura 3** - Padre José Haroldo Bezerra Coelho no início da década de 1960.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 4** - Padre José Haroldo Bezerra Coelho participa de celebração religiosa. Década de 1960.



Fonte: Arquivo pessoal.

## 5.1 A Igreja, a Política e a Esquerda

Dentro da lógica de competir com os sindicatos mais progressistas e combater o comunismo, a Igreja Católica investe na criação da Juventude Operária Católica – JOC, além dos Círculos Operários. Nessa conjuntura, entendeu que seu discurso deveria ser direcionado à reconquista do terreno perdido nos campos social e religioso. Desse modo, passou a mobilizar os leigos através da Ação Católica Brasileira – ACB<sup>1</sup>, com o intuito de fomentar o processo de renovação da Igreja a partir da organização de diversos setores da juventude. E o primeiro grupo especializado a ser reconhecido pela hierarquia da Igreja foi a JOC em 1948. A partir de 1950, vieram a Juventude Agrária Católica – JAC, a Juventude Universitária Católica – JUC, a Juventude Estudantil Católica – JEC e a Juventude Independente Católica – JIC.

Ao longo dos anos 1950 e 1960, a Igreja Católica desenvolveu uma série de ações junto ao meio estudantil universitário e secundarista, com o objetivo de organizar a juventude do campo e da cidade, a fim de participar ativamente da vida política nacional à luz dos ensinamentos do Evangelho e do humanismo cristão de filósofos como Jacques Maritain, Teilhard de Chardin, Emanuel Mournier e do padre Lebret.

A atuação da Juventude Católica nos movimentos políticos do país acabou por aproximar essa juventude aos partidos de esquerda e, conseqüentemente, afastando-a do episcopado que, até então, lhes dava proteção. Sem o respaldo institucional da Igreja, esses jovens tornaram-se vítimas e alvos preferenciais da repressão política e policial que passou a dominar o país no período pós-1964.

Após se distanciar da hierarquia da Igreja Católica, os militantes da JUC e da JEC abandonaram o discurso desenvolvimentista e de caridade cristã em voga na Igreja, passando, então, a desenvolver uma prática revolucionária de caráter nacional e anti-imperialista. Foi nesse contexto de mudanças profundas e radicais que nasceu, em 1962, a Ação Popular, cujo objetivo era

---

<sup>1</sup> A Ação Católica Brasileira foi fundada em 1935, por D. Leme e pelo episcopado brasileiro.

a mobilização do povo na luta contra a dominação capitalista, na perspectiva da construção de uma sociedade socialista.

Pode-se, então, notar claramente o avanço político da vanguarda leiga católica, ocorrido num período de transformações no continente americano, a partir da Revolução Cubana de 1959. E, no plano nacional, verificou-se, claramente, o aguçamento da luta de classes no campo e na cidade. Contudo, a expansão das ligas camponesas no Nordeste e a atuação do Partido Comunista junto ao movimento operário, fez com que a Igreja partisse para a reação, com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil – CNBB, criando, em 1961, o Movimento de Educação de Base – MEB, através de escolas radiofônicas, com um Programa de Educação de Base e na formação de sindicatos rurais.

Na origem, o desejo da Igreja Católica era combater o trabalho do Partido Comunista, pois até mesmo os bispos reformistas temiam o fantasma do comunismo. Tal postura pode ser evidenciada na decisão, em outubro de 1962, da Comissão Central da CNBB de cercear a liberdade de ação dos militantes da JUC. Era uma estratégia montada pela hierarquia da Igreja Católica de estancar os ideais revolucionários presentes na juventude, estabelecendo, assim, limites políticos bem claros, onde sua atuação não pudesse ultrapassar “o esquema de uma social democracia”<sup>2</sup>. O que a ala progressista da Igreja Católica defendia era, na verdade, a reforma do capitalismo e sua cristianização. Daí, os termos revolução popular e socialismo serem proibidos entre os cristãos.

No Ceará, sob a orientação do bispo de Fortaleza, D. Antônio de Almeida Lustosa, a Igreja encabeça o movimento de combate ao comunismo. O clero cearense, aliado dos latifundiários e políticos conservadores, armou-se de todos os instrumentos possíveis para deter o comunismo no Estado, utilizando um importante meio de comunicação da época, o jornal *O Nordeste*, e de outras instituições sob a sua influência, como os Círculos Operários Católicos, o Centro Social Arquidiocesano, a Ação

---

<sup>2</sup> SALEM, Helena (Org.). **A Igreja dos Oprimidos**. Col. Brasil Hoje nº 3. São Paulo: Ed. Brasil Debates, 1981, p.26.

Católica e a União dos Moços Católicos. Palestras e seminários eram promovidos e obras de caráter assistencialista e de caridade intensificadas nos bairros pobres de Fortaleza.

Dessa forma, a perspectiva de atuação tradicional com apelo à caridade, ao lado da presença forte da hierarquia católica, marcou uma forma de expressão da Igreja : a tentativa de desenvolver ação social incorporando o popular convive simultaneamente com uma visão assistencialista que até hoje aparece em alguns trabalhos desenvolvidos nos bairros.<sup>3</sup>

A estratégia revelou-se oposta ao esperado, ou como reza o ditado popular "o feitiço virou contra o feiticeiro". A hegemonia da perspectiva conservadora que dominou a Igreja Católica foi quebrada a partir do engajamento em seu interior de novos atores sociais, que, motivados pelo surgimento do Movimento de Educação de Base – MEB<sup>4</sup>, passaram a desenvolver uma linha de atuação na perspectiva de uma educação voltada à transformação social. Esse movimento rapidamente espalhou-se pelo país, reunindo em torno de si um número significativo de leigos engajados no processo político.

O movimento de vanguarda leigo católico avançou rapidamente em termos políticos. Contudo, tal fenômeno não sensibilizou a hierarquia da Igreja que passou a exercer uma forte pressão sobre a JUC, porém, em nenhum momento esta recuou em sua posição política. Foi nesse conflito com a hierarquia da

---

<sup>3</sup> BARREIRA, Irys Alencar Firmo. **O Reverso das vitrines** – conflitos e cultura política. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992, p. 95.

<sup>4</sup> O Movimento de Educação de Base originou-se da experiência de educação pelo rádio realizada pelos bispos brasileiros, principalmente no Rio Grande do Norte e em Sergipe, nos anos de 1950. D. José Vicente Távora, arcebispo de Aracaju, a partir da experiência realizada por D. Eugênio Sales em Natal, que havia se inspirado na Acción Cultural Popular da Igreja Católica da Colômbia, e de sua própria iniciativa em Sergipe, formalizou à Presidência da República, em nome da CNBB, proposta de criação de amplo programa para ministrar educação de base às populações das áreas subdesenvolvidas do Norte, Nordeste e Centro-Oeste do País, através de emissões radiofônicas.

Igreja que os jucistas descobriram o marxismo<sup>5</sup>. A atuação de alguns jucistas ao lado de comunistas na luta contra o capitalismo fez estremecer a estrutura hierárquica da Igreja Católica que continuava direcionada para o poder e sentia-se ameaçada pelo fantasma do comunismo.

É bom lembrar que a Juventude Operária Católica, após os compromissos assumidos pela Igreja durante o Concílio Vaticano II, aprofundou seu envolvimento com a luta dos oprimidos.

A partir do Concílio Vaticano II, em 1962, e durante os duros períodos de repressão, a Igreja passou a constituir o espaço acolhedor das organizações populares, incluindo no seu interior elementos ligados a partidos clandestinos, o que não significou dizer que a Igreja, em sua totalidade, articulou um espaço de absorção do protesto social, de vez que o apoio da Igreja ao golpe de 64 é bastante enfatizado em trabalhos de estudiosos.<sup>6</sup>

A postura dúbia da Igreja Católica afastou de seus quadros muitos jovens, que acabaram aderindo às organizações marxista-leninistas. Apesar do distanciamento de muitos integrantes da JOC de suas bases cristãs, sua presença continuou forte em alguns estados brasileiros.

O jovem Haroldo, com sua formação em filosofia, logo entendeu que a verdadeira missão da Igreja seria a de estar inserida na comunidade, ao lado dos pobres e oprimidos. Muitas noites, fugia do seminário, em Nova Friburgo para assistir as reuniões da JAC e da JUC no Rio de Janeiro.

As exaustivas leituras dos clássicos da política, notadamente Karl Marx, ajudaram o jovem seminarista na sua formação política, principalmente na compreensão de questões sociais e políticas da América Latina.

---

<sup>5</sup> Os militantes da JUC aderiram ao discurso filosófico marxista, cuja visão de mundo foi recusada pela Teologia da Libertação.

<sup>6</sup> BARREIRA. Op. Cit., p. 96.

Em 1961, quando cursava o segundo ano de Teologia em Belo Horizonte, Haroldo tinha o hábito de fugir do seminário para ir assistir as reuniões da Ação Popular. Por seu envolvimento nos movimentos políticos da época passou por três seminários.

Em 1963, ordenou-se diácono pela Diocese de Nova Friburgo, no Rio de Janeiro. Foi, também, pela Diocese de Nova Friburgo que Haroldo recebeu ordenação presbiterial, em 1964. No dia 29 de novembro de 1964, recebeu sua ordenação definitiva, na Igreja do Sagrado Coração de Jesus, em Fortaleza. No dia 8 de dezembro de 1964, celebrou sua primeira missa no bairro de Antônio Bezerra. Permaneceu no Ceará até 1965, em seguida, exerceu a função de vigário cooperador numa Paróquia em Itacoara. Entre 1966 e 1971, assumiu a Paróquia de Duas Barras, em Nova Friburgo, no Rio de Janeiro, onde teve liberdade para desenvolver um trabalho de base com os leigos, na linha de uma Teologia da Libertação já que no estado predominava um grupo de padres progressistas, apoiados pelo bispo Dom Clemente Isnard.

Um ano após o golpe militar de 1964, a equipe do Padre Haroldo Coelho reuniu-se para preparar uma missa especial sobre o 1º de Maio, na Igreja Matriz Nossa Senhora da Conceição de Duas Barras, em Nova Friburgo. Não é novidade o envolvimento de padres, bispos e leigos nos movimentos sociais, seja no campo ou na cidade. Porém, não podemos esquecer que a hierarquia da Igreja Católica, historicamente, sempre demonstrou compromissos com os setores dominantes.

O fato é que o golpe militar de 1964 teve apoio da maioria dos bispos brasileiros. Aqueles que discordaram de tal posição da hierarquia da Igreja acabaram confinados ao isolamento e silenciados no interior da Igreja.

Em 1964, enquanto a maioria do episcopado defendia o golpe de Estado, iniciavam-se perseguições políticas, inclusive entre padres e outros religiosos, forçando gradativamente a hierarquia a assumir a defesa desses setores. Se a ala conservadora se encarregava de aproximar a Igreja do Estado, os setores progressis-

tas participavam de passeatas e manifestações em oposição ao regime, num "processo educativo em que as bases educam seus dirigentes".<sup>7</sup>

A repressão militar não poupou nem mesmo os integrantes da Igreja Católica. Milhares de jucistas e militantes católicos em geral foram perseguidos, perante um silêncio vergonhoso da CNBB. Alguns bispos, no entanto, passaram a agir por conta própria, como é o caso de D. Hélder Câmara, D. Cândido Padin e D. José Maria Pires.

A neutralidade de parte significativa do clero brasileiro, diante do estado de repressão implantado pelos militares no país, levou o Conselho Nacional da JUC a se reunir em 1966, em Minas Gerais, e decidir pela dissociação da hierarquia da Igreja, recomendando, ainda, que seus militantes se empenhassem, individualmente, na luta pela transformação da sociedade brasileira. Por sua vez, a JEC, a JAC e a JIC, acabaram se esvaziando. Somente a JOC, a Ação Católica Rural – ACR e a Ação Católica Operária – ACO conseguiram sobreviver em alguns estados. "Quanto à AP, distanciou-se progressivamente de suas origens cristãs, tornando-se uma organização marxista-leninista, e sofrendo também várias divisões ou fusão com outras forças políticas"<sup>8</sup>. A partir de 1967, a situação recrudescceu e as prisões e torturas não se limitaram apenas aos ativistas de esquerda, operários, estudantes e intelectuais atingindo brutalmente integrantes da Igreja Católica.

Certamente sem querer, a ditadura contribuiu bastante para a conscientização do clero e bispos em algumas áreas. O caso de D. Paulo Evaristo Arns, cardeal-arcebispo de São Paulo (...) é bem expressivo. (...) Em 1964, simpatizou com o golpe, como a maioria dos religiosos. Depois, já nas funções de bispo auxiliar de D. Agnelo Rossi em São Paulo, não teria qualquer papel de destaque. Ao assumir a Arquidiocese

---

<sup>7</sup> DOIMO, Ana Maria. **Movimento Social Urbano, Igreja e Participação Popular**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984, p.34.

<sup>8</sup> SALEM. Op. Cit., p.28.

de São Paulo em 1970, no entanto, sua história pessoal mudaria totalmente. Como em todo o Brasil, a repressão agiu brutalmente em São Paulo, sobretudo após o AI-5, e logo D. Evaristo passou a receber denúncias e mais denúncias, famílias de mortos, "desaparecidos", mutilados. A exemplo de D. Waldyr, ele "não podia ficar parado". Gradativamente, tornou-se um de nossos bispos mais corajosos, combativos e identificados com a causa do povo.<sup>9</sup>

A repressão que atingiu a ala progressista da Igreja Católica, notadamente após o AI-5, acabou por mobilizar os setores de centro e até conservadores do episcopado brasileiro. Muitos bispos brasileiros assumiram as causas dos posseiros expulsos de suas terras, dos indígenas expulsos de seus territórios e ameaçados em sua sobrevivência, dos operários explorados pelos patrões e impedidos pelo sistema de se organizarem em sindicatos livres.

**Figura 5** - Padre José Haroldo Bezerra Coelho na França na década de 1970.



Fonte: Arquivo pessoal.

<sup>9</sup> SALEM. Op. Cit., p.33.

## 5.2 Pra não dizer que não falei das flores

*Vem, vamos embora  
Que esperar não é saber  
Quem sabe faz a hora  
Não espera acontecer*

(VANDRÉ, Geraldo. *Pra não dizer que não falei das flores (Caminhando)*. Geraldo Vandré no Chile, Gravadora: Banco Benvirá, 1969.

**Figura 6** - Padre José Haroldo na década de 1970.



Fonte: Arquivo pessoal.

O ano de 1968 foi composto de cenas e tramas bastante incomuns, não só para a sociedade brasileira, mas em todo o mundo, despertando a rebeldia da juventude em várias partes do mundo. No Brasil, o estopim do movimento estudantil foi a morte do estudante secundarista Edson Luís. No Ceará, o movimento contou com a solidariedade da Igreja Católica, tendo o representante dessa instituição, o Arcebispo de Fortaleza, Dom Delgado, divulgado inclusive uma nota de apoio aos estudantes.

Em outubro de 1968, o cantor e compositor Geraldo Vandré participou do III Festival Internacional da Canção, da TV Globo, com a música 'Pra não dizer que não falei das flores' que se popularizou e tornou-se o hino da resistência. Vandré passou a ser alvo da ditadura militar e, no carnaval de 1969, conseguiu se auto exilar no Chile, onde gravou a canção em um disco compacto.

No geral, o ano de 1968 é associado a diferentes processos políticos e sociais. Para a Igreja Católica ele foi bastante complexo. A decretação do Ato Institucional nº 5 – AI-5, um dos instrumentos mais repressivos da ditadura militar atingiu não só a hierarquia progressista, mas, também, setores de centro e alguns conservadores do episcopado que começavam a reagir.

Nesse cenário, a Igreja Católica na América Latina viveu em 1968 um marco de renovação promovido pela reunião de Medellín, Colômbia, quando a Igreja fez a sua opção pelos pobres, por sua libertação integral e pelas Comunidades Eclesiais de Base – CEBs. Enquanto a Igreja progressista avançava, a ala conservadora movimentava-se no intuito de reconquistar os espaços perdidos para os pentecostais, para as religiões afro-brasileiras e orientais, investindo, pois, no Movimento de Renovação Carismática Católica – MRCC. Tal movimento nasceu nos Estados Unidos, em 1967, e chegou ao Brasil em 1968, num contexto de crise do catolicismo tradicional, passando a responder, mesmo que de forma intuitiva, às necessidades de evangelização católica.

Em 1968, o Padre Haroldo Coelho tinha 33 anos de idade e, assim como muitos religiosos da época, tinha seus sonhos e

seus mitos. Um deles era participar dos movimentos que despontavam na Europa. Sabendo dos sonhos revolucionários do companheiro Haroldo, Dom Clemente o aconselha a permanecer no Brasil. Durante esse período, cursou a faculdade de Ciências Sociais.

O sonho de conhecer a França realizou-se em 1971, quando Haroldo recebeu a notícia do Cardeal Martins de que tinha uma vaga para ele numa Paróquia na França, onde poderia estudar e trabalhar.

Após viajar para a França, em 1971, Haroldo foi denunciado ao Serviço Nacional de Informação – SNI por apoiar a guerrilha e os movimentos contrários ao regime militar. Assim que chegou a França recebeu uma carta do bispo informando que o general da região do Espírito Santo e Rio de Janeiro comunicara sua proibição de voltar ao Brasil, nem mesmo para passar férias. Essa notícia deixou Haroldo triste e angustiado, por estar em um país estrangeiro e não poder voltar para seu país, nem mesmo ver a sua família. Tal situação transforma Haroldo em um exilado político, que nem “tanta gente que partiu num rabo de foguete”, como cantou Elis Regina.

Na França, Haroldo permaneceu de 1971 até 1979, sofrendo inúmeras dificuldades. Era um tempo em que as colônias se encontravam em guerra e Paris concentrava muitos jovens fugitivos, que lutavam contra o fascismo em Portugal, e que na França acabavam sofrendo discriminação.

Ao chegar a Universidade de Sorbonne para cursar sua pós-graduação, Haroldo viu vários cartazes da Aliança Operária Camponesa e de outros movimentos revolucionários, como a Revolução dos Cravos, em Portugal, que derrubou o governo fascista de Marcelo Caetano, em abril de 1974.

Na Paróquia francesa, além de se dedicar a celebração religiosa, também fazia traduções e serviços na prefeitura da cidade.

Enquanto isso no Brasil, uma das primeiras vozes da Igreja Católica a se manifestar contra o regime militar vigente em nosso país foi D. Cândido Padin, ex-assistente nacional da ACB e secretário

rio da CNBB para educação. Em 1968, ele elaborou um documento no qual fez uma rigorosa crítica à Doutrina da Segurança Nacional à luz da Doutrina Social da Igreja<sup>10</sup>. De acordo com Márcio Moreira Alves, a nova estratégia da Igreja consistia em modificar o seu comportamento político diante do estado de repressão:

A mudança do discurso ideológico e das funções políticas da Igreja teve também reflexos importantes sobre as classes médias e os grupos dominantes. Por um lado, despertou um novo sentimento de missão em numerosos jovens, membros da Ação Católica dos meios estudantis, e em algumas organizações da burguesia denominadas "meios independentes". O mesmo ocorreu com muitos padres e freiras, que descobriram um conteúdo insuspeitadamente rico nas suas vocações.<sup>11</sup>

De acordo com Márcio Moreira Alves, essa nova postura por parte da hierarquia da Igreja Católica não foi seguida por todos, pois:

(...) provocou também sentimentos de rejeição e mesmos cisões: os grupos católicos mais reacionários dessolidarizaram-se das novas diretivas da hierarquia, chegando ao ponto de denunciar à polícia alguns dos seus membros, e os não católicos, principalmente militares e tecnocratas, habituados a contar com o apoio do conjunto da instituição para governar, voltaram-se contra os seus elementos mais progressistas. Os grupos da direita católica trataram-se então de formar as suas

---

<sup>10</sup> "A Doutrina de Segurança Nacional à Luz da Doutrina Social da Igreja", é um documento, no qual D. Cândido Padin faz uma detalhada análise da ideologia do regime com base na Constituição de 1967, em confronto com as Encíclicas "Mater et Magistra", "Pacem in Terris", "Populorum Progressio" e a constituição pastoral "Gaudium et Spes". (Cf SALEM, op.ci.t, p.45).

<sup>11</sup> ALVES, Marcio Moreira. **A Igreja Católica e a Política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979, p. 54.

próprias organizações e de fazer uma leitura seletiva dos documentos que, na Igreja local ou universal, fortalecessem a sua tendência. Procuraram restabelecer tradições e ritos bem como elaborar parâmetros políticos sobre os quais conferirem a "ortodoxia" das declarações de bispos, papas e até do Concílio Vaticano II. Essa reação teve o efeito de quebrar, na prática, a pretensa unanimidade da hierarquia brasileira.<sup>12</sup>

Notadamente a partir do surgimento da Renovação Carismática Católica, os bispos mais reacionários que acabaram se tornando minoria nas assembleias empreenderam seus esforços fora do quadro eclesial. Tendo o apoio dos meios de comunicação de massa, eles passaram a investir contra a Teologia da Libertação, com o intuito de delatar as ideias progressistas, motivados pelo temor ao "espectro do comunismo", encarado como assombração dentro da Igreja Católica.

Apesar da repressão militar e da reação por parte da ala conservadora da Igreja Católica, o ano de 1968 foi marcante, pois a partir da II Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizado em Medellín, Colômbia (1968), o centro de orientação da Igreja Latino-Americana foi "a opção preferencial pelos pobres". "(...) A teologia da libertação (...) nasce e se desenvolve enquanto expressão de problemas da realidade social latino-americana, no desejo de transcendê-la por meio da criação de uma sociedade mais justa e igualitária"<sup>13</sup>.

Na década de 1970, mesmo sofrendo forte oposição de segmentos conservadores da Igreja, a Teologia da Libertação conseguiu divulgar seus princípios básicos que se resumiam numa Igreja comprometida com os oprimidos e a opção preferencial pelos pobres. Tais princípios foram reafirmados com a Terceira Conferência do Episcopado Latino-Americano em Puebla, México (1979).

---

<sup>12</sup> ALVES. Op. Cit., p. 54-55.

<sup>13</sup> SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de Movimentos Sociais**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2009, p.32.

Apesar da movimentação da ala conservadora da Igreja Católica, vários documentos assinados por bispos brasileiros revelam um compromisso do conteúdo evangélico com as ações cristãs. Um desses documentos intitulado "Eu ouvi os clamores do meu povo"<sup>14</sup> foi lançado, em maio de 1973, por um grupo de bispos e religiosos do Nordeste, liderados por D. Hélder Câmara. No mesmo mês de maio de 1973, outro documento foi divulgado pelos bispos do Centro-Oeste, intitulado "Marginalização de um povo: grito das Igrejas"<sup>15</sup>. Nesse ano, a CNBB lança a Campanha da Fraternidade com o lema "O egoísmo escraviza, o amor liberta". Convém lembrar que a metodologia da Teologia da Libertação já havia sido lançada no ano anterior na Europa, tornando-se, pois, foco de atenções.

Em março de 1974, o General Ernesto Geisel assume a Presidência da República, com um discurso em que defende uma "distensão gradual". Naquele contexto de repressão e fechamento político era difícil para as forças populares acreditar nas palavras do presidente. Para testar a sinceridade do discurso pediram uma explicação oficial para o caso das pessoas "desaparecidas" entre setembro de 1973 e maio de 1974. O porta-voz das famílias foi o Cardeal-Arcebispo de São Paulo, D. Paulo Evaristo Arns, que se reuniu na sede da CNBB, em Brasília, com o

---

<sup>14</sup> Esse documento foi a primeira resposta coletiva da hierarquia da Igreja Católica contra a repressão vigente no país. Inspirado no Êxodo, na luta de Moisés e seu povo contra o domínio egípcio, faz uma análise da situação em que vivia o país na época. Um dos piores momentos políticos desde o golpe, em pleno governo Médici, quando a brutal repressão e censura impôs medo à maioria dos brasileiros. Ele data precisamente do dia 6 de maio de 1973 e foi assinado por 13 bispos do Nordeste. São eles: de Pernambuco – D. Hélder Câmara, D. Lamartine, D. Severino Mariano de Aguiar e D. Francisco Austregésilo de Mesquita; do Maranhão – D. José Motta e Albuquerque, D. Manoel Edmilson da Cruz, D. Rino Carlesi, D. Pascasio Rettler e D. Francisco Hélio Viana; da Paraíba – D. José Maria Pires e D. Manoel Pereira Costa; do Ceará – D. Antônio Batista Fragoso; de Sergipe – D. José Brandão de Castro.

<sup>15</sup> Assinado por D. Pedro Casaldália e D. Tomás Balduino (de Goiás Velho) este documento é uma joia de método e de linguagem popular para evidenciar o que está por detrás da superexploração a que está sujeito o povo: dinâmica cruel do sistema capitalista dependente e integrado. Começa citando uma frase de alguém do povo: "Nós, que vivemos na roça, que só temos o braço para viver, sabemos que no nosso mundo é como o rio: o peixe grande come o pequeno. Eles, os grandes, não querem só nosso trabalho. Querem mesmo é o sangue da gente. É por isso que nós morremos por aí". Cf. BOFF, Leonardo. **O caminhar da Igreja com os oprimidos**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998, p.75.

general Golbery do Couto e Silva, criador do Serviço Nacional de Informação – SNI e então ministro chefe da Casa Civil. Na reunião, o representante do governo assegurou que dentro de um mês daria uma resposta sobre a questão dos “desaparecidos”. Um ano depois, o governo manifestou-se com uma nota do Ministério da Justiça negando a prisão dos “desaparecidos” e informando que se tratava de pessoas que viviam na “clandestinidade”. A resposta causou indignação principalmente em D. Paulo Evaristo Arns.

O assassinato brutal do jornalista Vladimir Herzog nas salas de tortura do Destacamento de Operações e Informações – Centro de Operações e Defesa Interna – DOI-CODI de São Paulo somado às atrocidades cometidas pelo regime, motivaram Igreja a lançar, no ano de 1975, o documento intitulado: “Não Oprimas Teu Irmão”. Por este, a Igreja de São Paulo manifestava, assim, a sua determinação de estar ao lado daqueles que sofriam e daqueles que lutavam pelos direitos humanos no país, e conclamava o povo a participar ativamente dos atos religiosos pelos desaparecidos, por aqueles que sofreram torturas nos cárceres e pelos mortos pelo regime ditatorial.<sup>16</sup>

Finalmente, a CNBB reagia às prisões e assassinatos de estudantes, operários, lideranças comunitárias e religiosas. Em fevereiro de 1977, lançou uma nova declaração: “Exigências Cristãs de uma Ordem Política” que recebeu a aprovação da maioria dos bispos. Tendo como referências diversas encíclicas papais, esse documento definiu os pré-requisitos para a construção de uma sociedade verdadeiramente cristã. Partindo do exemplo de

---

<sup>16</sup> Uma das vítimas do regime militar foi Frei Tito de Alencar, que no ano em que foi lançado o Ato Institucional n.05 (AI-5), havia sido preso por participar da organização de um congresso clandestino da União Nacional dos Estudantes, em Ibiúna. A partir de então tornou-se alvo da repressão militar. Em novembro de 1969, após a equipe do delegado Fleury invadir o convento dos dominicanos, Frei Tito e outros companheiros foram presos e torturados. Em 1971 Frei Tito fora deportado para o Chile, onde passou alguns meses. Ameaçado de ser novamente perseguido, embarcou para a Itália. Por ser considerado um “frade terrorista” em Roma, não encontrou abrigo na Igreja e seguiu rumo a Paris, onde foi recebido de braços abertos pelos dominicanos, passando a viver no Convento de Lyon, onde no dia 10 de agosto fora encontrado, suspenso por uma corda. Esse padre foi uma das muitas vítimas da ditadura implantada no Brasil em 1964.

Cristo, todo cristão não deveria ter medo, mas coragem para lutar e transformar o mundo à luz do Evangelho.

A situação de opressão decorrente dos dez anos de ditadura militar, quando religiosos, padres, freiras, seminaristas e pessoas envolvidas com trabalhos pastorais foram presas ou mortas em circunstâncias não esclarecidas, motivou novamente a CNBB a lançar, em 1979, um novo documento intitulado "Repressão na Igreja do Brasil: Reflexo de uma Situação de Opressão (1968-1978)".

Quase duas décadas depois de apoiar o golpe militar, a hierarquia da Igreja passa a repudiar o sistema de injustiça social e as arbitrariedades vigentes, colocando-se, portanto, em parte, ao lado do povo; e, algumas vezes, até desafiando o próprio regime. Os bispos da Igreja Católica, na sua grande maioria, já não exortavam mais o povo a se manter conformado, esperando pacificamente o dia da redenção final. Na verdade, esse povo que antes era instruído a permanecer obediente e calado, foi, pois, conclamado a lutar por seus direitos, isto é, liberdade, terra, trabalho, moradia, alimentação, segurança e educação.

Os discursos dos padres e bispos partiam do pressuposto de que a missão da Igreja Católica era de apoiar a luta do povo. Sendo que o modelo utilizado para isso seria a de um cristo libertador, aquele que lutava contra os opressores, o filho de Deus que nasceu pobre e que esteve sempre ao lado dos oprimidos. Daí a opção da Igreja pelos pobres e por sua libertação.

A opção pelos pobres e a organização das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs provocaram intensos debates, dentro e fora da Igreja. Alguns grupos se insurgiram contra tal orientação dos setores progressistas da Igreja Católica e passaram a se utilizar de diversos argumentos, tais como a palavra de Deus e a salvação não podem ser exclusivas dos pobres. Para os conservadores o discurso assumido pelos progressistas seria uma forma de insuflar a luta de classes em vez de pregar a harmonia e a paz social. Infere-se, portanto, que o discurso da ala conservadora da Igreja Católica era de que a massa não necessitava das ideias dos progressistas para saber da verdade.

**Figura 7** - Padre José Haroldo Coelho na década de 1970.



Fonte: Arquivo pessoal.

Os anos de silêncio impostos pelo AI-5 foram rompidos a partir da transição política (1974-1985), quando a Igreja Católica, a partir das CEBs, teve um engajamento bastante significativo junto aos movimentos sociais e partidos de esquerda. No Ceará, essa participação se deu particularmente com Dom Aloísio Lorscheider em Fortaleza e Dom Fragoço em Crateús. Concluída sua pós-graduação na Universidade de Sorbonne,

na França, e afastada sua proibição de voltar ao Brasil, padre Haroldo retorna ao Ceará na década de 1980. Foi professor das Ciências Sociais da UECE e trabalhou no Santuário de Fátima, na Igreja do Carmo e na Paróquia de Nossa Senhora das Graças, no Pirambu.

A década de 1970 foi marcada pelo início da abertura política nos governos Geisel (1974-1979) e Figueredo (1979-1985), a revogação do AI-5 (1978), suspensão da censura e a decretação da Anistia aos presos políticos (1979). Já na década de 1980, temos a mobilização dos trabalhadores, que passam a exigir melhores salários e condições de trabalho. Os movimentos de esquerda emergem para a liberdade. É criado o Partido dos Trabalhadores – PT que acabaria exercendo forte influência junto aos movimentos populares em Fortaleza, notadamente no bairro do Pirambu, onde o Padre Haroldo Coelho era pároco da Igreja de Nossa Senhora das Graças. Foi desse bairro que saiu o candidato ao governo do Ceará em 1986. Sim, ele mesmo, pelo Partido dos Trabalhadores, o Padre José Haroldo Coelho Bezerra, homem de fé e de luta.

### 5.3 Pai afasta de mim esse cálice

*Pai, afasta de mim esse cálice  
Pai, afasta de mim esse cálice  
Pai, afasta de mim esse cálice  
De vinho tinto de sangue  
Como beber dessa bebida amarga  
Tragar a dor, engolir a labuta  
Mesmo calada a boca, resta o peito  
Silêncio na cidade não se escuta  
De que me vale ser filho da santa  
Melhor seria ser filho da outra  
Outra realidade menos morta  
Tanta mentira, tanta força bruta (...)*

*(BUARQUE, Chico; GIL, Gilberto. Cálice. LP Chico Buarque, Polygram/Philips, 1978.)*

**Figura 8** - Padre José Haroldo Bezerra Coelho na França na década de 1970.



Fonte: Arquivo pessoal.

Em 1973, Gil e Chico compuseram a música Cálice para o show Phono 73, organizado pela gravadora Phonogram. A música foi imediatamente censurada pela repressão e os microfones desligados quando Chico e Gil tentaram cantá-la no show realizado em maio de 1973 no Palácio das Convenções do Anhembi em São Paulo. A canção só veio a ser liberada cinco anos depois, tendo sido gravada em novembro de 1978 no álbum intitulado Chico Buarque.

No Brasil, no período de 1968 a 1973, apregoadado como época do "Milagre Econômico", a Igreja Católica compactuava com as classes dominantes com uma vivência de cristianismo ritualístico, devocional e espiritualizado, que apresentava pouca sensibilidade ética, enquanto Padre Haroldo militava nos movi-

mentos sociais na França e conhecia de perto a atuação da Liga Comunista Revolucionária. Embora na América Latina nascesse um cristianismo popular, em muitas cidades brasileiras predominava uma prática religiosa pautada no assistencialismo e na total ausência de um discurso libertário, incapaz de ajudar os pobres a entenderem as causas da miséria e da exclusão social.

Na contramão da história, em Crateús, Dom Antônio Batista Fragoso desenvolvia um trabalho combativo em prol de uma Igreja democrática e popular, enchendo de esperança o povo pobre da região. Enfrentando a ira dos poderosos, Dom Fragoso demonstrava sua preocupação com os oprimidos e exortava pela libertação destes.

Durante a primeira metade da década de 1970, muitos bispos e religiosos comprometidos com a Teologia da Libertação assinaram vários documentos que mostram o verdadeiro compromisso de suas ações cristãs. Dentre esses documentos podem-se destacar: "Eu ouvi os clamores de meu povo" – dos bispos e religiosos do Nordeste, assinado em 1973; "Não oprimas teu irmão" – assinado pelos bispos de São Paulo reunidos em Brodosqui, em 1974; "Marginalização de um povo: o grito das Igrejas" – documento assinado pelos bispos do Centro-Oeste do Brasil, em 1974.

Nesse mesmo período foram lançados alguns documentos pontifícios em matéria social, as chamadas encíclicas sociais que elaboraram a Doutrina Social da Igreja. Dentre esses documentos destacam-se: *A justiça no mundo* – documento final do Sínodo dos Bispos, de 1971<sup>17</sup>, *Octogesima Adveniens pelos 80 anos de Rerum Novarum* (1971) – carta apostólica ao Cardeal Maurice Roy sobre as necessidades novas de um mundo

---

<sup>17</sup> Do Sínodo dos Bispos sobre o Sacerdócio Ministerial e a Justiça no Mundo resultou o documento "a Justiça no Mundo", divulgado em 24 de novembro de 1971, o qual diz, em seu item 64, na seção A Ação Internacional: "Reconheça-se que a ordem internacional está radicada nos direitos e na dignidade inadmissíveis do homem. A Declaração dos Direitos do Homem, feitas pelas Nações Unidas, seja ratificada por aqueles governos que ainda não deram sua adesão a esta convenção e seja observada integralmente por todos". FESTER, Antonio Carlos Ribeiro. **Justiça e Paz**: Memórias da Comissão de São Paulo. São Paulo: Loyola, 2005, p.18.

em transformação<sup>18</sup>, *Evangelii Nuntiandi* – exortação apostólica de Paulo VI sobre a Evangelização no mundo Contemporâneo (1975)<sup>19</sup>. Na terceira parte desse último documento aborda-se o tema da evangelização e sua relação com a política e a libertação. Nessa perspectiva, destaca Boff (1982) que o discurso da Igreja se fez mais profético no sentido de denunciar os abusos do sistema capitalista e a marginalização do povo<sup>20</sup>.

De acordo com Leonardo Boff (1982), a Igreja Católica sempre foi uma Igreja para os pobres, porém nunca conseguiu ser uma Igreja de pobres. Contudo, a partir de Medellín (1968) e Puebla (1979), ela assumiu um compromisso político com os pobres. Esses deixaram de ser vistos apenas na perspectiva caritativa e assistencialista. Convém lembrar que esse compromisso só foi assumido pela chamada Igreja Progressista.

Enquanto uma parcela significativa da Igreja Católica passa por mudanças, configurava-se no Brasil um cenário de abertura política no final da década de 1970. Nesse contexto, novas formas de lutas foram colocadas em prática. O movimento pela anistia aos exilados e presos políticos passa a contar massivamente com a participação das mulheres cearenses. O ano de 1975 foi considerado pela Organização das Nações Unidas – ONU o I Ano Internacional da Mulher, isso acabou motivando

---

<sup>18</sup> Esse documento foi promulgado no dia 14 de maio de 1971 pelo papa Paulo VI para celebrar o octogésimo aniversário da encíclica *Rerum Novarum*. A Carta Apostólica *Octogesima Adveniens* foi dirigida ao Cardeal Maurice Roy, na época presidente do Conselho dos Leigos e da Pontifícia Comissão Justiça e Paz. Esse documento representa um importante marco no desenvolvimento da Doutrina Social da Igreja. Nele o Papa Paulo VI incorpora alguns dos importantes pressupostos antropológicos e eclesiológicos contidos nas duas encíclicas sociais de João XXIII (*Mater et Magistra* e *Pacem in Terris*), assim como o paradigma da consciência histórica assumido pelo Concílio Vaticano II (*Gaudium et Spes*) e o novo paradigma da relação Igreja – Estado – Sociedade que se encontra na base da Declaração Conciliar *Dignitas Humanae*.

<sup>19</sup> A exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*, do papa Paulo VI, 1975, tem como objetivo atualizar a evangelização no mundo contemporâneo, convocando todos os cristãos a um compromisso solidário com a causa da mensagem de Jesus e os novos métodos que poderão falar aos homens e mulheres do nosso tempo. Para isso, então, o papa convida à reflexão acerca da pessoa de Jesus Cristo evangelizador, da Igreja e da evangelização. VIEIRA, Maria de Sampaio. **A missionariedade da Igreja particular à luz do magistério recente**. Roma: Editrice Pontificia Università, 2003, p.83.

<sup>20</sup> BOFF, Leonardo. **Igreja : carisma e poder** (Ensaio de Eclesiologia Militante). 3.ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1982, p. 22.

as mulheres a tomarem a liderança do movimento, sendo o Ceará pioneiro na organização da luta pela anistia aos exilados com o Movimento Feminino pela Anistia – MFA.

**Figura 9** - Padre Haroldo Coelho e amigos no final da década de 1970.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 10** - Padre José Haroldo Coelho no final da década 1970.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 11** - Encontro de Padre Haroldo e Luis Carlos Prestes.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 12 - Padre Haroldo Coelho.**



Fonte: Arquivo pessoal.

## 5.4 A volta do irmão do Henfil

*Caía a tarde feito um viaduto  
E um bêbado trajando luto me lembrou Carlitos  
A lua, tal qual a dona de um bordel  
Pedia a cada estrela fria um brilho de aluguel  
E nuvens, lá no mata-borrão do céu  
Chupavam manchas torturadas, que sufoco  
Louco, o bêbado com chapéu-coco  
Fazia irreverências mil pra noite do Brasil, meu Brasil  
Que sonha com a volta do irmão do Henfil  
Com tanta gente que partiu num rabo-de-foguete  
Chora a nossa pátria, mãe gentil  
Choram Marias e Clarice no solo do Brasil (...)*

Elis Regina gravou a música *O bêbado e o equilibrista*, de João Bosco e Aldir Blanc em 15 de junho de 1979. A canção tornou-se uma espécie de hino da anistia ao pedir a volta do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho, irmão do cartunista Henfil, personagem importante da luta política pelo retorno dos brasileiros, os que partiram "num rabo de foguete" à nossa pátria mãe gentil onde choravam Marias e Clarices. Maria era esposa de Betinho e Clarice viúva de Herzog.

Após o anúncio da anistia, em setembro de 1979, não só Betinho, mas todos os brasileiros que viviam exilados fora do país puderam voltar, incluindo Luiz Carlos Prestes, os ex-governadores Miguel Arraes, o "Pai Arraia", de Pernambuco, Leonel Brizola e nosso Padre Haroldo Coelho, que, inicialmente, ficaria na França apenas dois anos e foi obrigado pela repressão a permanecer oito anos fora do país.

Ao voltar ao Brasil, em dezembro de 1979, Padre Haroldo pede autorização do bispo para ficar no Ceará, em razão da saúde frágil de seu pai, Francisco de Paulo Coelho. No início de 1980, após o falecimento do pai, Padre Haroldo, que se tornara grande amigo do arcebispo de Fortaleza, dom Aloísio Lorscheider, assume o cargo de vigário cooperador da Paróquia de Nossa Senhora de Fátima. Além de assistente da Pastoral Universitária, padre Haroldo Coelho foi, também, professor de teologia Pastoral no

Instituto de Ciências Religiosas – ICRE e, no mesmo ano ingressa como professor na Universidade Estadual do Ceará – UECE.

O recém-chegado logo se integrou ao grupo dos chamados progressistas e nas assembleias de padres, ao lado do padre Moacir, vigário de Aratuba, padre José Maria Cavalcante, padre Manfredo Oliveira, padre Teixeira, padre Fernando, padre Gilson, padre Gerardo, padre Túlio, padre Manoel Couto, dentre outros. Esses padres integravam a ala progressista da Igreja Católica que estava em sintonia com a abertura da Igreja ao Concílio Vaticano II (1962-1965) e o compromisso dos padres com os pobres em Medellín (1968) e em Puebla (1979).

Após seu retorno ao Brasil, Padre Haroldo, que havia se aproximado da Ação Popular (AP), ingressa no Partido Comunista do Brasil – PCdoB que já recebera a adesão de grande parte dos militantes da Ação Popular. No Ceará, dentre esses militantes estavam Jorge Paiva, Regina Célia Zanetti, Rosa da Fonseca e Maria Luiza Fontenele, que construíram uma amizade bem próxima com o Padre Haroldo Coelho.

Padre Haroldo Coelho ficou no PCdoB por pouco tempo, pois já no início de 1980, ocorreu uma cisão no Partido. O grupo dissidente fundou o Partido Revolucionário Comunista – PRC, tendo como principais lideranças no Ceará, seus amigos Jorge Paiva, Rosa da Fonseca e Maria Luiza Fontenele. Em 1984, Maria Luiza e seu grupo romperam com o PRC, fundando, então, o Partido da Revolução Operária – PRO, tendo padre Haroldo Coelho como um dos seus principais colaboradores.

No início da década de 1980, o movimento feminista no Ceará consolida-se com a criação da União das Mulheres Cearenses – UMC, pautando debates sobre discriminação feminina, o machismo e a sexualidade sob a liderança de Maria Luiza Fontenele e Rosa da Fonseca. Em 1982, um grupo dissidente da UMC cria o Centro Popular da Mulher – CPM.

A segunda metade da década de 1970, como se verificou, foi marcada pela reação da sociedade civil, que se organiza e passa, então, a dialogar no cenário político. O grande catalisa-

dor dessa resistência foi o Movimento pela Anistia, que envolveu novos atores sociais nas lutas políticas. A Igreja, por meio da experiência das CEBs em Crateús com D. Frágoso, passou a ter efetiva atuação nos movimentos sociais.

A abertura do sistema político brasileiro no final da década de 1970 e o aprofundamento das contradições urbanas, decorrentes da crise econômica do início da década de 1980, concorreram para o fortalecimento das lutas sociais. De acordo com Gohn:

Os anos 80 iniciaram com os movimentos sociais fortalecidos. Recém-criados a partir da conjuntura política brasileira dos anos 70, vários movimentos sociais haviam acabado de dar um grande salto qualitativo, saindo das reivindicações isoladas para formas agregadas mais amplas das demandas populares, como foi o caso da luta por creches, pela moradia, pelo transporte.<sup>21</sup>

A transformação ocorrida nos movimentos populares na década de 1980 foi resultado das grandes mobilizações que começaram com o Movimento pela Anistia em 1979. É inquestionável o fato de que os anos 1980 foram marcados pelo ressurgimento dos movimentos reivindicatórios urbanos, que, de acordo com Silva (1992), foi um dos fenômenos mais significativos para a sociedade brasileira nos últimos anos<sup>22</sup>. Assim, conforme destaca Oliveira (1993)<sup>23</sup>, o surgimento de muitas associações de moradores é resultado do processo de abertura do sistema político brasileiro no final da década de 1970 e do posterior agravamento da crise econômica, responsável pelo aprofundamento das contradições urbanas e pelo fortalecimento das lutas sociais da classe trabalhadora.

---

<sup>21</sup> GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e lutas pela Moradia**. São Paulo: Loyola, 1991, p. 12-13.

<sup>22</sup> SILVA, José Borzacchiello da. **Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza**. Fortaleza: Multigraf Editora, 1992, p.113.

<sup>23</sup> Cf. OLIVEIRA, Anazir Maria de; CARVALHO, Cyntia Paes de. **Favelas e as organizações comunitárias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

Sem dúvida, foi nessa conjuntura que os moradores das comunidades de favelas e da periferia passaram a se organizar e articular as lutas comunitárias por melhores condições de vida e por moradia.

Na década de 1970, Fortaleza já contava com o trabalho da Federação de Órgãos para a Assistência Social e Educacional, FASE, organização não-governamental com sede no Rio de Janeiro e atuação em seis estados brasileiros inicialmente na área de associativismo e cooperativismo, mas, pelas circunstâncias impostas pela repressão aos movimentos populares, redefiniu seus objetivos e passou a apoiar a organização de sindicatos e formação de lideranças.

Conforme evidencia Fernandes (1991), no mês de setembro de 1977, por iniciativa da Igreja e da FASE, seis bairros de Fortaleza reuniram-se com o intuito de debater os seus problemas, que, na realidade, eram bem comuns. Essa movimentação já demonstrava um caráter de organização dos moradores dos bairros pobres da cidade. Contudo, foi a partir do conflito na favela da José Bastos, em setembro de 1978, que a luta dos moradores de Fortaleza por moradia assume uma maior visibilidade.

A luta dos moradores da favela da José Bastos contra a ação judicial de despejo intensificou-se e ganhou o apoio não só da Igreja Católica por meio da Arquidiocese de Fortaleza, como, também, de várias entidades, dentre elas o Instituto dos Arquitetos do Brasil, IAB-Secção Ceará, Ordem dos Advogados do Brasil, OAB, Associação dos Sociólogos, Diretório Central dos Estudantes DCE da Universidade Federal do Ceará, de intelectuais e artistas como o Grupo Independente de Teatro Amador, (Grita) que chegou a montar uma peça de teatro sobre a invasão da favela, com texto do escritor Adriano Spíndola, e de alguns partidos da oposição.

Mesmo tendo amplo apoio da sociedade civil e da Igreja Católica, o movimento dos moradores da favela da José Bastos acabou sendo derrotado, isso se configura pelo poder coercitivo do Estado:

A repressão policial, contudo, é intensa, e os moradores acabam sendo transferidos para

um terreno nas imediações do FRIFORT, próximos ao limite com o município de Caucaia, denominado Conjunto São Miguel, com péssimas condições de transportes e saneamento, além de distante dos locais de trabalho.<sup>24</sup>

Apesar da aparente derrota dos moradores da favela José Bastos, este movimento significou uma importante experiência no processo de organização coletiva, ao receber a solidariedade de outros bairros que até se engajaram na resistência ao despejo, como foi o caso do Pirambu, e serviu de exemplo para lutas semelhantes em outros bairros de Fortaleza. Conforme destaca Tabosa: "(...) a grande luta da favela José Bastos, nessa época, que envolveu muita gente, uma briga danada e uma intensidade com o povo que nunca tinha visto"<sup>25</sup>.

A luta dos moradores da José Bastos suscitou o processo de politização de moradores de algumas comunidades de Fortaleza. Conjunto Palmeiras, Jardim Nova Esperança, Bela Vista, Cajueiro Torto, São Cura D'Arce e a própria favela da José Bastos formaram a União das Comunidades, cuja linha política era dirigir o movimento na perspectiva de denunciar a violência, a fome, o desemprego e as condições precárias dos moradores das grandes favelas na capital. Nesse período de nossa história, de acordo com Oliveira (1993)<sup>26</sup>, verificou-se a influência das Comunidades Eclesiais de Base – CEBs e da Igreja Católica; a crítica ao assistencialismo e ao clientelismo/coronelismo político; a valorização da educação popular transformadora, com grande influência da experiência e dos escritos do educador Paulo Freire.

---

<sup>24</sup> FERNANDES, Adelita N. Carleial. et al. Movimentos Sociais Urbanos em Fortaleza: trajetórias de um novo sujeito social. In: BRAGA, Elza F, BARREIRA, Irllys (orgs.). **A política da escassez**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/ Stylus Comunicações, 1991, p.63.

<sup>25</sup> TABOSA, José Maria. Vivências, lutas e memórias: história de vida e luta comunitária em Fortaleza. In: CEARAH Periferia. **Vivências, lutas e memórias**: história de vida de lideranças comunitárias em Fortaleza. Coord., Guillaume-Cabanes. Introd. José Borzacchiello da Silva. Análise de Elza Franco Braga. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, p.42.

<sup>26</sup> OLIVEIRA. Op. Cit., p.15.

Barreira (1986)<sup>27</sup> aponta que a partir de 1980 a favela do Lagamar, em Fortaleza, conheceu a experiência das CEBs. Nesse contexto, e diferentemente de sua atuação na década passada, a Igreja Católica destacou-se enquanto instituição responsável pela motivação e difusão de valores éticos sobre a questão da moradia e da propriedade. No caso do Pirambu, a Igreja Católica exerceu grande influência nas lutas dos moradores, notadamente na Paróquia de Nossa Senhora das Graças.

Na época, o padre Haroldo Coelho ofereceu as instalações da Igreja para reuniões do Sindicato dos Metalúrgicos<sup>28</sup> e estimulou a organização de diversas pastorais no bairro<sup>29</sup>. De acordo

---

<sup>27</sup> Cf. BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Incômodos hóspedes? Notas sobre a participação da Igreja e dos partidos políticos nos movimentos sociais urbanos. In: DELLA CAVA, Ralph et al. **A Igreja nas bases em tempo de transição** (1974-1985). Porto Alegre: L & PM/CEDEC, 1986.

<sup>28</sup> Em 1983 ocorre a intervenção da DRT (Delegacia Regional do Trabalho) junto ao Sindicato dos Metalúrgicos e Carlos Brilhante assume como interventor. A direção eleita do Sindicato não podia entrar na sede do Sindicato e passou a utilizar um prédio próximo ao Salão Paroquial da Igreja de Nossa Senhora das Graças que fora cedido pelo Padre Haroldo Coelho. Em 1984, quando é definido o presidente substituto do Sindicato, assume José Eudásio de Souza.

<sup>29</sup> Entre as diversas pastorais da Paróquia de Nossa Senhora das Graças podemos destacar a Pastoral da Criança, que era coordenada pela irmã Teófila, da Congregação de Santa Terezinha. Essa pastoral desenvolvia ações básicas nas áreas mais carentes do Pirambu. Teve muita importância na queda da mortalidade infantil, mediante o acompanhamento das crianças desnutridas. Outra pastoral que teve destaque foi a Catequese, coordenada pelas irmãs de Santa Terezinha, foi responsável pela formação de catequistas perseverantes que desenvolveram um trabalho muito importante com as crianças das áreas mais carentes do bairro. Nessa pastoral, além da irmã Teófila, destacaram-se alguns jovens da comunidade, como Rogéria Machado, Leôncio, Mafalda, Neri, Leninha, Elda Lúcia, Marcondes, Edvana, Telma, Tânia, Ribamar Brito, Nonato Nogueira e outros. Teve também destaque, o grupo de formação para a Crisma, que teve à frente: dona Vicência, Dona Socorro, Seu Tota, Dona Mocinha, Irmã Teófila e alguns jovens integrantes do Grupo Jesrist. Outra pastoral que foi bastante incentivada pelo Padre Haroldo Coelho foi a Pastoral da Juventude, cujo objetivo era evangelizar e organizar os jovens empobrecidos do bairro, a partir de sua realidade e através da formação integral, contribuindo na construção de uma nova sociedade. O trabalho com a juventude rendeu a formação de grupos fortes, como Jesrist (Juventude Esportiva Cristã de Santa Terezinha), Jesus (Juventude Evangélica Sempre Unidos no Senhor), Gtap (Grupo de Teatro Amador do Pirambu). Em 1982, os jovens pertencentes ao grupo Jesus, começaram a se reunir no Movimento Libertação para trabalhar com a autoestima de jovens no bairro e contou com o acompanhamento do professor César Wagner da Universidade Federal do Ceará.

com Montenegro (1994)<sup>30</sup>, a Igreja, as associações de moradores e os sindicatos são locais onde a população, lentamente, vai treinando a arte da fala e aprende a discutir, a defender uma ideia, além de ouvir a ideia dos outros, passa a inventar argumentos na defesa do seu ponto de vista, da sua opinião. Em sintonia com o discurso das lideranças religiosas e populares, é desencadeada uma série de ações no sentido de mobilizar os moradores, conforme destaca Montenegro:

É através dos discursos que a carência virtual de bens materiais se atualiza numa carência de casa própria ou de um barraco, de sapatos ou de vestido, de feijão com arroz, (...) de escola para os filhos. É através dos discursos que a demanda do reconhecimento da própria dignidade pode ser satisfeita por meio do trabalho árduo ou da preservação do fim de semana para pescar, da liberdade individual ou da integridade da família, do culto religioso.<sup>31</sup>

No Pirambu, o discurso do Padre Haroldo Coelho e das lideranças tinham em comum a luta pela terra, contra a violência e a exclusão social. Nesse sentido, não é contra o poder que as lutas nascem, mas é nas relações de poder que as lutas se desenvolvem<sup>32</sup>. O poder está em toda parte, nas relações cotidianas do povo, nas associações de moradores e na própria Igreja Católica. Inferimos, portanto, que na década de 1980 o poder estava bem presente na Igreja Católica do Pirambu, predominando, pois, nos discursos da Teologia da Libertação e o da Renovação Carismática Católica.

---

<sup>30</sup> Cf. MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1994, 38.

<sup>31</sup> MONTENEGRO. Op. Cit., p. 39.

<sup>32</sup> Cf. FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos, Volume IV: **estratégia, poder-saber**. Org. Manoel Barros da Motta; Tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 271.

De acordo com Oliveira (1993)<sup>33</sup>, a década de 1980 foi de grandes mobilizações e demonstração de força política das organizações comunitárias. Para Montenegro (1994)<sup>34</sup>, foi um período de luta dos moradores das favelas, uma luta diária contra a falta de tudo. Diante de tal situação de exclusão, passam a denunciar na imprensa as péssimas condições de moradia e a necessidade urgente de obras públicas, especialmente no tocante aos problemas de saneamento, água, luz e lixo. No Pirambu, a situação era de total descaso por parte do Estado em relação às necessidades básicas dos moradores com o lixo acumulado nas ruas, águas poluídas, esgotos irregulares, falta de iluminação e de policiamento, além das doenças que assolavam as crianças e idosos.

Essa era a realidade dos moradores desse bairro da periferia de Fortaleza. Contudo, a partir de 1981, os moradores do bairro romperam o silêncio e passaram a denunciar na imprensa a situação miserável em que viviam. Tal fato pode ser evidenciado na manchete do Jornal *O Povo*, edição de 21/07/1981, "Moradores do Pirambu ainda convivem com dificuldades". Aqui o papel representado pelo discurso do jornal era demonstrar que quase vinte anos após a famosa marcha dos moradores, liderados pelo padre Hélio, pouca coisa mudara em relação à atenção das autoridades às condições de vida dos moradores do Pirambu. A violência assustava, principalmente a violência policial, a fome ainda rondava os velhos barracos da beira da praia e o estigma de bairro perigoso permanecia vivo, tanto nas páginas dos jornais, como nos discursos da elite da cidade.

No processo de lutas dos moradores do Pirambu as associações passam a se constituir referência central na comunidade<sup>35</sup>. Veja-se o caso da Associação de Moradores da rua Cura D'Ars<sup>36</sup>, que assumiu desde a sua fundação, em 1976, o papel de

<sup>33</sup> Cf. OLIVEIRA, Anazir Maria de; CARVALHO, Cyntia Paes de. **Favelas e as organizações comunitárias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

<sup>34</sup> MONTENEGRO. Op. Cit., p. 36.

<sup>35</sup> OLIVEIRA. Op. Cit., p.103.

<sup>36</sup> A União dos Moradores da Rua São Cura D'Ars foi fundada no Pirambu, no ano de 1976, por José Lopes Macedo, Seu Zequinha, morador do bairro desde 1966.

denunciar na imprensa a situação de abandono no bairro. Convém lembrar que as lutas dos moradores da rua São Cura D'Ars teve início em 1975, numa campanha realizada junto à Coelce para conseguir iluminação. De acordo com o morador José Lopes de Macedo:

(...) Fizemos uma campanha muito grande para conseguir luz aqui para a Rua São Cura D'Ars. A gente conseguiu, mas foi a primeira vez que eu fui à imprensa na minha vida. Nós levamos cento e cinquenta pessoas lá para a COELCE, aí lá era na época da ditadura, aí foi em 1975, aí chamaram a polícia. Quando a polícia chegou, nós estávamos longe. Nós fomos à imprensa, inclusive o Jornal O Povo, procuramos lá, perguntamos quanto era que a gente pagava para denunciar que eles tinham ido buscar a polícia, e eles disseram que não pagava nada não. No outro dia foi um estrondo em rádio, e em jornal, em todo canto; "COELCE, NEGA-SE RECEBER O POVO DO PIRAMBU". O certo foi que nós conseguimos a luz. (...) Então a gente lutou, construímos a União dos Moradores da Rua São Cura D'Ars.<sup>37</sup>

A União dos Moradores da rua São Cura D'Ars desempenhou um papel muito importante no processo de organização dos moradores do Pirambu, sendo, também, um instrumento de luta de algumas lideranças comunitárias que, na época, faziam oposição ao Conselho Geral do Cristo Redentor, cujo presidente era o padre Gaetan de Tillesse. A luta dessa associação, que teve início em 1975, já havia conquistado na década de 1980 espaço significativo nos jornais locais para fazer suas denúncias. Tal fato pode ser percebido na edição do jornal *Tribuna do Ceará*

---

<sup>37</sup> Entrevista com José Lopes de Macedo, morador do Pirambu e presidente da União dos Moradores da rua São Cura D'Ars, realizada pelo CPDOC/Pirambu em 1995. Cf. COSTA, Maria Gonçalves et al. **Historiando o Pirambu**. Fortaleza: CPDOC/Seriartes Edições, 1995, p.31.

do dia 10/12/1981, tinha como destaque: “Moradores do Pirambu comemoram com festa oito anos de um buraco”. A notícia parecia engraçada, mas foi uma tática astuciosa dos moradores de chamar a atenção das autoridades para um enorme buraco de aproximadamente cinquenta metros de profundidade, localizado entre as ruas Vicente Saboia e Santa Elisa.

Deve-se notar aqui uma forma de conspirar contra o Estado omissivo em relação às questões sociais. Nessa perspectiva, verifica-se o poder de mobilização dos moradores a partir da ação de uma associação de moradores contra as autoridades locais, e em especial ao vereador que se dizia representante do bairro, firmando promessas de resolver os problemas que afetavam a vida dos moradores, no caso a enorme cratera, e que até a realização do protesto não se havia cumprido.

A estratégia<sup>38</sup> era denunciar, por meio da imprensa, o abandono do bairro. Ao organizar uma festa de repúdio, os moradores, que contaram com um bolo gigante de dois metros de comprimento, ia, ao mesmo tempo, tecendo sua conspiração contra a ordem política de repressão, ainda vigente no país. De acordo com Gohn (2013), nesse contexto, o movimento de associações de moradores cresceu e diversificou-se<sup>39</sup>.

Em Fortaleza, surgiram várias associações de moradores, o que, de certo modo, acabou motivando a realização do I Congresso de Entidades de Bairro, realizado em 1981, reunindo 29 entidades, e culminando com a criação, no ano seguinte, da Federação de Bairro e Favelas de Fortaleza – FBFF, cuja primeira diretoria eleita tinha predomínio do Partido Comunista do Brasil, PCdoB, embora a direção possuísse pluralidade política, com integrantes de diversos partidos e movimentos. De acordo com Barreira (1992), a vigência de novas lideranças articu-

---

<sup>38</sup> Certeau chama de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se tornam possíveis a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. Cf. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer; 14 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p.99.

<sup>39</sup> GONH, Maria da Glória. **Movimentos Sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2013, p. 51.

ladas à Federação de Bairros e Favelas, a setores progressistas e tradicionais da Igreja e outras agremiações partidárias reflete outro tempo de mobilização política<sup>40</sup>. Tratando-se do Pirambu, esse novo tempo de mobilização política envolveu militantes do Partido dos Trabalhadores e setores tradicionais da Igreja num conflito que durou quase três anos. De 1980 até 1982 lideranças do bairro, militantes do PT e o Conselho Comunitário do Cristo Redentor envolveram-se no conflito político motivado pela destruição de uma duna<sup>41</sup> localizada na área do Cristo Redentor. Os meios de comunicação, em especial o jornal *O Povo*, noticiaram o conflito com versões controversas.

Na edição de 30 de outubro de 1981, na página 9, *O Povo* escreve que o "movimento dos moradores do bairro em relação à destruição da Duna do Japão não passava de celeuma de agitadores", assim tratando uma questão que, de acordo com o Conselheiro Ozias Matos, fora aprovado por mais de mil moradores do bairro, e a demolição das moradias, na ótica do matutino, era uma celeuma de agitadores que faziam oposição ao padre Gaetan de Tillesse, presidente do Conselho Comunitário do Cristo Redentor.

O mesmo jornal publicou, em sua edição do dia 13 de junho de 1982, artigo do arquiteto e professor da Universidade Federal do Ceará, Jorge Neves, intitulado: "Decretada à morte da última duna do Pirambu". O texto alerta para a destruição da duna, que poderia ter como consequência o agravamento das condições urbanas do bairro, e responsabiliza a prefeitura por não ter dado uma orientação técnica para um desenvolvimento planejado do bairro. O arquiteto contradiz a justificativa do padre Gaetan de Tillesse de que no espaço seria construída uma escola, e argumenta que tal fato não justifica a destruição de uma duna, uma vez que o Estado poderia desapropriar um dos terrenos livres ao longo da Avenida Leste Oeste.

---

<sup>40</sup> ARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **O Reverso das vitrines** – conflitos e cultura política. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992, p. 63.

<sup>41</sup> Essa duna é popularmente conhecida como Duna do Japão.

A destruição da duna continua rendendo matérias nos jornais. O *O Povo*, de 16 de junho de 1982, traz na página 8, "Escola ainda é incerta, mas duna é desfeita", e denuncia que diariamente é retirada uma média de vinte carradas de areia do local. Já na edição de 22 de junho de 1982, o mesmo veículo notícia "Prefeitura decide hoje sobre o destino da duna". Toda essa exposição conseguiu evitar temporariamente o desmonte da duna, suspenso pela Secretaria de Urbanismo e Obras Públicas do Município – SUOP, que enviou ao Pirambu dois engenheiros para fazerem um estudo sobre as condições do local, e então poder decidir sobre o destino final da Duna do Japão.

Embora tratasse inicialmente a questão como uma celeuma de agitadores, o jornal deu espaço à acusação feita pelos moradores de que o padre Gaetan de Tillesse teria vendido a duna pela quantia de Cr\$ 200 mil ao empreiteiro Luciano Mendes, responsável pelo trabalho de desmonte da duna, tendo o padre reconhecido o recebimento do dinheiro, mas justificado que seria utilizado na indenização dos barracos que seriam demolidos. Na edição do jornal *O Povo*, de 15 de julho de 1982, foram destaques as notícias: "A briga das dunas" e "Tempestade em copo d'água", evidenciando a longa e complexa disputa entre os moradores do bairro e o Conselho Comunitário, presidido pelo padre Gaetan de Tillesse. Ao ser entrevistada uma moradora da área de conflito afirmou: "O pessoal daqui não participa deste Conselho de jeito nenhum, só eles mesmo de lá, a pobreza não tem vez"<sup>42</sup>. Outra moradora disse o seguinte: "Este Conselho de há muito não representa a comunidade, porque não existe participação nenhuma das pessoas. Nós não fomos ouvidos sobre a questão da duna"<sup>43</sup>.

De acordo com as entrevistas das moradoras ao jornal *O Povo*, inferimos a insatisfação de alguns moradores com a atuação do Conselho Comunitário do Cristo Redentor. Os representantes do Conselho criticam a intromissão do jornal nos assun-

---

<sup>42</sup> Entrevista da moradora Maria da Conceição ao jornal *O Povo* do dia 15 de julho de 1982.

<sup>43</sup> De acordo com o jornal *O Povo* do dia 15 de julho de 1982, a moradora que fez a denúncia é residente na rua 6, porém não quis se identificar.

tos da comunidade e dizem que “os assuntos da comunidade se resolvem na própria comunidade”. Em uma carta enviada à redação do jornal, o padre Gaetan de Tillesse justifica a destruição da duna pela omissão das autoridades quanto à urbanização do local e garante que diversas vezes procurou a prefeitura para tratar da questão sempre ouvindo que não havia verba para tal. Em 1981, a prefeitura autorizou a retirada de uma parte da duna para construção, no local, do Centro Social Urbano – CSU Virgílio Távora. O restante seria retirado para a construção de uma escola. Na edição de 23 de setembro de 1982, *O Povo*, trouxe a manchete: “Protesto contra o desmonte à duna”. Porém, no dia 25 de novembro, a manchete foi: “Apelos não conseguiram salvar a duna do Pirambu”.

As reportagens do *O Povo* destacavam que, apesar dos protestos de ecologistas e da ampla divulgação na imprensa, a duna do Pirambu teve seu fim sacramentado após embargos e desembargos sucessivos. Venceu o empreiteiro Luciano Mendes, que devastou a duna tendo o pleno consentimento do prefeito José Aragão e do padre Gaetan de Tillesse, vigário da Paróquia do Cristo Redentor e presidente do Conselho Comunitário. Em entrevista ao jornal no dia 29 de novembro de 1982, o padre Gaetan justificando a destruição da duna disse que “Pobre não pode se preocupar com a paisagem quando não tem casa para morar, a barriga está vazia e os filhos não podem frequentar a escola”<sup>44</sup>. No tocante à oposição por parte de alguns moradores, o padre já havia anteriormente comentado o fato numa entrevista em 29 de outubro de 1982, quando disse ser alvo de uma campanha visando desacreditá-lo movida por políticos infiltrados na comunidade. É importante lembrar que, nessa época, o PCdoB estava bem enraizado no bairro, em vários segmentos, em associações de moradores<sup>45</sup>, nos movimentos culturais e em um grupo de jovens da comunidade. Além do PCdoB, o outro partido que começava

---

<sup>44</sup> Entrevista dada pelo Padre Gaetan de Tillesse ao jornal *O Povo* do dia 29 de novembro de 1982, p. 8.

<sup>45</sup> Com a legalização e surgimento de novos partidos políticos no início da década de 1980, a maioria das associações de bairro acabam se identificando com determinado político, no caso do Pirambu, predominaram no período o PCdoB e o recém-criado PT.

a ganhar espaço entre as lideranças comunitárias do bairro era o PT.

Como se pode perceber, o ano de 1982 foi marcado por muitas denúncias de moradores do Pirambu, que utilizaram espaços nos meios de comunicação para manifestar sua indignação ao total descaso por parte do Estado e de setores da Igreja Católica, em relação à situação miserável de muitos moradores do bairro e a destruição da famosa Duna do Japão. Barreira (1992)<sup>46</sup> destaca que os conflitos entre moradores e a Igreja foram motivados pelo incremento populacional, que acabou contribuindo para o fracionamento do bairro em termos de organização coletiva.

Tratando-se do Pirambu, o processo de ocupação social do espaço foi motivo de conflitos entre os moradores e o Conselho Comunitário do Cristo Redentor. Foi a partir da organização dos moradores que começaram as táticas<sup>47</sup> de resistência contra a destruição de casebres no bairro, como se verifica na notícia veiculada pelo jornal *O Povo* de 29 de outubro de 1982, "Destruição de casebres revolta povo do Pirambu". No mesmo dia, o jornal *Diário do Nordeste*, na página 8, trazia a seguinte notícia: "Moradores não estão seguros quanto ao final dos despejos".

Há aqui semelhanças com o momento de revolta e medo por parte dos moradores quando os dois jornais cearenses expuseram um problema que atingia os moradores de favelas de Fortaleza: a incerteza em relação ao lugar de moradia e o medo

---

<sup>46</sup> Cf. BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. **O Reverso das vitrines** – conflitos e cultura política. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

<sup>47</sup> Certeau chama de tática a ação calculada que é determinada pela ausência de um próprio. Então, nenhuma delimitação de fora lhe fornece a condição de autonomia. A tática não tem lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, a distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento "dentro do campo de visão do inimigo", como dizia Büllow, e no espaço por ela controlada. Ela não tem, portanto, a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as "ocasiões" e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade de prever saídas. O que ganha não se conserva. Cf. CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer; 14 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008, p. 100.

constante das desocupações arbitrárias, onde aqueles que detinham o poder se utilizavam do aparato policial para reprimir e expulsar os pobres do seu local de moradia. Tal fato pode ser observado, na notícia veiculada no jornal *Diário do Nordeste*, dando conta da derrubada de quatro casebres na rua do Avanço, no bairro do Cristo Redentor. Segundo o jornal, a operação de demolição foi supervisionada por seis homens do Comando de Operações Especiais – COE, o que criou um clima de tensão e medo entre os moradores do Pirambu.

De acordo com a Fundação Programa de Assistência às Favelas da Região Metropolitana de Fortaleza – PROAFA, as famílias seriam transferidas para um conjunto habitacional construído na praia das Goiabeiras. No tocante à posição da Igreja, os moradores passaram a questionar a total omissão de agentes pastorais que, diante da situação, preferiram silenciar. Por sua vez, a postura do padre Gaetan não agradava aos moradores. Contrariando o discurso dos opositores, o padre declarou ao jornal *Diário do Nordeste* que “as casas foram derrubadas porque não havia nenhum morador dentro delas”<sup>48</sup>. A questão motivou a visita ao local do monsenhor Abelardo Ferreira, do Centro de Defesa dos Direitos Humanos que apenas observou a situação e não fez nenhum pronunciamento sobre a questão.

O conflito envolvendo moradores e representantes da Igreja Católica no Pirambu foi bastante explorado pelo jornal *O Povo*. Em entrevista concedida ao referido jornal, no dia 29 de outubro de 1982, o vigário da Paróquia do Cristo Redentor afirmou que:

O Conselho vinha funcionando a contento, até que surgiram, no Bairro do Cristo Redentor, líderes políticos de esquerda, que procuraram fazer um trabalho contra o vigário, confundindo-o com O Conselho Comunitário, que é formado por líderes das diversas comunidades e distinguindo, no meio do povo, o que eles chamam de Igreja Tradicionalista e

---

<sup>48</sup> Entrevista do Padre Gaetan de Tillesse ao jornal *Diário do Nordeste* no dia 29 de outubro de 1982, p. 8.

Igreja Progressista. Na onda dos conflitos ideológicos que se seguiram, estes políticos incitaram a invasão da área, de forma anárquica, com a construção de casas de tal forma que vai permitir a configuração de uma nova favela.<sup>49</sup>

Na narrativa do padre Gaetan nota-se uma forte oposição às lideranças comunitárias que estavam envolvidas com partidos políticos e ao discurso dos teólogos da libertação. Ao que tudo indica, havia na Igreja do Pirambu uma disputa pelo poder, que se configura em dois discursos: o da Renovação Carismática Católica criticando os movimentos sociais, e o da Teologia da Libertação crítico aos poderosos que exploravam os pobres e incitava a luta pela libertação. Nessa perspectiva, a postura do padre Gaetan, obviamente, não agradava aos militantes das CEBs e das associações de moradores, sobretudo pela total omissão na destruição de barracos na área de sua paróquia. Em posição contrária, o pároco da Igreja vizinha, Padre Haroldo Coelho, em entrevista ao mesmo jornal disse:

Qualquer que seja o pretexto desta demolição, ela foi um ato de arbitrariedade, anti-humano e antievangélico. Cabe à polícia garantir a segurança do povo, principalmente dos oprimidos e não, sem nenhum mandato jurídico, derrubar barracos onde moram pessoas idosas, senhoras e crianças, principalmente numa área que foi desapropriada para fins sociais.<sup>50</sup>

A destruição dos barracos naquele bairro não envolveu somente os moradores e a Igreja Católica, chamou também a atenção do parlamento municipal. De acordo com o jornal *O Povo*, em sua edição de 30 de outubro de 1982, o líder do PMDB na

---

<sup>49</sup> IDEM, p. 10.

<sup>50</sup> Entrevista do Padre José Haroldo Coelho ao jornal *O Povo* no dia 29 de outubro de 1982, p. 10.

Câmara Municipal de Fortaleza, o vereador José Maria de Barros Pinho, na última sessão da Câmara, havia protestado contra a destruição dos casebres localizados na rua do Avanço, no bairro do Cristo Redentor, no Pirambu. Tal ato foi considerado pelo vereador como uma arbitrariedade e uma violência praticada contra pessoas humildes. Na oportunidade, o vereador fez um apelo ao governador Manoel Castro Filho para que encontrasse uma solução para o caso dos moradores desse bairro. Acrescentou em seu discurso que o surgimento das favelas decorre da difícil situação social em que se encontra o homem do campo, que nos períodos de estiagem são obrigados a migrar para a Cidade grande na esperança de encontrar melhores dias, mas, ao chegar à capital, depara-se com uma situação bem pior do que a existente no interior do estado.

A questão dos casebres prolongou-se até o final do ano de 1982 e continuou sendo manchete de jornais. A edição do jornal *O Povo*, de 31 de outubro de 1982, trazia a seguinte notícia: "Casebres do Pirambu estão ameaçados de derrubada". No jornal *Diário do Nordeste*, do mesmo dia: "Derrubada de casas em represália no Pirambu". Em 2 de novembro de 1982, a edição do jornal *Diário do Nordeste* notícia: "Famílias do Cristo Redentor continuam no impasse".

O conflito entre moradores e o vigário da Paróquia do Cristo Redentor acabou gerando uma onda de boatos de que o padre Gaetan seria transferido do Pirambu, ultrapassando os limites do bairro. O *O Povo*, edição de 24 de novembro de 1982, página 10, destacava: "Padre Caetano Tillesse continua no Pirambu". Caetano era o nome abreviado do padre Gaetan. Antes, na edição de 15 de novembro de 1982, este jornal noticiara uma reunião entre o cardeal Dom Aloísio Lorscheider, monsenhor Abelardo Ferreira, padre Haroldo Coelho e padre José Teixeira para um esclarecimento sobre a derrubada de três casebres no Pirambu, além de uma discussão acerca da posição assumida pelo padre Gaetan, vigário da Paróquia do Cristo Redentor, sobre o problema. Foi por conta de tal reunião que nasceu entre os moradores do Pirambu o boato da saída do padre Gaetan de Tillesse daquela área pastoral, informação negada pelo padre Haroldo Coelho,

que afirmou, categoricamente, que a Arquidiocese de Fortaleza não tinha nenhuma intenção de substituir o vigário da Paróquia do Cristo Redentor.

A problemática da derrubada dos casebres no Pirambu acabou motivando a mobilização dos moradores; que, no dia 22 de dezembro de 1982, promoveram uma grande passeata de protesto contra a PROAFA<sup>51</sup>. A marcha foi organizada pela Federação de Bairros e Favelas de Fortaleza, pela Associação de Moradores da Cacimba dos Pombos, Associação de Moradores da rua do Avanço, União dos Moradores da rua São Cura D'Ars, bem como representantes do Lagamar. Ela teve início às 13 horas, saindo da avenida Pasteur, no Pirambu, percorrendo as ruas da cidade, passando pelo Paço Municipal, Arquidiocese de Fortaleza e encerrando-se no Palácio da Abolição. Essa movimentação dos moradores do Pirambu e do Lagamar foram notícias nos jornais locais. A edição de 20 de dezembro de 1982, do jornal *Diário do Nordeste* trouxe a manchete "Bairro do Pirambu protestará contra a PROAFA no Palácio". Já no *O Povo*, de 22 de dezembro: "Moradores do Pirambu realizarão passeata". E na edição do jornal *O Povo* de 23 de dezembro de 1982: "Residentes do Pirambu: nós queremos ficar".

De acordo com Barreira (1991)<sup>52</sup>, a estratégia do estado de remover para conjuntos habitacionais as famílias que ocupavam as favelas, teve início em 1971, através do Programa de Remoção de Favelas – Proafa executado pela Fundação do Serviço Social de Fortaleza. No período de 1979 a 1983, por meio dos programas Promorar, João de Barro e recursos do Fundo de Desenvolvimento do Estado do Ceará – FDC, foram construídos oito conjuntos habitacionais.

É possível perceber que o processo de organização dos moradores dos bairros de Fortaleza acabou contribuindo para

---

<sup>51</sup> No Pirambu o trabalho da PROAFA foi iniciado em março de 1982 com o objetivo de remover as famílias das áreas de risco para o Conjunto das Goibeiras.

<sup>52</sup> Cf. BRAGA, Elza F, BARREIRA, Irllys (orgs.). **A política da escassez**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações, 1991.

modificar a forma de intervenção do Estado nos movimentos de bairro. É nesse contexto que entra em cena o Proafa, criado como veículo de intermediação entre o Estado e os moradores de bairro que passou a utilizar métodos repressivos no enfrentamento dos conflitos sociais<sup>53</sup>. De acordo com Costa:

O PROAFA passa a considerar o "desenvolvimento da comunidade", tendo como núcleo central a favela, o "mais complexo de todos os desafios urbanos". Esse processo de "desenvolvimento da comunidade" se traduzia em uma preparação mais lenta e gradual da dinâmica da "transferência" das famílias para novas unidades habitacionais. Percebe-se que o termo remoção é substituído por "transferências" e o uso da força pela presença recorrente de técnicos do Governo nas áreas de ocupação, no sentido de preparar as famílias para o momento da ida para outros locais.<sup>54</sup>

A criação desse Programa foi, na verdade, uma tentativa do governo de exercer um controle sobre os movimentos de bairros em Fortaleza. Por meio desse órgão pôde inibir o processo de organização dos moradores do Pirambu, em 1982, e do Lagamar em 1983. Nessa favela, diferente da conquista dos moradores do Pirambu, em 1962, depois de muita luta os moradores obtiveram uma vitória parcial, apenas assegurando a permanência na área reivindicada, sem nenhuma garantia efetiva por parte do governo da posse da terra.

A evolução das organizações políticas e das lutas comunitárias em Fortaleza e de outros grandes centros urbanos do país insere-se no contexto social e político das grandes mobilizações que teve início com a abertura política.

---

<sup>53</sup> PROAFA – Programa da Assistência às Áreas Faveladas de Fortaleza, criada em 1979 pelo governo do Estado.

<sup>54</sup> COSTA, Maria Gonçalves et al. **Historiando o Pirambu**. Fortaleza: CPDOC/Seriartes Edições, 1995, p.35.

Esse caminho de grandes mobilizações avança com a anistia em 1979 e entra na década de 80 com a organização cada vez maior dos movimentos sociais urbanos, rurais, estudantis, sindicais e na constituição do Partido dos Trabalhadores que, naquele momento, se apresentava como grande esperança de um partido de massa com base operária e, ao mesmo tempo, reunindo intelectuais, setores amplos da classe média, movimentos populares e setores progressistas da Igreja Católica. Esse bloco de forças impunha uma organização forte para lançar às ruas das grandes cidades milhares de pessoas, que, no seu descontentamento, clamavam por terra, trabalho e liberdade.<sup>55</sup>

Como constatado, a presença da Igreja Católica foi bem expressiva na década de 1980. Inspirados nas práticas fundadas na Teologia da Libertação, padres, freiras e leigos engajaram-se nas lutas dos moradores da favela José Bastos e de outras comunidades de Fortaleza. Outro fator que marca de forma acentuada a importância da Igreja nos movimentos sociais da cidade foi, sem dúvida, a figura de dom Aloísio Lorscheider que teve um papel fundamental na intermediação junto aos poderes públicos. O arcebispo foi, na verdade, um grande defensor da desapropriação e urbanização das favelas da cidade. De acordo com as palavras de Maria Luiza Fontenelle, dom Aloísio era um homem muito destemido e adepto das Comunidades Eclesiais de Base. Foi ele que gravou a expressão ocupação para se contrapor à ideia que a imprensa divulgava de invasão.<sup>56</sup>

A partir de 1985, a relação entre o estado e os movimentos sociais assume uma nova configuração, com a abertura de es-

---

<sup>55</sup> VASCONCELOS, José Gerardo. O papel da Igreja no Ceará: luta, resistência e refluxo. In: Mc DONALD, Brendan Coleman; ALBUQUERQUE, Benedito Francisco (Org.). **O perfil da Igreja no Ceará**. Fortaleza: UFC, 1997, p.75.

<sup>56</sup> Entrevista com Maria Luiza Fontenelle, realizada em sua residência no dia 30/09/2013.

paços de participação popular. De acordo com Barreira (1991)<sup>57</sup>, influíram nessa direção acontecimentos como a adesão do governador Gonzaga Mota ao movimento pelas eleições diretas e à candidatura de Tancredo Neves e as críticas ao regime autoritário, feitas pela sociedade civil, além das lutas e pressões do movimento popular por participação nas ações políticas públicas, direcionadas ao atendimento das necessidades básicas da população.

**Figura 13** - Padre José Haroldo Bezerra Coelho no Pirambu em 1982.



Fomte: Jornal *O Povo*.

<sup>57</sup> BARREIRA, Maria do Socorro Chagas. A intervenção planejada e o discurso da participação. BRAGA, Elza F, BARREIRA, Irllys (orgs.). **A política da escassez**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações, 1991, p. 92.

**Figura 14** - Padre Haroldo Coelho, Rosa da Fonseca, Maria Luiza Fontenele e moradores do Pirambu em 1985.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 15** - Padre Haroldo Coelho em uma celebração pela América Latina.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 16** - Padre Haroldo Coelho.



Fonte: Arquivo pessoal.

## 5.5 As comunidades eclesiais de base

O final da década de 1960 e início de 1970 foi um período de nossa história marcado por uma intensa repressão política<sup>58</sup> e censura aos movimentos sociais. Durante esses anos de regime militar, a voz do episcopado era a única que o governo temia abafar, que saindo da posição omissa de antes, foi a primeira a lutar para restituir a voz ao povo, quando os generais perderam o fôlego<sup>59</sup>.

De acordo com Frei Beto (1981), nesse contexto histórico, os membros das comunidades de base tiveram uma participação ativa no processo de oposição popular ao regime militar. Contudo, ele ressalta que essa luta não nasceu de forma espontânea nas comunidades, tampouco resultou do alto nível de consciência política do povo. A conjuntura nacional foi a responsável pelo fortalecimento das Comunidades Eclesiais de Base, num momento em que os partidos de oposição, movimento estudantil e sindical e grupos organizados de esquerda eram reprimidos pelo governo. Foi nesse setor da Igreja Católica em transformação onde os movimentos populares encontraram apoio e onde os pobres puderam expressar suas angústias e aspirações.

Segundo Mainwaring (1986), na década de 1970, a Igreja Católica do Brasil destacou-se como uma das mais progressistas do mundo e os movimentos sociais urbanos, considerados autônomos em relação aos partidos políticos, opunham-se ao Estado autoritário, além de se revelarem inovadores em termos de criação de laços de solidariedade humana<sup>60</sup>.

As Comunidades Eclesiais de Base – CEBs surgiram no Brasil, na década de 1960, num contexto de profundas mudanças na Igreja Católica da América Latina, marcadas pela ascen-

---

<sup>58</sup> Cf. MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória**: a cultura popular revisitada. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1994, p. 66.

<sup>59</sup> REGAN, David. **Igreja para a libertação**: retrato pastoral da Igreja no Brasil. Tradução de José W. de Andrade. São Paulo: Paulinas, 1986, p. 288.

<sup>60</sup> Cf. MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e o Movimento Popular**: Nova Iguazu – 1974-1985. In: DELLA CAVA, Ralph et al. **A Igreja nas bases em tempo de transição (1974-1985)**. Porto Alegre: L & PM/CEDEC, 1986, p. 73.

são do Papa João XXIII e a convocação do Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965), que mudou as diretrizes dogmáticas da Igreja Católica, dando protagonismo aos leigos nas ações evangelizadoras.

Nas CEBs, o discurso é fundamental. É a palavra do leigo, a prática da linguagem do pobre, enfim o poder de fala das bases. Num ritual simbólico, a base é capaz de construir discursos numa perspectiva histórica, onde as práticas concretas estejam vivas nos seus discursos, sejam eles religiosos ou políticos.

Frei Betto (1981), em sua análise sobre os discursos das CEBs, destaca dois conteúdos: um religioso e outro político. Ele nos diz que nas celebrações o discurso político está presente na liturgia da palavra, sobretudo na explicitação dos textos bíblicos. Por sua vez, o discurso religioso faz-se no decorrer da liturgia eucarística<sup>61</sup>. Na Paróquia de Nossa Senhora das Graças, do Pirambu, na primeira metade da década de 1980 o Padre Haroldo Coelho, durante as celebrações da missa, utilizou, muitas vezes, o discurso político, para, após a leitura do evangelho, comentar com indignação os problemas enfrentados pelos moradores do Pirambu: violência; desemprego; miséria, dentre outros.

Nessa perspectiva, o padre partia do pressuposto de que o discurso religioso não era suficiente, exigindo a complementação com o discurso político. Contudo, no primeiro momento começou a ocorrer o que era comum em muitas comunidades que não estavam acostumadas com essa prática religiosa. As pessoas que gostavam de cantar, rezar, ler e meditar o evangelho, desvinculado da realidade social, ao se deparar com o discurso político do padre Haroldo Coelho, acabaram se afastando da Igreja, pois não tinham consciência ou simplesmente não queriam ouvir pregação sobre problemas sociais<sup>62</sup>. Diante da reação de alguns moradores do bairro, o vigário e os agentes

---

<sup>61</sup> Cf. BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Brasiliense, 1981.

<sup>62</sup> No Pirambu, o discurso do Vigário de Paróquia de Nossa Senhora das Graças denunciava a miséria, a opressão, a fome e mostrava a importância de o povo lutar por mudanças sociais, a partir da participação no sindicato e nos movimentos populares.

pastorais perceberam que o discurso religioso era bem acolhido por todos, enquanto o discurso político era recebido com certa desconfiança. Por sua vez, as manifestações religiosas, aparentemente desprovidas do discurso político, tinham uma participação significativa dos moradores do bairro. As procissões e a missa tradicional conseguiam aglutinar mais, enquanto as manifestações religiosas de conotação política acabaram afastando muitas pessoas da Igreja. Por que ocorria tal estado de coisas? Será por falta de consciência do povo ou por conta da fragilidade do discurso político do padre e dos agentes pastorais?

De acordo com Frei Betto (1981), algumas vezes o discurso político consegue estabelecer uma espécie de dialeto progressista entre os membros das comunidades, mas raramente produz uma mobilização efetiva para a transformação da realidade. Haja vista que, antes da chegada do padre Haroldo ao Pirambu, na Paróquia de Nossa Senhora das Graças, havia um predomínio do discurso religioso. Genérico e simbólico tendo em seu conjunto o estabelecimento de uma meta, um projeto celestial que atendia apenas a questão espiritual do povo, deixando para os políticos profissionais o debate acerca dos problemas sociais.

Diante dessa realidade, o papel do agente pastoral é o de conscientizar os membros da comunidade em relação às questões genéricas como fraternidade, união, direitos humanos, construção de um mundo novo, abolição das contradições entre ricos e pobres. Contudo, não se pode esquecer que esse discurso, mesmo sendo capaz de sensibilizar a consciência popular, não exerce um papel de mobilização. Para Frei Betto (1981), esse tipo de discurso (...) é como um tronco sem raiz que acaba perdendo a vitalidade ou conduz a uma profunda alienação, frequente nos meios eclesiais: a de reduzir a realidade ao nível dos conceitos, como se o discurso sobre a história fosse suficiente para transformá-la<sup>63</sup>.

A verdade é que durante certo período de nossa história a mobilização popular foi motivada por problemas imediatos

---

<sup>63</sup> BETTO, Frei. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Brasiliense, 1981, p. 46.

como saneamento básico, luz para o barraco, transporte, custo de vida etc. Porém, é por meio de ações concretas, pautadas nesses interesses imediatos, que o povo absorve a importância de sua união, passando, muitas vezes, a lutar por justiça e pela construção de uma nova sociedade. Contudo, são os indivíduos da classe média que têm condições econômicas relativamente asseguradas e por isso acabam se tornando mais sensíveis às reivindicações políticas, especialmente aquelas que refletem os interesses de classe, como a campanha pela Anistia, a Constituinte e os Direitos Humanos. Embora esses movimentos trouxessem benefícios para o povo pobre, este não foi capaz de se mobilizar. Nessa perspectiva, coube, então, à educação popular o papel de criar instrumentos próprios para a organização e ação política da camada popular. Nesse ponto, as Comunidades Eclesiais de Base exercem um papel bastante significativo, pois, nas reuniões, além da leitura e meditação de um texto bíblico, são discutidos os problemas do cotidiano da comunidade.

Nas reuniões das CEBs, o agente pastoral ajuda a comunidade a expressar sua palavra. Por meio de perguntas provoca debates, suscita problemas através de questionamentos, motiva os membros da comunidade a aprofundarem seus discursos a partir de uma prática religiosa que atenda aos interesses de toda a comunidade. Essas reuniões podem ser semanais, quinzenais ou mensais e são enriquecidas pela multiplicidade de boletins, folhetos litúrgicos, cordel, cadernos de formação elaborados pelos próprios membros das CEBs. Durante as décadas de 1970 e 1980, a confecção desses materiais era feito por meio de mimeógrafos ou *off-set* e divulgados entre os membros da comunidade, lidos e debatidos, predominando, desse modo, o discurso político.

É importante ressaltar que nas CEBs os discursos são bem distintos. Enquanto o discurso religioso parte da esfera do sagrado, supondo a adesão de fé e revelação natural, falando sobre o que deve ser, o discurso político brota da esfera do real, dentro de uma racionalidade científica, falando, sobretudo, do que é, visando, desse modo, à transformação da realidade.

A partir da leitura do evangelho, pela ótica do oprimido, o discurso religioso adquire um caráter libertador. Mas esse universo simbólico da religião acabou por encontrar nas CEBs uma grande dificuldade na tarefa de organização popular nas lutas políticas, direcionando o trabalho de muitas lideranças para a mobilização política centrada no instrumento de representação dotado de uma proposta programática menos genérica que a da pastoral e mais próxima da questão do poder na sociedade.

A partir dessas considerações acerca dos discursos político e religioso das CEBs entende-se que o poder é algo que opera antes do discurso, já que o próprio discurso é um dispositivo estratégico das relações de poder<sup>64</sup> dentro da instituição religiosa.

De acordo com o teólogo Clodovis Boff (1979)<sup>65</sup>, a concepção de CEBs deu-se nos anos 1950 com os grupos bíblicos. Porém, o seu nascimento ocorreu nos idos dos anos 1960, tendo seu batismo se concretizado a partir da Conferência de Medellín, em 1968. Por sua vez, o teólogo João Batista Libânio (1987)<sup>66</sup> afirma que o surgimento das CEBs se deu no início da década de 1960, estando mais voltadas para a vida interna da Igreja, para os aspectos religiosos e espirituais. Já Frei Betto (1981a) afirma que as primeiras Comunidades Eclesiais de Base surgiram por volta de 1960 e que alguns pesquisadores apontam como seu berço o município de Nísia Floresta, na arquidiocese de Natal, e outros apontam Volta Redonda, no Rio de Janeiro.

Para Matos (1985) há, portanto, um amplo consenso entre os estudiosos a respeito da gênese das CEBs que floresceram nas áreas socialmente pobres do campo e da cidade<sup>67</sup>. Não existe, contudo, um fundador ou um planejamento racional, já que seu surgimento é resultado da articulação fé-vida, compromi-

---

<sup>64</sup> FOUCAULT, Michel. Ditos e escritos, Volume IV: **estratégia, poder-saber**. Org. Manoel Barros da Motta; Tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012, p. 247.

<sup>65</sup> BOFF, Clodovis. **"A Influência Política das Comunidades Eclesiais de Base"**, *Religião e Sociedade*, n° 4, outubro de 1979, p. 106.

<sup>66</sup> LIBÂNIO, João Batista. **Teologia da Libertação**: roteiro didático para um estudo. São Paulo: Loyola, 1987, p. 77.

<sup>67</sup> Cf. MATOS, Henrique Cristiano José. **CEBs: uma interpelação para o cristão hoje**. São Paulo: Paulinas, 1985, p. 37.

so com as lutas e evangelho, inspiração da palavra de Deus e problemas concretos<sup>68</sup> do cotidiano do povo. Um fato é inquestionável, o de que as CEBs floresceram nas áreas rurais mais pobres, notadamente da região Nordeste, onde existia uma grande carência de padres. Nessas áreas, cem ou duzentas pessoas se reuniam aos domingos numa capela para participar de celebrações religiosas. Também, não se pode negar que foi entre as camadas mais pobres das grandes cidades que as CEBs tiveram grande aceitação, reunindo considerável número de pessoas nas paróquias da periferia. Nessa perspectiva Helena Salem afirma que:

A princípio, em forma de grupos bíblicos, tendo como principal motivo a discussão do evangelho e procurando uma participação ativa de todos. Depois, pouco a pouco, foi-se desenvolvendo a reflexão crítica e o debate de problemas específicos da comunidade (terra, água, esgotos etc.), sempre de maneira integrada com a discussão religiosa (o confronto vida e Evangelho). Finalmente, partiu-se para a vivência de questões mais amplas, políticas.<sup>69</sup>

Nessa perspectiva, Ronaldo Muñoz (1981) destaca que a comunidade eclesial é o lugar de encontro com Deus e espaço de fraternidade humana, mas não como uma ilha ou um refúgio no meio do mundo<sup>70</sup>. Esse teólogo entende que, na América Latina, a Igreja como comunidade local e como um conjunto articulado de comunidades deve ser um instrumento para a transformação da sociedade. Seguindo essa mesma linha de raciocínio, Scherrer-Warren (2009) chama a atenção para o fato de que, entre Me-

---

<sup>68</sup> IDEM, p. 40.

<sup>69</sup> SALEM, Helena. As comunidades eclesiais ou a reinvenção da Igreja. In: SALEM, Helena. Dos palácios à miséria da periferia. In: SALEM, Helena (Org.). **A Igreja dos Oprimidos**. Col. Brasil Hoje nº 3. São Paulo: Ed. Brasil Debates, 1981, p. 156-157.

<sup>70</sup> MUÑOZ, Ronaldo. **Evangelho e Libertação na América Latina**: a teologia pastoral de Puebla. São Paulo: Paulinas, 1981, p.146.

dellín (1968) e Puebla (1979), redes de CEBs desenvolveram-se em vários países do continente americano, principalmente no Brasil, Chile, México, Honduras, Panamá, Equador, Bolívia, Paraguai, Colômbia, El Salvador, República Dominicana e Nicarágua<sup>71</sup>. Com certeza, as CEBs, que em 1968 eram apenas uma experiência, a partir de 1979 amadureceram e se multiplicaram por muitos países latino-americanos.

No caso do Brasil, entre 1964 e 1970, dinamizaram-se as bases, pois começaram a desenvolver todas as características fundamentais da Igreja Popular. Entre as inovações mais importantes estava o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base<sup>72</sup>. O fato é que as CEBs, durante os anos de repressão militar, tiveram um papel fundamental na organização dos camponeses e seringueiros, na luta em defesa da posse da terra contra o latifúndio<sup>73</sup>. Nas periferias das grandes cidades, foi também marcante a atuação de militantes das CEBs nos sindicatos, nas associações de moradores, nas ocupações de terrenos, nas lutas contra o despejo etc.

O crescimento das CEBs em Crateús está associado ao trabalho de Dom Frágoso, juntamente à implantação de uma educação de base e sindical, cujo objetivo era enfrentar a situação de miséria e exploração do povo, visando, desse modo, buscar na fé viva dos pobres a sua libertação. E foi com o trabalho de educação popular, baseado no método Paulo Freire, a educação sindical e a catequese comprometida com os problemas da comunidade, que se abriu o caminho para uma participação ativa e consciente dos leigos, o que, de certo modo, contribuiu para a organização e disseminação das CEBs no Ceará.

---

<sup>71</sup> SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de Movimentos Sociais**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2009, p. 36.

<sup>72</sup> MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. Tradução de Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004, p.127.

<sup>73</sup> No Acre, Sul do Pará, Goiás Velho, São Félix do Mato Grosso do Norte, Sergipe, interior da Bahia, Paraíba e em Crateús, no Ceará, as CEBs envolveram-se profundamente nas lutas camponesas.

De acordo com Scherer-Warren (2009), a multiplicação das Comunidades Eclesiais de Base possibilitou à nova utopia da libertação penetrar nas áreas rurais empobrecidas e nas favelas urbanas<sup>74</sup>. Carvalho (2009) relata que, no Ceará, de 1982 a 1988, há registros da existência de três mil núcleos de CEBs, no interior das quais se processa um contínuo debate, fomentado pelos trabalhadores rurais que tomaram a iniciativa de discutir a participação de seus líderes em partidos políticos como opção por uma forma de organização capaz de reforçar a luta dos trabalhadores<sup>75</sup>.

No início da década de 1980, as CEBs já haviam se multiplicado no interior do Ceará e na periferia de Fortaleza. O povo pobre começou a se organizar, mesmo nas paróquias onde os padres não apoiaram o trabalho das comunidades de base.

Na verdade, as lideranças das CEBs no Pirambu encontraram apoio do vigário da Paróquia de Nossa Senhora das Graças, o que, segundo Leorato (1987)<sup>76</sup>, deixa o leigo sentir-se mais livre e responsável, assumindo, desse modo, a sua comunidade. O padre divide com os leigos os múltiplos serviços /ministérios. Especificamente, padre Haroldo Coelho rompeu com a ideia de ser o dono da paróquia, aquele que sabe tudo, assumindo um papel de animador, ou de orientador das comunidades. Outro fato que merece destaque foi a disposição do arcebispo de Fortaleza dom Aloísio Lorscheider de se colocar a serviço de todos, incentivando, animando, sendo sinal de comunhão entre as comunidades da grande Fortaleza.

No Pirambu, e em outros bairros pobres, a perspectiva de dar vida às CEBs a partir da motivação de alguns padres e/ou

---

<sup>74</sup> SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de Movimentos Sociais**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2009, p. 35.

<sup>75</sup> CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly (Org.) **O Ceará na década de 1980** – atores políticos e processos sociais. Campinas, SP: Pontes; Fortaleza, CE: Programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2009, p. 61.

<sup>76</sup> Cf. LEORATO, Massimiliano. **CEBs: gente que se faz gente na Igreja**. São Paulo: Paulinas, 1987, p. 15.

líderes comunitários acabou atraindo muitas pessoas que assumiram os trabalhos pastorais, dentre eles jovens criativos que passam a desenvolver muitas atividades e obras de educação popular e de defesa e promoção dos direitos humanos. No caso, do Pirambu destacaram-se nove jovens que formaram a Casinha da Praia; que, apoiados por dom Aloísio Lorscheider e pela perseverança do advogado Airton Barreto, desenvolveram um importante trabalho junto ao povo estigmatizado e sofrido do bairro.

O ano de 1978 está inserido num contexto de mudanças políticas no país e ressurgimento do movimento operário forte e independente. Naquele ano, ocorreu a greve vitoriosa dos operários metalúrgicos do ABC paulista<sup>77</sup> e eleições diretas para o Congresso Nacional com a vitória significativa do Movimento Democrático Brasileiro – MDB<sup>78</sup>. Por este partido, o Ceará elegeu Maria Luiza Fontenelle deputada estadual com o apoio dos movimentos populares e das CEBs.

Para concluir, percebe-se, ainda, que é nas comunidades de base que o povo pobre começa a despertar a sua consciência, enquanto cidadão que deve cumprir o seu dever político de lutar para transformar a sociedade.

No Pirambu, foi muito significativa a participação da Igreja na organização dos moradores, notadamente na década de 1980, quando o Padre Haroldo Coelho assumiu a Paróquia de Nossa Senhora das Graças e abriu as portas da Igreja aos partidos políticos, sindicatos, movimentos populares com voz e vez para os mais humildes. Padre Haroldo queria o pão nosso de cada dia para todos e todas.

---

<sup>77</sup> Neste período, a história do movimento sindical foi marcada pela audácia e disposição de luta dos metalúrgicos do ABC. O movimento grevista que se iniciou na Scania, em 12 de maio de 1978, e se espalhou por todo o território nacional, surpreendeu a todos, principalmente os militares.

<sup>78</sup> Das 420 cadeiras para deputado federal, 231 foram preenchidas pela ARENA enquanto 189 pelo MDB. No Ceará a ARENA elegeu quinze deputados federais e o MDB cinco deputados federais. Já na bancada estadual, a ARENA preencheu trinta e três cadeiras enquanto o MDB onze.

**Figura 17** - Celebração religiosa na Paróquia de Nossa Senhora das Graças do Pirambu na década de 1980.



Fonte: Arquivo pessoal

**Figura 18** - Padre Haroldo.



Fonte: Jornal O Povo.

**Figura 19 - Padre Haroldo Coelho.**

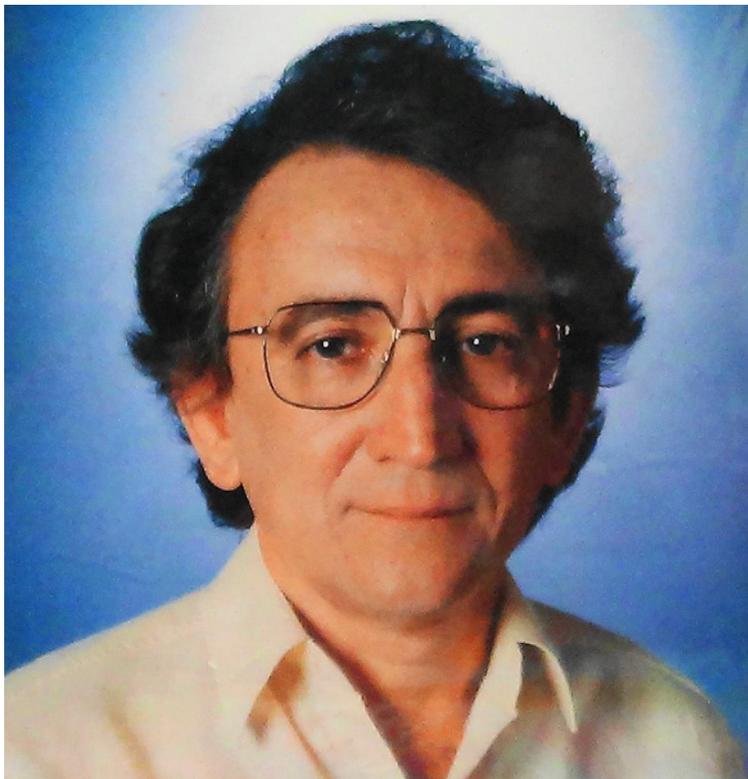


Foto: Arquivo pessoal.

## **5.6 O discurso político da Teologia da Libertação**

De acordo com Leonardo Boff (1998), por trás da Teologia da Libertação – TdL, esconde-se a luta de pessoas oprimidas que creem e que transformam a sua fé numa fonte de mobilização contra a opressão e em favor de sua libertação. A libertação do oprimido é resultado de uma luta que consiste numa organização, numa resistência e num avanço em direção à liberdade.

Na Paróquia de Nossa Senhora das Graças, do Pirambu, sob a orquestração do padre Haroldo Coelho, predominou, na

década de 1980, a Teologia da Libertação, cujo discurso estava pautado na necessidade de organizar os moradores na luta contra o sistema capitalista, responsável pela situação de opressão e miséria naquela comunidade. Nessa perspectiva, a Teologia da Libertação tinha por objetivo a libertação integral do homem no aspecto pessoal e social. Consistia, pois, num processo dialético que abrangia as instâncias econômica: libertar o homem de sua pobreza real; a política: libertar o homem da opressão social e criar um homem novo e, por fim, a religiosa: libertar o homem do pecado, recriando nele uma total realização em Deus. Por isso, os teólogos da libertação afirmam que o Deus bíblico é um aliado dos oprimidos<sup>79</sup>.

A TdL nasceu no continente latino-americano num contexto de renovação da Igreja Católica. Nessa perspectiva, Soares (2000)<sup>80</sup> destaca que a conjuntura tanto da Igreja como da América Latina favoreceu as condições para que um grupo de teólogos<sup>81</sup> passasse a elaborar um novo pensar teológico tomando por base a realidade latino-americana<sup>82</sup>.

De acordo com Gutiérrez (1981) a TdL surgiu e amadureceu num contexto de opressão e repressão, quando o povo simples e pobre da América Latina, tendo plena consciência desse estado de coisas, passou a lutar por mudanças sociais de forma radical. Nessa perspectiva, o autor destaca:

---

<sup>79</sup> Idem. , p. 210.

<sup>80</sup> SOARES, Claudete Gomes. **Teologia da libertação no Brasil**: Aspectos de uma crítica político-teológica à sociedade capitalista. Dissertação de mestrado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2000, p.38.

<sup>81</sup> Dentre esses teólogos destacaram-se: Gustavo Gutiérrez, Hugo Assmann, Juan Luis Segundo, José Comblin, Leonardo e Clodovis Boff.

<sup>82</sup> De acordo com Scherer-Warren (2009, p.32-33) a Teologia da Libertação nasceu e se desenvolveu enquanto expressão de problemas da realidade social latino-americana, no desejo de transcendê-la, através da edificação de uma sociedade mais justa e igualitária. Na verdade, trata-se de um novo papel assumido pela Igreja Católica de uma nova postura cristã e de um novo pensar teológico, que até então era apoiado na visão teológica feita a partir da realidade exógena europeia.

Os esforços revolucionários do México (em seus aspectos mais populares), bem como da Bolívia e da Guatemala, na década de 50, cumpriram um papel precursor. A revolução socialista de Cuba, seja qual for à análise que alguns possam fazer dela hoje, abriu novas perspectivas. O ano de 1965 marcou um ponto alto na luta armada no continente e acelerou a radicalização política, mesmo daqueles que acreditavam que se deveriam procurar outros caminhos para a ação transformadora. As figuras de Camilo Torres e "Che" Guevara, simbolizando tanto outros nomes ignorados, marcaram indelevelmente o processo latino-americano, questionando certos setores cristãos e influenciando decisivamente sobre eles. (...) Com efeito, a partir daí um número crescente de cristãos – inicialmente, sobretudo no Brasil, mas logo também em outros países – torna-se sujeito ativo desse processo e, em virtude disso, da descoberta do mundo dos explorados do continente, que na maior parte dos casos significa tomar consciência do seu próprio mundo. Esse compromisso constitui o fato mais importante da vida da comunidade cristã latino-americana, dando lugar a uma nova maneira de ser pessoa e crente, de viver e pensar a fé, de ser convocado e convocar *in ecclesia*. É um compromisso que marca a linha divisória entre duas experiências, duas épocas, dois mundos e duas linguagens na América Latina e, por conseguinte, na Igreja latino-americana.<sup>83</sup>

A participação de cristãos no processo de libertação em diferentes momentos da história constitui uma importante experiência para o amadurecimento político das maiorias excluídas no continente latino-americano. Destaca ainda (1981): essas lu-

---

<sup>83</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. **A força história dos pobres**. Tradução de Álvaro Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981, p. 277-278.

tas constituem o lugar de um novo modo de ser homem e mulher na América Latina, e por isso mesmo, de um novo modo de viver a fé e o encontro com o Pai e os irmãos<sup>84</sup>. Nessa perspectiva, a Teologia da Libertação passa a ser compreendida como uma tentativa de se compreender a fé a partir da práxis histórica, libertadora e subversiva dos pobres deste mundo, das classes exploradas, das raças desprezadas e das culturas marginalizadas<sup>85</sup>.

Convém lembrar que, bem antes do surgimento da Teologia da Libertação, o termo esquerda católica era empregado para definir os cristãos engajados no processo de reformas sociais e na crítica ao sistema capitalista, notadamente aqui no Brasil. É interessante, portanto, perceber que muitos autores ao tratar da origem da TdL chegam a fazer uma certa confusão entre esquerda católica e Teologia da Libertação. Para desfazer essa confusão, Libânio (2012) esclarece que a Teologia da Libertação desde o seu início associou-se à esquerda crítica da Igreja Católica e da Igreja Evangélica. Sendo que nesse contexto histórico, o termo esquerda tinha dois significados: "crítica da situação das Igrejas que viviam em harmonia ou mesmo em convivência com a burguesia a partir da opção pelos pobres" e "horizonte socialista como utopia"<sup>86</sup>.

A chamada esquerda católica, na perspectiva de Libânio (2012) são denominados aqueles grupos que criticavam a aliança entre a Igreja e a burguesia, e ao mesmo tempo denunciavam a situação de opressão dos pobres na sociedade capitalista. Dentre esses grupos, destaca-se a JUC, que, segundo aponta o sociólogo Reginaldo Prandi (1997)<sup>87</sup>, no começo dos anos 1960 já se situava no mesmo contexto histórico de outros setores da

---

<sup>84</sup> GUTIÉRREZ. Op. Cit., p.279.

<sup>85</sup> GUTIÉRREZ. Op. Cit., p.58.

<sup>86</sup> LIBÂNIO, João Batista. Teologia da Libertação: esquerda católica e inserção – Considerações em torno dos temas centrais. PLURA, **Revista de Estudos de Religião**, vol. 3, nº 1, 2012, p.4-25.

<sup>87</sup> Cf. PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do Espírito**: a renovação conservadora do catolicismo carismático. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1997.

esquerda brasileira. Sendo, portanto, a partir do contato com as várias organizações de esquerda, que alguns leigos, especialmente os integrantes da JUC, tiveram uma importante atuação no movimento estudantil e em vários movimentos no campo da educação e da cultura, como também no processo de organização de associações de bairro e movimentos camponeses.

Porém, a partir do golpe militar de 1964, os movimentos de esquerda passam para a clandestinidade, inclusive, aqueles ligados à Igreja Católica<sup>88</sup>. Nessa época o Movimento de Educação de Base – MEB, graças à proteção da Igreja Católica, foi à única experiência de educação popular a conseguir sobreviver à repressão imposta pelo regime vigente no país. Contudo, o preço desta proteção foi a moderação de suas atividades políticas. A respeito disso, Mainwaring (2004) salienta que, antes do golpe, o MEB já se destacava entre as várias experiências em educação e cultura populares. Desempenhou um papel fundamental na luta camponesa do Nordeste, onde mais se relacionava com os comunistas do que com as organizações camponesas centristas da Igreja<sup>89</sup>. Certamente, esse movimento, juntamente do método educacional desenvolvido por Paulo Freire<sup>90</sup>, teve uma influência considerável na concepção de uma Igreja Popular<sup>91</sup>.

Partindo da concepção de uma Igreja Popular, Boff (1985B)<sup>92</sup> esclarece que antes da TdL ter despontado, no final dos anos 1960, já existia na Igreja Católica da América Latina toda uma práxis libertadora desenvolvida por um grupo de bispos, padres e leigos comprometidos com os pobres e com as comunidades. Na verdade, essa Igreja dita popular, bem diferente da Igreja oficial, passou a dar atenção especial aos pequenos grupos locais

---

<sup>88</sup> PRANDI. Op. Cit., p.29.

<sup>89</sup> MAINWARING. Op. Cit., p. 89.

<sup>90</sup> Esse método de educação popular advoga a necessidade do desenvolvimento de uma consciência crítica em relação ao processo de libertação.

<sup>91</sup> Cf. SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de Movimentos Sociais**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2009.

<sup>92</sup> Cf. BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. **Teologia da libertação no debate atual**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985B.

conhecidos na década de 1960 como Comunidades Eclesiais de Base, ao mesmo tempo em que passou a se identificar com a Teologia da Libertação a partir da crença de que a Igreja deveria assumir o compromisso político de lutar pelo avanço da justiça social.

Foi, portanto, a partir do Concílio Vaticano II (1962-1965) que a atmosfera teológica marcada por certa liberdade e criatividade despertou nos teólogos latino-americanos a coragem para pensarem nas questões pastorais com a própria cabeça, isso tanto do lado católico como do lado protestante<sup>93</sup>. Nesse cenário, destacam-se os teólogos católicos Gustavo Gutiérrez, Segundo Galiléia, Lucio Gera e Juan Luis Segundo, como também os teólogos protestantes Rubem Alves, Emílio Castro, Júlio de Santa Ana e José Miguez Bonino, que, na época, procuraram aprofundar as reflexões acerca da relação entre fé e pobreza, evangelho e justiça social<sup>94</sup>. De acordo com Boff (2010), entre 1959 e 1964, a esquerda católica brasileira produziu uma série de textos básicos sobre a necessidade de um ideal histórico cristão, então ligado a uma ação popular, cuja metodologia já era prenúncio da TdL.

É a partir dessa solidariedade latino-americana que a Teologia como reflexão crítica sobre a práxis foi apresentada, em março de 1964, por Gustavo Gutiérrez durante um encontro de teólogos latino-americanos, realizado em Petrópolis, no Rio de Janeiro. Essa linha de pensamento acabou ganhando melhores contornos em reuniões que foram realizadas em Havana, Cuba, Bogotá, Colômbia e Cuernavaca, México nos meses de junho e julho de 1965. Até a Segunda Conferência do Episcopado Latino Americano em Medellín, em 1968, foram organizados muitos encontros de teólogos que serviram de laboratório para uma teologia pensada a partir da prática de cristãos comprometidos com os problemas sociais.

---

<sup>93</sup> BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. **Como fazer teologia da libertação**. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2010, p. 97.

<sup>94</sup> IBIDEM.

Segundo Dussel (1984), em Medellín passou-se a usar uma linguagem de libertação, falou-se da dependência, da dominação do imperialismo internacional do dinheiro, permitindo aos cristãos começarem a pensar de maneira diferente. Sem dúvida, Medellín significou a fase de passagem do desenvolvimento à Teologia da Libertação<sup>95</sup>. Sobre Medellín, Catão (1986) esclarece que pode ser considerado, de fato, o primeiro impacto da realidade latino-americana, onde a situação social da pobreza e opressão da grande maioria do povo era inquestionável. Os bispos perceberam que, pelo comportamento pastoral da maioria da hierarquia da Igreja Católica, acabavam se colocando do lado dos opressores, sendo, portanto, avalistas religiosos de uma estrutura social injusta. Assim, decidiram trilhar outros caminhos a partir da reformulação da Igreja Católica, tendo por base uma orientação pastoral, pautada na necessidade de uma reflexão teológica sobre o sentido da luta contra as injustiças sociais. Nesse sentido, é que se pode afirmar que Medellín ajudou na fundação da Teologia da Libertação<sup>96</sup>.

Por fim, é importante, então, ressaltar que foi a partir de Medellín que se deu a criação de um grupo de reflexão teológica e pastoral, tendo como incentivador o arcebispo argentino Cardeal Eduardo Francisco Pironio. Em 1969, num encontro teológico em Cartigny, na Suíça, ocorreram os primeiros delineamentos da Teologia da Libertação. Contudo, foi somente em 1970 que se organizou o primeiro congresso sobre Teologia da Libertação, em Bogotá entre os dias seis e sete de março. Sendo repetido no mesmo lugar, entre os dias 26 e 31 de julho de 1971. Mas a obra que vai inaugurar de fato esta Teologia, só será publicada em dezembro de 1971. Trata-se do livro de Gustavo Gutiérrez *Teologia da Libertação – perspectivas*.

---

95 DUSSEL, Enrique D. Caminhos de libertação latino-americana. Tomo I – **Interpretação histórico-teológica**. Tradução de José Carlos Barcellos e Hugo Toschi. São Paulo: Paulinas, 1984, p. 83.

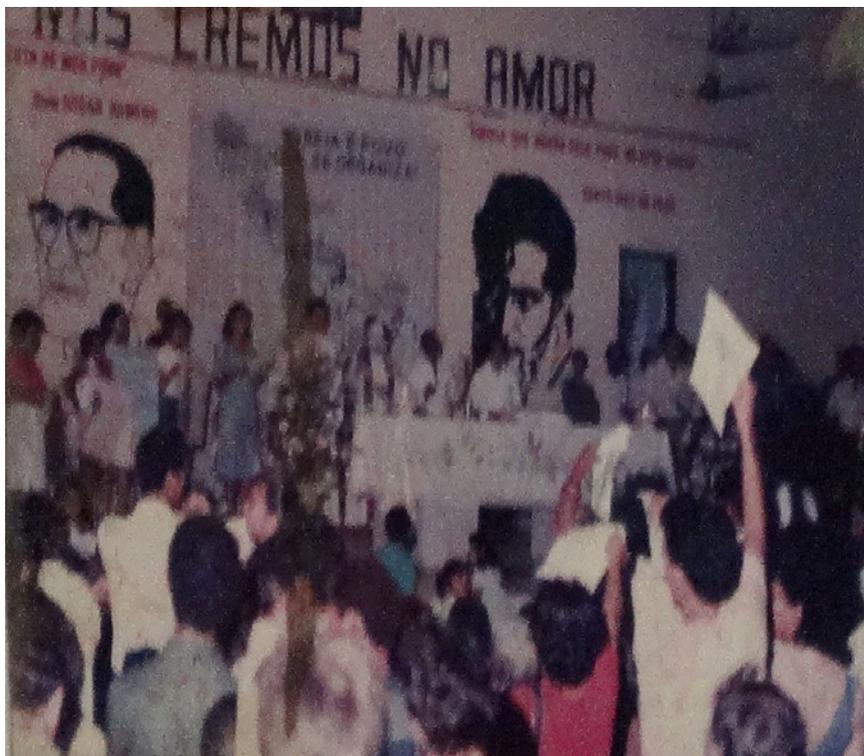
96 CATÃO, Francisco A.C. **O que é teologia da libertação**. São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1986, p. 57.

**Figura 20** - Padre Haroldo Coelho na década de 1980.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 21** - Paróquia de Nossa Senhora das Graças na década de 1980.



Fonte: Arquivo pessoal.

### **5.7 Padre Haroldo no Pirambu**

O primeiro contato dos moradores da Paróquia de Nossa Senhora das Graças do Pirambu com as ideias da Teologia da Libertação deu-se no início da década de 1980, por influência de seu vigário, o padre José Haroldo Coelho. Porém, não se pode ignorar o contexto político que coincide com sua chegada ao bairro. Foi um período de profundas transformações no cenário nacional e internacional. Dois anos após a realização da Terceira Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano, realizado

em Puebla<sup>97</sup>, e da eleição do papa João Paulo II, o primeiro papa não italiano depois de quatro séculos. Nesse contexto da história do tempo presente, os olhos do mundo se voltavam para a Nicarágua, onde ocorria a Revolução Sandinista (1979-1983).

Segundo Dussel (1984), muitos religiosos nicaraguenses chegaram a abraçar o movimento que culminou com a revolução sandinista de 1979, bem como as comunidades de base que exaltaram o processo em favor da libertação dos pobres<sup>98</sup>. No Brasil, o período foi marcado pelo processo de lutas pela redemocratização do país, onde se destacam a Comissão Pastoral da Terra – CPT, o Movimento pela Anistia, o Movimento dos Sem-Terra – MST, o Movimento das Favelas, o Movimento contra a Carestia e a criação do Partido dos Trabalhadores, além da reorganização do MDB e de outros partidos no cenário nacional. No caso do Pirambu, as necessidades básicas dos moradores fizeram surgir novas formas de lutas em torno do calçamento, iluminação pública, saneamento básico e a luta contra a violência e o desemprego, motivando a organização de várias associações comunitárias.

Como se percebe, o padre Haroldo Coelho chegou ao Pirambu num momento em que a chamada Igreja popular começava a entrar em declínio<sup>99</sup>. Segundo Mainwaring (2004), as pressões conservadoras contra a Igreja Católica no Brasil aumentaram e ela começou a se movimentar num ritmo mais cau-

---

<sup>97</sup> Em 1979, as teses defendidas em Puebla pelos teólogos concentraram-se no processo de libertação da realidade econômica, social, política e cultural de opressão dos povos da América Latina. Como destaca Gutiérrez (1981), que a realidade de pobreza, miséria e exploração em que vive e imensa maioria dos latino-americanos constituem, sem dúvida, o mais radical desafio ao anúncio do Evangelho, como chegou a se afirmar em Puebla repetidas vezes, se tratar de uma sociedade que se pretende cristã. Cf. GUTIÉRREZ, Gustavo. **A força histórica dos pobres**. Tradução de Álvaro Cunha. Petrópolis; Vozes, 1981, p.194.

<sup>98</sup> Cf. DUSSEL, Enrique D. Caminhos de libertação latino-americana. Tomo I – **Interpretação histórico-teológica**. Tradução de José Carlos Barcellos e Hugo Toschi. São Paulo: Paulinas, 1984.

<sup>99</sup> Cf. MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil** (1916-1985). Tradução de Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004.

teloso e se tornou um agente político de menor importância<sup>100</sup>. Reginaldo Prandi (1997) destaca a própria postura de João Paulo II que logo nos dois primeiros anos do seu pontificado, procurou manter uma relação amistosa com a chamada Igreja popular. Contudo, uma carta endereçada aos bispos brasileiros, em dezembro de 1980, prega que a Igreja não deve se envolver em questões sociais em detrimento de sua missão especificamente religiosa<sup>101</sup>.

Enquanto o Vaticano tomava medidas contrárias ao movimento da Igreja popular e procurava intimidar os teólogos da libertação, no bairro do Pirambu, o padre José Haroldo Coelho penetrava num espaço até então dominado por grupos de oração, que eram à base do Movimento de Renovação Carismática, implantado no bairro pelo vigário da Paróquia do Cristo Redentor, o padre belga Gaetan Minette de Tillesse, no ano de 1975.

Padre Haroldo Coelho, depois que chegou ao Brasil, em dezembro de 1979, foi vigário cooperador na Paróquia de Nossa Senhora de Fátima até o início de 1981. Do dia 06 de março de 1981 até 25 de janeiro de 1982 desenvolveu o cargo de vigário cooperador na Paróquia do Carmo.

No final do ano de 1981, padre Haroldo Coelho foi convidado pelo arcebispo de Fortaleza, dom Aloísio Lorscheider, para assumir uma paróquia em Fortaleza. Ele tinha duas opções: Monte Castelo e Pirambu. Como tinha conhecimento do trabalho do padre Hélio Campos e da organização dos moradores do bairro, escolheu Pirambu, assumindo, no final do mês de janeiro de 1982, a Paróquia de Nossa Senhora das Graças. Sobre sua ida e o trabalho desenvolvido ali, o padre Haroldo, em entrevista ao *Jornal O Povo*, diz que:

Fui padre do Pirambu de 1982 a 1985. Quando cheguei lá, tentei restaurar as teses, as teorias, a ação transformadora do Padre Hélio Campos, que depois foi bispo em Viana, no

---

<sup>100</sup> MAINWARING. Op. Cit., p. 265.

<sup>101</sup> PRANDI. Op. Cit., p. 31.

Maranhão. (...) Aliás, Porque fui para o Pirambu? É importante dizer isso. Na época, nenhum padre queria ir.<sup>102</sup>

O fato de nenhum padre querer ir para o Pirambu justifica-se pelo estigma da violência que ainda acompanhava o bairro. A missão do padre Haroldo, segundo suas palavras, consistia em resgatar o trabalho desenvolvido pelo padre Hélio Campos, iniciado em 1958 e interrompido em 1968 após sua ida para Viana, no Maranhão.

Essa problemática é destacada por Maria Lúcia Timbó Rodrigues, em sua dissertação de mestrado, quando diz que houve uma quebra nos trabalhos iniciados pelo padre Hélio Campos. O outro padre, no caso, o frei Memória, não deu continuidade<sup>103</sup>. O fato é que, de 1968 até 1981, a Paróquia de Nossa Senhora das Graças fora administrada pelos padres Capuchinhos<sup>104</sup>, que se limitaram apenas à realização de obras de caráter assistencialista. Porém, foi a partir da chegada do padre Haroldo Coelho que a história do Pirambu ganha um novo rumo. Sobre esta questão ouvimos o morador Francisco de Assis Barroso:

Em 1981 quando o Padre Haroldo chega ao Pirambu e conversando comigo, fez a seguinte pergunta: "Como é o Pirambu?" Então comecei a falar: "O Pirambu é um bairro conflitante. Ele é dividido. Tudo começou na época da ditadura que o dividiu em duas Paróquias: Cristo Redentor e Nossa Senhora das Graças. Antes dessa divisão era um só Pirambu".<sup>105</sup>

---

<sup>102</sup> Entrevista do Padre José Haroldo Coelho ao Jornal *O Povo* – Caderno Páginas Azuis. Entrevista publicada no dia 13/07/2003.

<sup>103</sup> Cf. RODRIGUES, Maria Lúcia Timbó. "Foi aqui que eu me tornei público" – **Pirambu**: o bairro como espaço de socialização e cultura política. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará, 1998, p. 53.

<sup>104</sup> Dentre os Capuchinhos destaca-se Frei Kerginaldo Memória, que ficou à frente da Paróquia de Nossa Senhora das Graças de 1968 até 1978, quando foi sucedido por Frei Domingos, Frei Lourenço e Frei Sabino das Neves.

<sup>105</sup> Entrevista com Francisco de Assis Barroso, morador do Pirambu, realizada em 13/07/2013 em sua residência no Bairro Nossa Senhora das Graças.

De acordo com Francisco de Assis Barroso, o padre Haroldo Coelho após chegar ao Pirambu apresentou-se à comunidade. "Ele percorreu a área mais pobre do bairro, mostrou sempre sua solidariedade com aquele povo estigmatizado". Contudo, essa atitude do vigário repercutiu negativamente entre os moradores mais conservadores do bairro, que achavam que lugar de padre era apenas no altar. Mas Haroldo, que tinha uma vocação para trabalhar na área pastoral, passou a divulgar entre os moradores que sua missão no Pirambu era restaurar o trabalho do padre Hélio Campos, que fora de luta pela desapropriação das terras e contra a exclusão social. No tocante a essa questão, o morador Francisco Carlos da Silva, o Carlos Careca, nos diz:

Quando o padre Haroldo chegou ao Pirambu, o bairro passava por uma fase de muita violência policial. E o padre tratou logo de organizar os movimentos que tinham aqui. Ele dizia que o grande inspirador dele era o padre Hélio Campos. (...) Então, ele revitalizou o Conselho Comunitário; revitalizou a questão das casas, que era um problema que, segundo ele mesmo dizia, não era para vigário resolver. (...) O padre Haroldo passou a combater os políticos que exploravam as pessoas e incentivou a organização dos movimentos que estavam apagados no bairro.<sup>106</sup>

De acordo com Francisco Carlos da Silva, durante a permanência do padre Haroldo Coelho no Pirambu ocorreu uma efervescência de movimentos políticos e culturais. O padre organizou várias marchas contra a violência policial e pelas reivindicações dos moradores. Além disso, revitalizou o trabalho pastoral de base, trouxe missas para as ruas e organizou até comitês políticos. No período em que esteve à frente da Paróquia de Nossa Senhora das Graças ocorreu a missa do Conselho

---

<sup>106</sup> Entrevista com Francisco Carlos da Silva, o Carlos Careca, morador do Pirambu, realizada em 13/07/2013, em sua residência no bairro de Nossa Senhora das Graças.

Episcopal Latino Americano – CELAM, além de dois encontros da Teologia da Libertação, um das CEBs e outro da pastoral da Terra, ambos realizados no Colégio Moema Távora.

O morador Francisco de Assis Barroso, por sua vez, destaca uma das grandes mudanças percebidas na Igreja de Nossa Senhora das Graças, que foi o novo visual teológico e libertador. Sobre isso ele enfatiza que:

Quando o Padre Haroldo chegou ao Pirambu, começou uma polêmica muito grande. É que ele mandou desenhar na parede do altar da Igreja Dom Oscar Romero; um Cristo diferente e abre o Pirambu para a América Latina; onde Dom Oscar Romero é a bandeira de luta e a Nicarágua, que à época havia feito a Revolução. O Padre carregou essa bandeira com ele.<sup>107</sup>

No altar da Igreja de Nossa Senhora das Graças chamava a atenção dos moradores o painel gigante simbolizando a América Latina no sangue derramado sobre o corpo de Cristo crucificado, além da figura do Arcebispo de San Salvador, Dom Oscar Romero, e do operário e líder sindical, Santo Dias da Silva, morto pela polícia durante uma manifestação de trabalhadores em São Paulo. Esse painel teve grande repercussão nacional e até internacional, vindo pessoas de vários lugares do Brasil e até da Holanda e da França para conhecer essa paróquia no Pirambu, que se tornou uma referência na luta pela libertação dos pobres. Porém, após a saída do padre Haroldo Coelho, o novo vigário da Paróquia<sup>108</sup>, que pertencia à ala conservadora da Igreja Católica, contrária à Teologia da Libertação, imediatamente mandou apagar os desenhos.

---

<sup>107</sup> Entrevista com Francisco de Assis Barroso, morador do Pirambu. Entrevista realizada em 13/07/2013 em sua residência no bairro de Nossa Senhora das Graças.

<sup>108</sup> Trata-se do Monsenhor Estelita, que sucedeu o Padre Haroldo Coelho, após sua saída da Paróquia para assumir a Secretaria de Educação do Município na gestão da prefeita Maria Luiza Fontenelle.

A partir dessas informações, verifica-se que a preocupação maior do padre Haroldo Coelho, no Pirambu, foi a conscientização de que a Igreja fosse um espaço de liberdade, não só para a fé, mas aberta, também, para as manifestações sociais e políticas. Na verdade, o padre acreditava que a transformação de uma sociedade seria resultado do trabalho de conscientização do povo oprimido pelo sistema capitalista. Nesse sentido, o novo vigário daquele logradouro, que havia feito sua opção pelos pobres, assumira a missão de anunciar um Cristo libertador. O Cristo, que, segundo Gutiérrez (1981), anunciou o amor do pai, o evangelho aos pobres, a libertação dos cativos, que enfrentou os grandes de seu povo e da potência invasora e que foi morto como subversivo<sup>109</sup>.

Certamente, a visão pastoral do padre Haroldo veio romper o estigma de inferioridade que ainda persistia entre os moradores do Pirambu. Ao mesmo tempo em que procurou anunciar o evangelho numa perspectiva libertadora, a partir da realidade do povo latino-americano, que a exemplo do povo daquele bairro era explorado e excluído pelo sistema imperante. Por isso, sua luta consistia em denunciar o sistema capitalista, conclamava a partir da leitura do evangelho uma Igreja popular que se concretizava, a partir dos pobres, das classes exploradas, da militância em suas lutas pela libertação<sup>110</sup>.

Não se pode esquecer que no mesmo ano em que o padre Haroldo Coelho chegava ao Pirambu com suas ideias progressistas e seu fascínio pela revolução na Nicarágua, a quem deu grande apoio moral e sua solidariedade, na Paróquia do Cristo Redentor, o padre Gaetan de Tillesse havia fundado o Instituto Religioso Nova Jerusalém, com o propósito de reunir jovens vocacionados para consagrar sua vida a Deus, onde, na oração e no amor, encontrariam resposta para os problemas que afetavam a humanidade. A visão de mundo do movimento carismático, no Pirambu, acabou provocando certo distanciamento entre a Renovação Carismática Católica – RCC e a Teologia da Libertação – TdL no bairro.

---

<sup>109</sup> GUTIÉRREZ, Gustavo. **A força história dos pobres**. Tradução de Álvaro Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981, p. 26.

<sup>110</sup> GUTIÉRREZ. Op. Cit., p. 36.

Enquanto padre Haroldo defendia uma Igreja popular engajada nas lutas políticas e sociais do tempo presente, padre Gaetan de Tillesse direcionava suas preocupações à questão da espiritualidade. De acordo com esse mestre em estudos bíblicos, o tema libertação encontrava-se no núcleo essencial da bíblia, e que não era preciso solicitar a palavra de Deus em nada, mas simplesmente deixar-se guiar por ela<sup>111</sup>. Sua crítica se direcionava aos teólogos da libertação cujos objetivos e métodos não estavam claramente expressos<sup>112</sup>. Apesar de definirem como objetivo prioritário a mudança de estrutura, ele chega a concordar que não existe libertação que não inclua, ao mesmo tempo, promoção humana<sup>113</sup>. Porém, se a Igreja começasse a falar sobre as causas da miséria do povo, poderia provocar uma revolta dos pobres contra os ricos<sup>114</sup>.

Para os seguidores da RCC no Pirambu, existia certo teor revolucionário no discurso da TdL. Por sua vez, a maioria dos militantes das CEBs e das pastorais considerava os carismáticos pessoas alienadas, com uma visão salvacionista do indivíduo, sem nenhuma preocupação com as lutas sociais. Esses discursos demonstram o antagonismo existente entre a RCC e a TdL, motivando o surgimento de resistências de ambas as partes, ao mesmo tempo em que evidenciava a disputa pelo poder político e religioso no bairro do Pirambu. Essa questão é expressa no depoimento do morador Francisco Carlos da Silva, o Carlos Careca:

A relação do padre Haroldo com o padre Caetano foi conflituosa. Eu sou testemunha de um fato, o chamado morro do Japão, que era uma área desocupada e que na época foi ocupada por algumas famílias que não tinham

---

<sup>111</sup> Cf. TILLESSE, Pe. Caetano Minette de. **A Teologia da Libertação à Luz da Renovação Carismática**. 3ªed. São Paulo: Loyola, 1982.

<sup>112</sup> Idem, p.15.

<sup>113</sup> Idem, p.44.

<sup>114</sup> Essa questão é bem polêmica, haja vista que a RCC estava voltada para uma população, basicamente, de classe média e com um discurso de restabelecimento da moral cristã na sociedade. Cf. PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do Espírito**: a renovação conservadora do catolicismo carismático. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1997.

onde morar. (...) Era em torno das quatro horas da manhã quando vieram chamar o padre Haroldo, pois a polícia estava no local da ocupação batendo nas pessoas e derrubando os barracos. Eu fui com o padre Haroldo ao local e quando chegamos o padre Caetano já se encontrava lá e não gostou muito da intervenção feita pelo padre Haroldo. Este, no entanto, disse que estava aonde o Evangelho precisasse, lembro muito bem disso: "Onde o Evangelho precisasse dele". E questionou: "O que o padre Caetano estava então fazendo ali, que não tinha feito nenhuma intervenção a favor das famílias ameaçadas de expulsão?" Depois o padre Haroldo começou a discutir com o tenente que comandava a repressão aos pobres. E o padre Caetano começou a ficar zangado porque aquela não era a área pastoral do padre Haroldo. Este, entretanto, disse que tinha que ficar porque as pessoas tinham ido chamá-lo.<sup>115</sup>

Na verdade, a RCC e a TdL no bairro do Pirambu tinham um discurso e práticas bem diferentes, apesar das duas propostas serem de mudança na Igreja Católica. Nessa perspectiva, recorreremos a Sousa (2005) quando afirma que uma proposta era de caráter interior à RCC e a outra de caráter social à TdL. Ambas constituíam indicativos de mutação em diferentes sentidos, mas com tendência para questionar a estrutura de poder na Igreja<sup>116</sup>. Sousa (2005) chega a afirmar que durante a década de 1970, a RCC e a TdL conviviam num ambiente de contínuo diálogo. Esse ambiente amistoso desapareceu a partir da década de 1980, quando a RCC dedicou-se aos assuntos exclusivamente espirituais e a TdL assumiu um discurso político e passou a utilizar o marxismo

---

<sup>115</sup> Entrevista com Francisco Carlos da Silva, o Carlos Careca, morador do Pirambu. Entrevista realizada em 13/07/2013, em sua residência no bairro de Nossa Senhora das Graças.

<sup>116</sup> SOUSA, Ronaldo José de. **Carisma e instituição**: relações de poder na Renovação Carismática Católica do Brasil. Aparecida, SP: Editora Santuário, 2005, p. 97.

na análise da exploração dos pobres e no processo de libertação destes. No Pirambu, a divergência entre RCC e TdL na década de 1980 foram bem explícitas, no tocante ao discurso e às práticas desenvolvidas pelos dois vigários, padre Gaetan com a RCC na Paróquia do Cristo Redentor e o padre Haroldo Coelho com a TdL na Paróquia de Nossa Senhora das Graças.

No Brasil, o silêncio imposto a Leonardo Boff, em 1985, e sua saída do clero, em 1992, acabaram de certo modo debilitando a TdL. Outros fatores podem ser considerados responsáveis por esse declínio e para o esvaziamento das CEBs. Além da perseguição aos principais expoentes da Teologia da Libertação, destacam-se a política de restauração conservadora promovida pela hierarquia da Igreja Católica; o refluxo dos movimentos sociais e a expansão do Movimento de Renovação Carismática Católica; que, ao longo dos anos 1980, consolidou-se institucionalmente e espalhou-se pelo território nacional, chegando a ocupar na década de 1990, espaços significativos na mídia, seja como objeto de notícias, seja como usuário dos meios de comunicação social. No caso do Pirambu, a Teologia da Libertação começou a declinar em 1986, após a saída do padre Haroldo Coelho, que assumira a Secretaria de Educação do Município de Fortaleza, durante a gestão da Prefeita Maria Luiza Fontenelle, do Partido dos Trabalhadores.

Em 1986, assumiu o novo vigário da Paróquia de Nossa Senhora das Graças, Monsenhor Estelita, que recebeu total apoio de grupos conservadores da comunidade. O novo vigário ao assumir a paróquia tratou logo de desfazer o trabalho desenvolvido pelo anterior, fechando as portas da Igreja para os partidos políticos de esquerda, para os movimentos sociais, afastando, desse modo, as lideranças comunitárias e muitos membros das CEBs e das pastorais que passaram a militar no Partido Comunista do Brasil e no Partido dos Trabalhadores. O Conselho Comunitário fragmentou-se, os grupos de jovens foram extintos e os espaços da Igreja foram ocupados por grupos exclusivamente de oração, enfraquecendo, assim, a Teologia da Libertação a partir do domínio da RCC em todo o Pirambu.

**Figura 23** -Missa de Ação de Graças pela vitória de Maria Luiza Fontenele na Prefeitura de Fortaleza, 23 de novembro de 1985.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 24** -Na foto Padre Haroldo, Maria Luiza e Rosa da Fonseca.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 25** - Missa de Ação de Graças pela vitória de Maria Luiza Fontenele na Prefeitura de Fortaleza, 23 de novembro de 1985.



Fonte: Arquivo pessoal.

### **5.8 O padre e a estrela que brilhou em Fortaleza**

Em 1985, após vinte anos, o Brasil voltou a eleger de forma direta os prefeitos das capitais, antes indicados pelos governadores de cada estado. Em Fortaleza, os movimentos sociais, juntamente às CEBs tiveram uma participação significativa no processo eleitoral, contribuindo fortemente para a vitória de Maria Luiza Fontenele à prefeitura de Fortaleza. No trabalho pastoral dos jovens da Casinha da Praia, como já vimos anteriormente, ocorreu um grande envolvimento da comunidade na candidatura do PT à prefeitura, como se evidencia nas palavras de Francisco de Assis Barroso:

Chegamos o ano de 1985 com uma relação direta da Maria Luiza, na época do PT, com a comunidade de Nossa Senhora das Graças, onde o padre Haroldo era fã. E, nós acreditávamos na proposta dela. Por isso, participamos ativamente dessa luta, juntamente com o padre Haroldo e com a comunidade.<sup>117</sup>

A vitória de Maria Luiza Fontenele considerada azarão na eleição em que o candidato do PMDB, Paes de Andrade, era o favorito, significou muito para os movimentos populares, que comemorou com uma missa em ação de graças no Pirambu, na Paróquia de Nossa Senhora das Graças, em 23 de novembro de 1985. De acordo com o jornal *O Povo*, em sua edição de 24 de novembro de 1985, uma multidão de pessoas, lideranças de movimentos sociais e militantes de esquerda assistiram à missa em ação de graças pela vitória da prefeita eleita, Maria Luiza Fontenele.

A estrela do PT foi manchete nos principais meios de comunicação do país, sendo Maria Luiza Fontenele a primeira mulher eleita prefeita de uma capital e, também, a primeira vitória do PT em um cargo no Executivo nessa dimensão. Sua posse aconteceu no dia 1º de janeiro de 1986, com a participação do então presidente nacional do Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva.

Padre Haroldo Coelho assumiu em janeiro a Secretaria de Educação de Fortaleza com a intenção de levar para as escolas o sentido da consciência coletiva, seguindo os ensinamentos de Paulo Freire. Contudo, acabou encontrando dificuldades para colocar em prática suas ideias revolucionárias, desde a falta de compromisso de servidores da secretaria com a educação à postura corrupta de muitos que pertenciam aos quadros da pasta. O padre tomou consciência de que seriam necessárias mudanças profundas na secretaria e que acabaram não se efetivando, em

---

<sup>117</sup> Entrevista com o Professor Francisco de Assis Barroso, realizada no dia 13/07/2013 em sua residência no bairro de Nossa Senhora das Graças no Pirambu.

razão do pequeno espaço de tempo em que se manteve secretário. Poucos meses depois de assumir a educação, padre Haroldo deixou a secretaria para ser o candidato do PT ao governo do Estado.

Antes da candidatura, o padre participou de vários debates com a militância de esquerda, declarando que só aceitaria o desafio de ser candidato se sua administração fosse diferente. Na época, sua paixão pela Nicarágua deixava clara a tese de mudanças por meio de uma revolução. Revolução – armada ou não – mas que garantisse uma transformação profunda na sociedade e que pudesse libertar os pequenos do estado de opressão. Foram meses de muita correria com a candidatura do padre Haroldo apresentando propostas avançadas e dando visibilidade a um projeto de governo popular. A campanha foi romântica, repleta de atos de coragem e quixotismo. Uma candidatura que compensava a ausência de recursos financeiros mínimos com o recurso da esperança e a força da fé. A música de Gilberto Gil, "Andar com Fé" acalentava corações e mentes.

Haroldo participou de vários pedágios em Fortaleza para arrecadar dinheiro para a campanha. Certa feita, na Avenida Bezerra de Menezes, ao pedir uma ajuda recebeu resposta abusada de um eleitor: "esse candidato além de não nos dar nada, ainda vem pedir dinheiro pra gente". Conduzir a candidatura adiante não foi tarefa fácil.

O comitê de campanha era itinerante. O fusca do padre era pilotado pelo jornalista Paulo Mamede que foi, simultaneamente, o segurança, assessor de imprensa e, também, candidato a deputado estadual. Em tempos mais recentes, um fusquinha vermelho foi usado por Luizianne Lins na campanha para prefeitura de Fortaleza. Pepe Mujica, ex-presidente uruguaio, possui até hoje como único veículo um fusca azul. Padre Haroldo percorreu o Ceará a bordo de um velho e valente fusca bege que não fugiu da luta, iniciada bem nas primeiras horas do dia e se estendiam até muito tarde.

Não passava de cinco horas da manhã quando Paulo Mamede tocou a campainha do apartamento de Padre Haroldo para

começar o dia com uma viagem ao Cariri. Quando chegam à cidade de Barro, distante 387 km da capital, Mamede parou em um posto para abastecer e calibrar os pneus absolutamente carecas e em petição de miséria. Dentro do veículo, muitos cartazes, panfletos e material da campanha. Por fora, o carro era todo enfeitado com propaganda dos candidatos petistas. Foram recepcionados de forma não muito amigável por um caminhoneiro, armado com revólver na cintura e o carro lotado por material do candidato concorrente Adauto Bezerra. Padre Haroldo não se fez de rogado e ali mesmo começou sua pregação:

— Olha, eu sou padre Haroldo, candidato a governador, esse aqui é Paulo Mamede, candidato a deputado estadual.

O motorista do caminhão fechou a cara e ameaçou o intrépido padre candidato. Mamede, mais cuidadoso, apelou:

— Padre, vamos embora. O cara tá armado.

Haroldo arrematou:

— O companheiro está armado? Precisamos voltar essas armas contra a burguesia.

Paulo Mamede tentou disfarçar o indisfarçável, “Eu não sou candidato a nada, sou só motorista”.

Sobreviveram por um milagre, corridos do maldito posto e com o fusquinha cantando os combalidos pneus em direção ao Hotel Granjeiro, no Crato, à espera do comício. Novas aventuras estavam por vir.

Padre Haroldo cismou que precisava ir a Porteiras, distante 96 quilômetros do Crato, para a posse do Sindicato dos Trabalhadores Rurais daquela cidade. Este deslocamento era incompatível porque não daria tempo de ir e voltar para o comício que seria realizado logo mais no Crato, com a presença dos principais líderes do partido no Ceará. Haroldo mostrava-se inflexível, e enquanto debatiam, “molharam a palavra” com uma cachaciinha local. Uma tragédia. Padre Haroldo, não afeito as bebidas que não fosse o vinho das missas, acabou embriagado. Logo na sequência chegaram os principais líderes partidários aliados:

Régis Jucá, candidato ao Senado, Américo Barreira, Gilvan Rocha, Fonseca, Valton Miranda. Mamede mandou colocarem o candidato a governador embaixo do chuveiro, com muita água gelada, por muito tempo, para amenizar os efeitos etílicos. A comitiva reclamou que o padre estava demorando, mas esperou a liturgia do banho/cura acabar. Com o candidato aparentemente refeito, a viagem para Porteiras foi cancelada e o comício do Crato foi um sucesso com o padre Haroldo mais desenvolvido, falando de rebeldia, da heroína local Bárbara de Alencar, primeira presa política da história do Brasil e ficando na ponta dos pés para parecer maior do que realmente era para louvar a sua amada "pequena Nicarágua" e anunciar a iminente queda das oligarquias do campo e do asfalto do Ceará. Haroldo era um gigante, mas as urnas não corresponderam a tamanho esforço.

As eleições de 1986, no Ceará, revelaram algumas ambiguidades em relação ao discurso e à prática política de alguns setores da Igreja Católica. Apesar do candidato do Partido dos Trabalhadores ao governo ser um padre e o slogan da campanha ter inspiração nitidamente religiosa "Bote fé no seu voto", isso não garantiu o apoio da Igreja, principalmente por parte dos níveis hierárquicos superiores à sua candidatura. O que se verificou foi uma adesão de grande parte da Igreja ao candidato do PMDB, o empresário mudancista Tasso Jereissati. De acordo com Carvalho (2009), as temáticas da campanha desse candidato que eram acabar com a miséria no Ceará, modernizar o Estado e lutar contra o coronelismo encontraram grande receptividade por parte de setores importantes da Igreja no Ceará<sup>118</sup>.

Tasso foi eleito governador com expressiva maioria de 61,46% dos votos. Adauto Bezerra, representante do velho coronelismo e da desgastada Ditadura Militar (1964-1985), ficou em segundo lugar com 35,25% dos votos. Padre Haroldo Coelho, que concorreu tendo como vice o médico Valton Miranda Leitão na coligação PT-PSB, obteve apenas 2,97% dos votos.

Apesar do insucesso nas campanhas majoritárias, o PT conseguiu eleger dois representantes à Assembleia Legislativa,

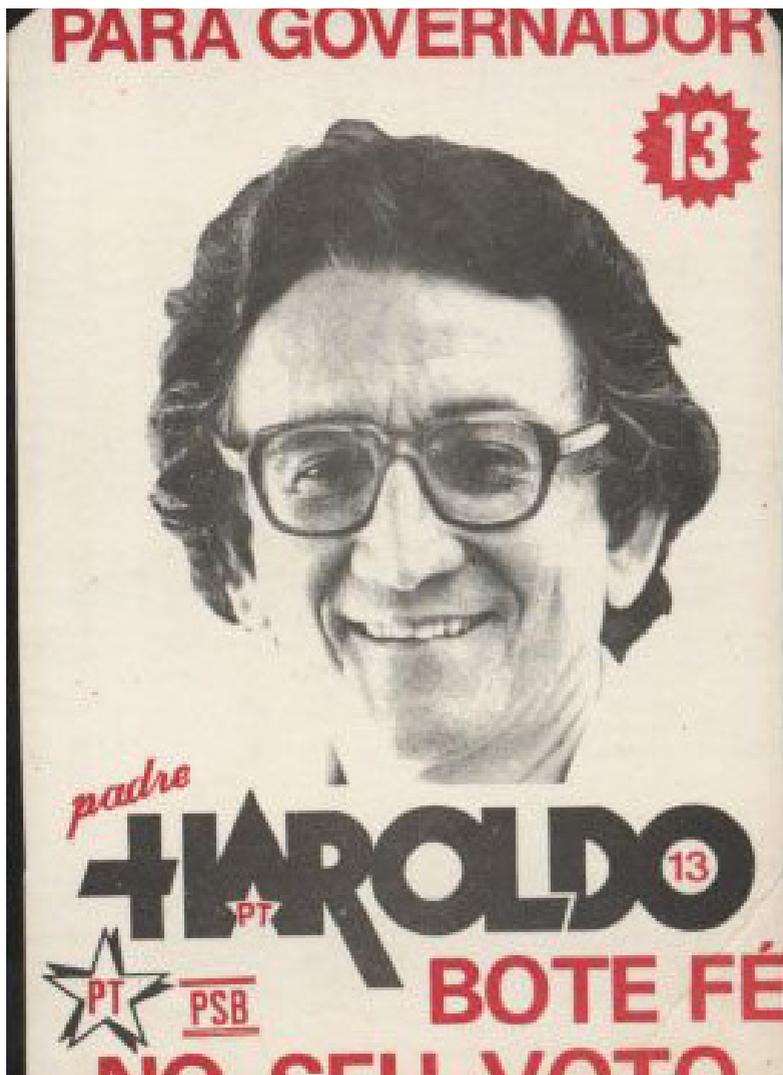
---

<sup>118</sup> Cf. CARVALHO. Op. Cit., p.79-80.

os primeiros deputados petistas no Ceará, os advogados Hilário Marques e João Alfredo Telles Melo, ambos vinculados a movimentos sociais e grupos de igreja. O deputado federal mais votado foi Lúcio Alcântara do Partido da Frente Liberal - PFL, homem de diálogo e que, apesar das diferenças ideológicas, foi amigo fraterno do Padre Haroldo ao longo de muitos anos.

Haroldo Coelho, o candidato padre do PT, perdeu a votação inclusive no seio da Igreja em que militava. Parece claro que, no contexto em evidência, existia certa fragilidade no trabalho desenvolvido nas CEBs dentro de algumas comunidades, onde, de certo modo, predominou o discurso conservador. No Pirambu, verificou-se um retrocesso político com a saída do padre Haroldo da Paróquia de Nossa Senhora das Graças, em janeiro de 1986, para assumir o cargo de Secretário de Educação do Município de Fortaleza, na administração da Prefeita Maria Luiza Fontenele.

**Figura 26** -Cartaz de campanha de Padre Haroldo Coelho ao governo do Ceará em 1986. Na disputa o Padre ficou em terceiro lugar, o coronel Adauto Bezerra (PFL) em segundo lugar e o empresário Tasso Ribeiro Jereissati (PMDB) obteve a vitória com 1.407.693 votos.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 27** -Padre Haroldo, Rosa da Fonseca, Carlos Careca e integrantes do Partido da Revolução dos Trabalhadores pela Emancipação Humana (PART) em 1995.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 28** -Solenidade de entrega da medalha Boticário Ferreira na Câmara Municipal de Fortaleza.



Fonte: Arquivo pessoal do padre Haroldo Coelho.

**Figura 29** - Cesare Battista em Fortaleza em 19 de dezembro de 2011.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 30** -Padre Haroldo Coelho, em seu apartamento na Rua Guilherme Rocha.



Fonte: Arquivo pessoal.

## 5.9 Revoluções por minuto

*Sinais de vida no país vizinho  
Eu já não ando mais sozinho  
Toca o telefone,  
Chega um telegrama enfim  
Ouvimos qualquer coisa de Brasília  
Rumores falam em guerrilha  
Foto no jornal,  
Cadeia nacional.  
(RPM. Revoluções por minuto. Luiz Schiavon/ Paulo Ricardo. LP Rádio Pirata ao vivo. Epic  
Records, 1986.)*

Em 1986, nas rádios de todo o Brasil a Banda RPM era uma das mais tocadas. A juventude e os movimentos sociais faziam suas revoluções por minuto.

Depois que saiu da Paróquia de Nossa Senhora das Graças, Padre Haroldo Coelho tornou-se pároco na Igreja de São Judas Tadeu, no Olavo Bilac.

Em 1988, padre Haroldo Coelho foi notícia na mídia, após reunir o comitê de greve dos operários têxteis na heroica greve da Finobrasa, que durou 23 dias durante o mês de maio. Na época, a Avenida Sargento Hermínio foi fechada para evitar que os operários se aproximassem da fábrica. A Igreja de São Judas Tadeu foi utilizada como ponto de apoio do movimento grevista e as assembleias dos têxteis realizadas no ginásio vizinho à Igreja.

Depois da paróquia São Judas Tadeu, Padre Haroldo Coelho passou pela paróquia Jesus, Maria e José no Antônio Bezerra. Anos depois, passou a celebrar missas nas paróquias de São Francisco e na Igreja do Carmo.

Em 1989, padre Haroldo votou em Lula para presidente do Brasil, em quem via semelhança com Lech Walesa, ex-presidente da Polônia, líder popular, fundador do movimento Solidariedade naquele país. O padre tinha esperança no candidato do PT, mas não alimentava a ilusão de que Lula fizesse uma revolução. Via nesse líder sindical um progressista, aberto, mas que jamais poderia fazer tremer as estruturas fundamentais do capitalismo.

Em 1995, padre Haroldo, Rosa da Fonseca, Jorge Paiva, Maria Luiza e os integrantes do seu grupo político organizaram a campanha de coleta de assinaturas de apoio para a formação do Partido da Revolução dos Trabalhadores pela Emancipação Humana – PART. Contudo, esse movimento acabou não obtendo êxito.

Em 2003, Lula assumiu a presidência do Brasil, padre Haroldo Coelho, com 68 anos de idade, percebeu que na luta pela transformação social, não havia espaço para partido político. Haroldo estava cada vez mais desiludido com os mecanismos de permanência e de exploração do capital. Havia uma crítica radical a todo o sistema. Por isso, desistiu de votar. Sua abstenção ao voto não significou se abster das lutas sociais.

No ano de 2003, padre Haroldo fazia celebrações na paróquia de São Francisco. Ele também rezava missa nas manhãs de domingo na Igreja do Carmo que tem entre os fiéis assíduos o governador Lúcio Alcântara, com quem o padre sempre manteve bom diálogo, apesar das diferenças ideológicas.

Entre o governador e o padre havia um respeito mútuo, embora padre Haroldo Coelho tenha sido sempre crítico das ações dos governantes, dos senadores e dos deputados. Lúcio Alcântara, obviamente, não comungava das ideias subversivas de Haroldo, mas isso não impediu que os dois se tornassem grandes amigos.

Em 2004, padre Haroldo Coelho, que durante uma década acompanhara Maria Luiza Fontenele e o grupo Crítica Radical, afasta-se do movimento e ajuda a fundar no Ceará o Partido Socialismo e Liberdade – PSOL. O velho combatente, decepcionado com a institucionalização e mudança ideológica do PT, depois de passar por várias experiências partidárias e algumas decepções via no novo partido, nascido das entranhas do PT, uma esperança na luta pela transformação social.

Em 2007, padre Haroldo Coelho ficou muito abalado com a notícia da morte do amigo e conselheiro dom Aloísio Lorscheider. O arcebispo, que marcou a Igreja do Ceará, do Nordeste e

do Brasil. Faleceu às 5h30min, do dia 23 de dezembro de 2007, após internação de trinta dias no Hospital São Francisco, em Porto Alegre.

Na opinião de padre Haroldo, Dom Aloísio era um homem comprometido com a Igreja nova e libertadora, um cristão, de sensibilidade evangélica e um grande líder religioso que escutava a todos. Um homem que vivia a serviço da Igreja e de seu povo, sempre aberto as angústias dos mais humildes aos problemas do mundo. Enfim, era um teólogo libertador.

No dia 10 de setembro de 2009, padre Haroldo Coelho foi agraciado com a Medalha Boticário Ferreira. O evento, na Câmara Municipal de Fortaleza, contou com as presenças do ex-governador Lúcio Alcântara, dos vereadores João Alfredo – PSOL e Paulo Facó – PTdoB e outras autoridades. Na ocasião o representante do Pirambu Francisco Carlos da Silva cantou o famoso Hino do Pirambu de 1962.

Em 12 de fevereiro de 2011, padre Haroldo Coelho e militantes do grupo Crítica Radical participam de ato em prol da libertação de Cesare Battista, ex-ativista italiano, preso no Brasil há quase quatro anos, acusado de terrorismo e de entrar no país portando documentos falsos. Na época, o Supremo Tribunal Federal ameaçava entregar Cesare Battista ao governo italiano, que pedia sua extradição. Depois de muita luta o STF decide em oito de junho pela libertação de Cesare.

Em 19 de dezembro, Cesare Battista vem ao Ceará participar do pré-lançamento de seu livro "*Ao pé do muro*" sobre sua experiência no cárcere da Polícia Federal.

O evento ocorrido na Associação dos Docentes da Universidade Federal do Ceará – ADUFC, além do lançamento do livro, foi marcado pela festa de aniversário do italiano que completou na data 57 anos. Participaram do evento a deputada Eliane Noveis do PSB, presidente da Comissão de Direitos Humanos da Assembleia Legislativa, Tarcísio Leitão, ex-candidato ao Senado pelo Partido Comunista Brasileiro – PCB, padre Haroldo Coelho, militante do Partido Socialismo e Liberdade – PSOL e integran-

tes do grupo Critica Radical. Outros grupos políticos, mesmo de esquerda, não participaram desse momento.

A vitória de Batisti foi parcial e mudou com as alterações da conjuntura do país. Em dezembro de 2018, Michel Temer, presidente do país após o golpe contra Dilma Rousseff, autorizou a sua extradição, após o Supremo Tribunal Federal – STF determinar a sua prisão. Cesare Batisti conseguiu fugir mas em janeiro de 2019, foi preso em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia, e deportado para a Itália, onde cumpre pena de prisão perpétua, condenado por terrorismo. Cesare Batisti não foi a única personagem contraditória que Padre Haroldo nutria admiração.

No dia 21 de outubro de 2011, os meios de comunicação anunciaram a morte do líder Líbio, Muammar Kadhafi, com um tiro na cabeça. Padre Haroldo ao ouvir a notícia ficou muito triste, com a morte brutal do líder Líbio, a qual classificou como um assassinato e ficou totalmente indignado com as comemorações feitas pelo mundo.

Padre Haroldo Coelho nutria simpatia pela causa de Kadhafi, por isso foi convidado pelo embaixador da Líbia para participar das comemorações dos 40 anos da Revolução Líbia. Na ocasião, teve a oportunidade de conhecer o sistema político da nação, além de conversar com jovens e conhecer algumas universidades do país. Ao conhecer o país, padre Haroldo concluiu que Kadhafi não era um ditador, mas um governador do país, e que comitês populares eram quem governava de fato. Desse modo, o grande problema da Líbia, na visão de Haroldo, era a economia que possuía o petróleo mais puro do mundo, por isso, acabara por se tornar alvo dos interesses dos Estados Unidos, que jamais se conformava com a nacionalização do petróleo. Em seu apartamento, o padre cultivava cartazes e fotos de Kadhafi, além de um exemplar do *Livro Verde*, utilizado como Constituição da Líbia desde os anos 1970.

**Figura 31** - Padre Haroldo, com a camisa do Ferroviário, seu time de coração, torcendo pelo Ceará.



Fonte: Arquivo pessoal do padre Haroldo Coelho.

**Figura 32** - Padre Haroldo na Praça do Ferreira.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 33** - Padre Haroldo e sua atividade política.



Fonte: Arquivo pessoal.

**Figura 34** - Padre Haroldo Coelho e suas lutas.



Fonte: Arquivo pessoal.

## O Eterno Guerreiro e Militante das causas dos pobres e oprimidos...



*padre*  
**PIETRO**

“O capitalismo é um pecado capital. O socialismo pode ser uma virtude cardeal: somos irmãos e irmãs, a terra é para todos e, como repetia Jesus de Nazaré, não se pode servir a dois senhores, e o outro senhor é precisamente o capital. Quando o capital é neoliberal, de lucro onívoro, de mercado total, de exclusão de imensas maiorias, então o pecado capital é abertamente mortal”.

**Dom Pedro Casaldáliga**

Fonte: Arquivo pessoal.

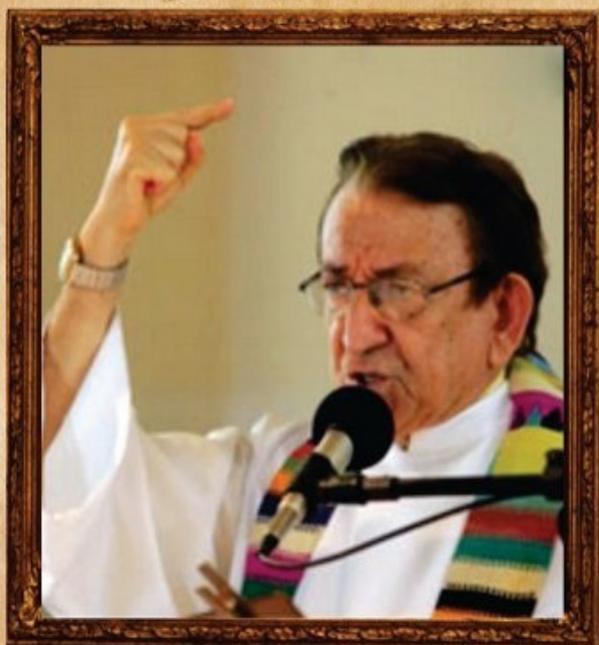
## 5.10 O povo de deus reza, trabalha e se diverte

Padre Haroldo Coelho costumava repetir que o povo de Deus reza, trabalha e se diverte. Seu espírito jovem sempre se manteve vivo até seus últimos dias de vida. Assim, continuou a cultivar amizades com jovens lideranças sociais como a historiadora Dora Gadelha, o ambientalista Rômulo George, o jurista Paulo Pires e tantos mais. Padre Haroldo era o pároco preferido para celebrar os casamentos dos militantes de esquerda, sonhadores de um mundo novo e progressistas.

O velho padre de 70 anos de idade nunca deixou de viver o evangelho na prática. Entusiasta pela luta anticapitalista e anti-imperialista nunca lhe faltou, mesmo estando aposentado e afastado da Igreja, amor às comunidades, em especial ao Pirambu, a quem dedicou anos e onde cultivou grandes amigos. A causa socialista sempre marcou sua vida. Mas não vivia apenas do trabalho e da oração, o velho homem de fé e da luta também nutria uma grande paixão pelo futebol. Seu time de coração era o Ferroviário Atlético Clube, agremiação de origem operária com sede na Barra do Ceará. Haroldo amava futebol e frequentava jogos do Fortaleza e Ceará no estádio Presidente Vargas, chamado carinhosamente de PV. Quando ia ao estádio assistir os jogos dos times cearenses contra times de outros estados usava sempre a camisa coral do Ferroviário, e cartaz de apoio ao time de ocasião. Haroldo era um romântico também no futebol.

Gostava das torcidas ultras, especialmente a "Resistência Coral", que apregoava com faixas nos estádios, "nem a guerra entre as torcidas, nem a paz entre as classes", "Resistência Palestina", "Resistência antimachista", e "Nada diminui nossa paixão incendiária". Haroldo era querido e respeitado pelas galeras alvinegra e tricolor.

*Celebração do Amor e da  
Esperança – 7º Dia*



*Padre Haroldo Coelho*

*À Luta: 24/03/1935*

*Ao Pai: 11/01/2013*

*"Se fizermos o bem, encontraremos o bem  
nesta vida e na outra"*

*Dom Bosco*

Fonte: Arquivo pessoal.

## 5.11 O adeus ao velho homem de fé e da luta

Em dezembro de 2012, padre Haroldo Coelho viajou à Brasília para passar o fim de ano junto a seus familiares. Contudo, na passagem de ano, o padre se sentiu mal e foi levado ao Hospital Daher, no Lago Sul. Com problemas respiratórios foi internado na Unidade de Tratamento Intensivo – UTI, vindo a falecer na noite de sexta-feira, 11/01/2013, aos 77 anos.

O corpo do padre Haroldo chegou a Fortaleza na noite de sábado, dia 12, sendo velado na capela da Igreja de Santa Edwiges. A cerimônia religiosa foi celebrada pelo arcebispo dom José Antônio Marques e por mais seis padres.

Na homilia, o arcebispo fez comovente pronunciamento, enaltecendo o caráter digno, destemido e corajoso do padre Haroldo Coelho. “Ele era um desassossegado com as injustiças sociais, mas, fiel seguidor dos direitos canônicos”. Durante a missa de corpo presente, uma multidão compareceu para prestar-lhe o último adeus.

Representantes do Ferroviário, lideranças de movimentos sociais, representantes de partidos políticos, familiares e amigos estiveram presentes à capela da Igreja de Santa Edwiges. Muitos falaram sobre a trajetória do padre Haroldo, o primeiro a se pronunciar foi o ex-governador e ex-senador, Lúcio Alcântara, destacando a figura marcante do amigo. Relembrou inclusive, as críticas que recebia do padre, durante as missas de 10 horas, na Igreja do Carmo. Mas essas críticas não impediam que os dois se tornassem grandes amigos.

No caixão do velho guerreiro, além de flores, a bandeira do Ferroviário, seu time querido, bandeira da cidade de Fortaleza e do Movimento dos Trabalhadores Sem Terra. O seu sepultamento ocorreu no domingo, dia 13 de janeiro, às 16 horas no Cemitério Parque da Paz. A morte não apagou sua história. Padre Haroldo vive nas melhores lembranças e sonhos de justiça, fé cristã e igualdade social. Sua memória vive nas lutas do seu povo, e nos sonhos de sua gente. Padre Haroldo presente, agora e sempre!

**Figura 35** - Cortejo do corpo do Padre Haroldo Coelho no Cemitério Parque da Paz. Na foto: Maria Luiza Fontenele, o vereador Acrísio Sena e sindicalistas.



Fonte: *Jornal O Povo*.

## 6 FONTES

### 6.1 Orais:

1. Entrevistas com Francisco Carlos da Silva (Carlos Careca), morador do Pirambu. A Entrevista foi realizada no dia 15 de outubro de 2010 e no dia 13 de julho de 2013, em sua residência localizada no bairro de Nossa Senhora das Graças do Pirambu.

2. Entrevista com José Maria Tabosa, morador do Pirambu. A entrevista foi realizada no dia 15 de junho de 2013, em sua residência localizada no bairro do Cristo Redentor no Pirambu.

3. Entrevista com Maria Luiza Fontenele, na época da Marcha do Pirambu em 1962 foi estagiária da Escola do Serviço Social no Pirambu. Em 1985, foi eleita prefeita de Fortaleza com o apoio das CEBs e dos Movimentos Sociais, sua missa de ação de graças ocorreu na paróquia de Nossa Senhora das Graças. A missa foi celebrada pelo Padre Haroldo Coelho. Entrevista realizada em 2013. A entrevista foi realizada no dia 30 de setembro de 2013 em sua residência no Bairro Dionísio Torres.

4. Entrevistas com Francisco de Assis Barroso, morador do Pirambu. Entrevistas realizadas no dia 13 de julho de 2013 e no dia 19 de março de 2014.

5. Entrevista com o advogado Airton Barreto, realizada no dia 27 de março de 2014 na sede do Projeto 4 varas no Pirambu.

6. Entrevista com o Jornalista Paulo Mamede, realizada em 21 de agosto de 2021 na cidade de Icapuí.

## 6.2 Arquivo pessoal e acervo do CPDOC/Pirambu

1. SANTIAGO, Pádua. Palestra gravada em 08/07/1997, onde traça um panorama sobre o bairro do Pirambu. Fortaleza: CPDOC, 1997.

2. Entrevista com o presidente da Associação de Moradores da Rua São Cura D'Ars, o Senhor José Lopes de Macedo. Entrevista realizada pelo CPDOC/Pirambu em 1995.

3. Entrevistas com o Padre José Haroldo Coelho. Entrevista ao Jornal *O Povo* (Caderno Páginas Azuis) em 2003. Entrevista realizada por João Rafael Oliveira Caetano e Antônio de Pádua Santiago de Freitas em 2011.

4. Entrevistas com o Padre Gaetan Minette de Tillesse. Entrevista realizada pelo CPDOC/Pirambu em 1995.

## 6.3 Periódicos:

Jornal *O Povo*, Fortaleza, 21 de julho de 1981.

*O Povo*, Fortaleza, 30 de outubro de 1981.

*Tribuna do Ceará*, Fortaleza, 10 de dezembro de 1981.

*O Povo*, Fortaleza, 13 de junho de 1982.

*O Povo*, Fortaleza, 16 de junho de 1982.

*O Povo*, Fortaleza, 22 de junho de 1982.

*O Povo*, Fortaleza, 15 de julho de 1982.

*O Povo*, Fortaleza, 23 de setembro de 1982.

*O Povo*, Fortaleza, 25 de novembro de 1982.

*O Povo*, Fortaleza, 29 de outubro de 1982.

*Diário do Nordeste*, Fortaleza, 29 de outubro de 1982.

*O Povo*, Fortaleza, 30 de outubro de 1982.

*O Povo*, Fortaleza, 31 de outubro de 1982.

*Diário do Nordeste*, Fortaleza, 2 de novembro de 1982.

*O Povo*, Fortaleza, 24 de novembro de 1982.

*O Povo*, Fortaleza, 29 de novembro de 1982.

*Diário do Nordeste*, Fortaleza, 20 de dezembro de 1982.

*O Povo*, Fortaleza, 22 de dezembro de 1982.

*O Povo*, Fortaleza, 23 de dezembro de 1982.

*Folha de São Paulo*, São Paulo, 29 de janeiro de 1985.

*Diário do Nordeste*, 9 de maio de 1985.

## 7 REFERÊNCIAS

ALVES, Marcio Moreira. **A Igreja e a Política no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1979.

BARREIRA, Irllys Alencar Firmo. Incômodos hóspedes? Notas sobre a participação da Igreja e dos partidos políticos nos movimentos sociais urbanos. In: DELLA CAVA, Ralph et al. **A Igreja nas bases em tempo de transição** (1974-1985). Porto Alegre: L & PM/CEDEC, 1986.

\_\_\_\_\_. **O Reverso das vitrines** – conflitos e cultura política. Rio de Janeiro: Rio Fundo, 1992.

BRAGA, Elza F., BARREIRA, Irllys (orgs.). **A política da escassez**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações, 1991.

BETTO, Frei. **Diário de Puebla**. 2.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1979.

\_\_\_\_\_. **O que é Comunidade Eclesial de Base**. São Paulo: Brasiliense, 1981A.

\_\_\_\_\_. **Puebla para o povo**. Petrópolis: Vozes, 1981B.

BOFF, Clodovis. **Teologia e prática**; teologia do político e suas mediações. Petrópolis: Vozes, 1978.

\_\_\_\_\_. **"A Influência Política das Comunidades Eclesiais de Base"**, Religião e Sociedade, nº 4, outubro de 1979, p. 95-119.

BOFF, Clodovis; BOFF, Leonardo. **Da libertação**: o sentido teológico das libertações sócio-históricas. 4.ed. Petrópolis: Vozes, 1985A.

\_\_\_\_\_. **Teologia da libertação no debate atual**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1985B.

\_\_\_\_\_. **Como fazer teologia da libertação**. 10.ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

BOFF, Leonardo. **Eclesilogênese, as Comunidades Eclesiais de Base Reinventaram a Igreja**, SEDOC, 9 de outubro de 1976, p.395-396.

\_\_\_\_\_. **Igreja, Carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

\_\_\_\_\_. **E a Igreja se fez povo – Eclesilogênese: a Igreja que nasce da fé do povo**. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1991.

\_\_\_\_\_. **O caminhar da Igreja com os oprimidos**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

BORDIN, Luigi. **Marxismo e Teologia da Libertação**. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

BRAGA, Elza F, BARREIRA, Irllys (orgs.). **A política da escassez**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações, 1991.

CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly. Notas sobre a participação da Igreja nas eleições estaduais de 1986. In: CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly (Org.) **O Ceará na década de 1980 – atores políticos e processos sociais**. Campinas, SP: Pontes; Fortaleza, CE: Programa de pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2009.

CATÃO, Francisco A.C. **O que é teologia da libertação**. São Paulo: Nova Cultural/Brasiliense, 1986.

\_\_\_\_\_. **Carismáticos**: um sopro de renovação. São Paulo: Salesiana Dom Bosco, 1995.

CECHINATO, Luiz. **Puebla ao alcance de todos**. Petrópolis: Vozes, 1980.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de fazer; 14 ed. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. - Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

COMBRIN, José. **Os Movimentos e a Pastoral Latino-Americana**. Petrópolis, RJ: Revista Eclesiástica Brasileira (REB), Fasc. 70, 1983.

COMISSÃO ARQUIDIOCESANA DE PASTORAL DOS DIREITOS HUMANOS E MARGINALIZADOS DE SÃO PAULO. Fé e Política – povo de Deus e participação política. Apresentação de Paulo Evaristo Arns. Petrópolis: Vozes, 1981.

CONFERÊNCIA GERAL DO EPISCOPADO LATINO-AMERICANO. Puebla: a evangelização do presente e no futuro da América Latina. 3.ed. Petrópolis: Vozes, 1980.

\_\_\_\_\_. **Conclusões da Conferência de Puebla**. São Paulo: Paulinas, 1979.

\_\_\_\_\_. **Conclusões**: Puebla. Apresentação didática de João Batista Libânio. São Paulo: Loyola, 1979.

COSTA, Maria Gonçalves et al. **Historiando o Pirambu**. Fortaleza: CPDOC/Seriartes Edições, 1995.

DELLA CAVA, Ralph et al. **A Igreja nas bases em tempo de transição (1974-1985)**. Porto Alegre: L & PM/CEDEC, 1986.

DISCURSOS DE JÃO PAULO II NO BRASIL. São Paulo: Editora "Ave Maria", 1980.

DOIMO, Ana Maria. **Movimento Social Urbano, Igreja e Participação Popular**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1984.

DUSSEL, Enrique D. Caminhos de libertação latino-americana. Tomo I – **Interpretação histórico-teológica**. Tradução de José Carlos Barcellos e Hugo Toschi. São Paulo: Paulinas, 1984.

EZCURRA, Ana Maria. A Agressão Ideológica: Neoconservadorismo, Nova Direita e Neocristandade. In: SECRETARIADO INTERNACIONAL CRISTÃO DE SOLIDARIEDADE COM A AMÉRICA LATINA "OSCAR A. ROMERO". **A Igreja e a libertação dos Povos**. Tradução de Darcy Andrózia Azevedo. São Paulo: Ícone Editora, 1985A.

EZCURRA, Ana Maria. **O Vaticano e o Governo Reagan**. São Paulo: Hucitec, 1985B.

FAUSTO, Boris. **História do Brasil**. 14.ed.- São Paulo: Editora Universidade de São Paulo, 2012.

FERNANDES, Adelita N. Carleial. et al. Movimentos Sociais Urbanos em Fortaleza: trajetórias de um novo sujeito social. In: BRAGA, Elza F, BARREIRA, Irllys (orgs.). **A política da escassez**. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha/Stylus Comunicações, 1991.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Tradução de Raquel Ramallete. 35 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

\_\_\_\_\_. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 18.ed. São Paulo: Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. Ditos e escritos, Volume IV: **estratégia, poder-saber**. Org. Manoel Barros da Motta; Tradução de Vera Lúcia Avelar Ribeiro. 3.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

\_\_\_\_\_. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8.ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013.

GOHN, Maria da Glória. **Movimentos sociais e lutas pela Moradia**. São Paulo: Loyola, 1991.

\_\_\_\_\_. **História dos movimentos e lutas sociais**: a construção da cidadania dos brasileiros. 7.ed. São Paulo: Loyola, 2012.

\_\_\_\_\_. **Movimentos Sociais e redes de mobilizações civis no Brasil contemporâneo**. 5.ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

GUTIÉRREZ, Gustavo. **Pobres e Libertação em Puebla**. Tradução de Benôni Lemos. São Paulo: Edições Paulinas, 1980.

\_\_\_\_\_. **A força história dos pobres**. Tradução de Álvaro Cunha. Petrópolis, RJ: Vozes, 1981.

\_\_\_\_\_. **Teologia da Libertação** – perspectivas. São Paulo: Loyola, 2000.

LEORATO, Massimiliano. **CEBs**: gente que se faz gente na Igreja. São Paulo: Paulinas, 1987.

LIBÂNIO, João Batista. **Teologia da Libertação**: roteiro didático para um estudo. São Paulo: Loyola, 1987.

\_\_\_\_\_. **Teologia da Libertação**: esquerda católica e inserção – Considerações em torno dos temas centrais. PLURA, **Revista de Estudos de Religião**, vol. 3, nº 1, 2012, p.4-25.

Mc DONALD, Brendan Coleman et al... **O perfil da Igreja no Ceará**. Fortaleza: UFC, 1997.

MAINWARING, Scott. **A Igreja Católica e a política no Brasil (1916-1985)**. Tradução de Heloisa Braz de Oliveira Prieto. São Paulo: Brasiliense, 2004.

\_\_\_\_\_. A Igreja Católica e o Movimento Popular: Nova Iguaçu – 1974-1985. In: DELLA CAVA, Ralph et al. **A Igreja nas bases em tempo de transição (1974-1985)**. Porto Alegre: L & PM/CEDEC, 1986.

MATOS, Henrique Cristiano José. **CEBs: uma interpelação para o cristão hoje**. São Paulo: Paulinas, 1985.

MATOS, Kelma Socorro Lopes de. **Nas trilhas da experiência: a memória, a crise e o saber do movimento popular**. Fortaleza: Universidade de Fortaleza, 1998.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História Oral e memória: a cultura popular revisitada**. 3.ed. São Paulo: Contexto, 1994.

MUÑOZ, Ronaldo. **Evangelho e Libertação na América Latina: a teologia pastoral de Puebla**. São Paulo: Paulinas, 1981.

OLIVEIRA, Anazir Maria de; CARVALHO, Cyntia Paes de. **Favelas e as organizações comunitárias**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1993.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do Espírito**: a renovação conservadora do catolicismo carismático. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1997.

REGAN, David. **Igreja para a libertação**: retrato pastoral da Igreja no Brasil. Tradução de José W. de Andrade. São Paulo: Paulinas, 1986.

RIBEIRO, Cláudio de Oliveira. **A Teologia da Libertação Morreu?** – Reino de Deus e Espiritualidade Hoje. São Paulo: Fonte Editorial; Aparecida, SP: Editora Santuário, 2010.

RODRIGUES, Maria Lúcia Timbó. **Foi aqui que eu me tornei público** – Pirambu: o bairro como espaço de socialização e cultura política. Dissertação de Mestrado. Fortaleza: Universidade Federal do Ceará.

SALEM, Helena (Org.). **A Igreja dos Oprimidos**. Col. Brasil Hoje nº 3. São Paulo: Ed. Brasil Debates, 1981.

SANTOS, Irinéia Maria Franco dos. **Luta e perspectivas da Teologia da Libertação**: o caso da Comunidade São João Batista, Vila Rica, São Paulo (1980-2000). Dissertação de Mestrado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2006B.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Movimentos Sociais**: um ensaio de interpretação sociológica. 3.ed. Florianópolis, SC: UFSC, 1989.

\_\_\_\_\_. **Redes de Movimentos Sociais**. 4.ed. São Paulo: Loyola, 2009.

SECRETARIADO INTERNACIONAL CRISTÃO DE SOLIDARIEDADE COM A AMÉRICA LATINA "OSCAR A. ROMERO". A Igreja e a libertação dos Povos. Tradução de Darcy Andrózia Azevedo. São Paulo: Ícone, 1985.

SEGUNDO, Juan Luis. **Ação pastoral latino-americana: seus motivos ocultos.** Tradução de BennoBrod. São Paulo: Loyola, 1978.

SILVA, José Borzacchiello da. **Quando os incomodados não se retiram: uma análise dos movimentos sociais em Fortaleza.**-Fortaleza: Multigraf Editora, 1992.

SOARES, Claudete Gomes. **Teologia da libertação no Brasil: Aspectos de uma crítica político-teológico à sociedade capitalista.** Dissertação de Mestrado. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2000.

SOBRINO, Jon. **Espiritualidade da libertação – estruturas e conteúdos.** Tradução de AttílioCancian. São Paulo: Loyola, 1992.

SOUSA, Ronaldo José de. **Carisma e instituição: relações de poder na Renovação Carismática Católica do Brasil.** Aparecida, SP: Editora Santuário, 2005.

SOUZA, Simone. As Interventorias no Ceará (1930-1935). In: SOUZA, Simone (Org.) **História do Ceará.** Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 1995.

TABOSA, José Maria. Vivências, lutas e memórias: história de vida e luta comunitária em Fortaleza. In: CEARAH Periferia. **Vivências, lutas e memórias: história de vida de lideranças comunitárias em Fortaleza.** Coord., GuillaumeCabanés. Introd. José Borzacchiello da Silva. Análise de Elza Franco Braga. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002.

TELLES, Vera Silva. Anos 70: Experiências e Práticas Cotidianas. In: DELLA CAVA, Ralph et al. **A Igreja nas bases em tempo de transição (1974-1985).** Porto Alegre: L & PM/CEDEC, 1986.

TILLESSE, Pe. Caetano Minette de. **A Teologia da Libertação à Luz da Renovação Carismática**. 3ªed. São Paulo: Loyola, 1982.

TONUCCI, Paulo Maria. **Teologia da libertação**, o que é? Petrópolis: Vozes, 1984.

VASCONCELOS, José Gerardo. O papel da Igreja no Ceará: luta, resistência e refluxo. In: Mc DONALD, Brendan Coleman; ALBUQUERQUE, Benedito Francisco (Org.). **O perfil da Igreja no Ceará**. Fortaleza: UFC, 1997.

VIDALES, Raul. A ofensiva contra o projeto de vida e contra a Igreja que nasce do povo. In: SECRETARIADO INTERNACIONAL CRISTÃO DE SOLIDARIEDADE COM A AMÉRICA LATINA "OSCAR A. ROMERO". A Igreja e a libertação dos Povos. Tradução de Darcy Andrózia Azevedo. São Paulo: Ícone Editora, 1985.

# HINO NACIONAL BRASILEIRO

Música de Francisco Manoel da Silva  
Letra de Joaquim Osório Duque Estrada

Ouviram do Ipiranga as margens plácidas  
De um povo heróico o brado retumbante,  
E o sol da Liberdade, em raios fúlgidos,  
Brilhou no céu da Pátria nesse instante.

Se o penhor dessa igualdade  
Conseguimos conquistar com braço forte,  
Em teu seio, ó Liberdade,  
Desafia o nosso peito a própria morte!

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, um sonho intenso, um raio vívido  
De amor e de esperança à terra desce,  
Se em teu formoso céu, risonho e límpido,  
A imagem do Cruzeiro resplandece.

Gigante pela própria natureza,  
És belo, és forte, impávido colosso,  
E o teu futuro espelha essa grandeza

Terra adorada,  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

Deitado eternamente em berço esplêndido,  
Ao som do mar e à luz do céu profundo,  
Fulguras, ó Brasil, florão da América,  
Iluminado ao sol do Novo Mundo!

Do que a terra mais garrida  
Teus risonhos, lindos campos têm mais flores;  
“Nossos bosques têm mais vida”,  
“Nossa vida” no teu seio “mais amores”.

Ó Pátria amada,  
Idolatrada,  
Salve! Salve!

Brasil, de amor eterno seja símbolo  
O lábaro que ostentas estrelado,  
E diga o verde-louro desta fâmula  
– Paz no futuro e glória no passado.

Mas, se ergues da justiça a clava forte,  
Verás que um filho teu não foge à luta,  
Nem teme, quem te adora, a própria morte.

Terra adorada  
Entre outras mil,  
És tu, Brasil,  
Ó Pátria amada!

Dos filhos deste solo és mãe gentil,  
Pátria amada,  
Brasil!

# HINO DO ESTADO DO CEARÁ

Letra: Thomaz Pompeu Lopes Ferreira

Música: Alberto Nepomuceno

Terra do sol, do amor, terra da luz!  
Soa o clarim que a tua glória conta!  
Terra, o teu nome, a fama aos céus remonta  
Em clarão que seduz!  
- Nome que brilha, esplêndido luzeiro  
Nos fulvos braços de ouro do cruzeiro!

Mudem-se em flor as pedras dos caminhos!  
Chuvas de prata rolem das estrelas...  
E, despertando, deslumbrada ao vê-las,  
Ressoe a voz dos ninhos...  
Há de aflorar, nas rosas e nos cravos  
Rubros, o sangue ardente dos escravos!

Seja o teu verbo a voz do coração,  
- Verbo de paz e amor, do Sul ao Norte!  
Ruja teu peito em luta contra a morte,  
Acordando a amplidão.  
Peito que deu alívio a quem sofria  
E foi o sol iluminando o dia!

Tua jangada afoita enfune o pano!  
Vento feliz conduza a vela ousada;  
Que importa que teu barco seja um nada,  
Na vastidão do oceano,  
Se, à proa, vão heróis e marinheiros  
E vão, no peito, corações guerreiros?!

Sim, nós te amamos, em ventura e mágoas!  
Porque esse chão que embebe a água dos rios  
Há de florir em messes, nos estios  
Em bosques, pelas águas!  
Selvas e rios, serras e florestas  
Brotem do solo em rumorosas festas!

Abra-se ao vento o teu pendão natal,  
Sobre as revoltas águas dos teus mares!  
E, desfraldando, diga aos céus e aos ares  
A vitória imortal!  
Que foi de sangue, em guerras leais e francas,  
E foi, na paz, da cor das hóstias brancas!



## **Assembleia Legislativa do Estado do Ceará**

### **Mesa Diretora**

Biênio 2021-2022

Deputado Evandro Leitão  
Presidente

Deputado Fernando Santana  
1º Vice-Presidente

Deputado Danniel Oliveira  
2º Vice-Presidente

Deputado Antônio Granja  
1º Secretário

Deputado Audic Mota  
2º Secretário

Deputada Érika Amorim  
3ª Secretária

Deputado Apóstolo Luiz Henrique  
4º Secretário

# INESP

INSTITUTO DE ESTUDOS E PESQUISAS SOBRE  
O DESENVOLVIMENTO DO ESTADO DO CEARÁ

João Milton Cunha de Miranda  
Diretor Executivo

## EDIÇÕES INESP

Ernandes do Carmo  
Orientador da Célula de Edição e Produção Gráfica

Cleomárcio Alves (Márcio), Francisco de Moura,  
Hadson França, Edson Frota e João Alfredo  
Equipe de Acabamento e Montagem

Aurenir Lopes e Tiago Casal  
Equipe de Produção em Braille

Mário Giffoni  
Diagramação

José Gotardo Filho e Valdemice Costa (Valdo)  
Equipe de Design Gráfico

Rachel Garcia Bastos de Araújo  
Redação

Valquíria Moreira  
Secretária Executiva / Assistente Editorial

Manuela Cavalcante  
Secretaria Executiva

Luzia Lêda Batista Rolim  
Assessoria de Imprensa

Lúcia Maria Jacó Rocha, Vânia Monteiro Soares Rios e Sandra Bastos Mesquita  
Equipe de Revisão

Marta Lêda Miranda Bezerra e Maria Marluce Studart Vieira  
Equipe Auxiliar de Revisão

Site: [http://www.al.ce.gov.br/index.php/institucional/  
instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara](http://www.al.ce.gov.br/index.php/institucional/instituto-de-estudos-e-pesquisas-sobre-o-desenvolvimento-do-ceara)

E-mail: [presidenciainesp@al.ce.gov.br](mailto:presidenciainesp@al.ce.gov.br)

Fone: (85) 3277-3701



**Assembleia Legislativa  
do Estado do Ceará**

Assembleia Legislativa do Estado do Ceará  
Av. Desembargador Moreira 2807,  
Dionísio Torres, Fortaleza, Ceará, CEP 60.170-900  
Site: [www.al.ce.gov.br](http://www.al.ce.gov.br)  
Fone: (85) 3277-2500



## Assembleia Legislativa do Estado do Ceará

### Mesa Diretora 2021-2022

Deputado Evandro Leitão  
Presidente

Deputado Fernando Santana  
1º Vice-Presidente

Deputado Dannel Oliveira  
2º Vice-Presidente

Deputado Antônio Granja  
1º Secretário

Deputado Audic Mota  
2º Secretário

Deputada Érika Amorim  
3ª Secretária

Deputado Apóstolo Luiz Henrique  
4º Secretário

**EDIÇÕES  
INESP  
DIGITAL**



Escaneie o QR CODE  
e acesse nossas  
publicações